



Programa de Pós-Graduação  
em Estudos Linguísticos



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**  
Curso Reconhecido pelo MEC, Portaria 485 de 14/05/2020, publicada no D.O.U 18/05/2020

**JUSSARA SANTANA PEREIRA**

**PSICOPATOLOGIA E SEXUALIDADE: (A)NORMALIDADE DO CORPO  
NO DISCURSO DA “CURA GAY” EM VÍDEOS DO *YOUTUBE***

Feira de Santana-BA  
2022

**JUSSARA SANTANA PEREIRA**

**PSICOPATOLOGIA E SEXUALIDADE: (A)NORMALIDADE DO CORPO  
NO DISCURSO DA “CURA GAY” EM VÍDEOS DO *YOUTUBE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito no processo de obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Nilton Milanez

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

### **Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado**

P492p Pereira, Jussara Santana  
    Psicopatologia e sexualidade: (A) normalidade do corpo no discurso da “Cura Gay” em vídeos do Youtube / Jussara Santana Pereira. –,2022.  
    116.: il.

    Orientador: Nilton Milanez  
    Dissertação(mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos linguísticos, 2022.

    1. Estudos linguísticos – Relações sociais. 2. “Cura gay” - Discurso. 3. “Cura gay”- Sexualidade - Psicopatologia. 4. Youtube (mídia social online). I. Silva, Silvone Santa Bárbara da, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

    CDU: 801

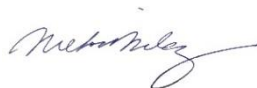
**JUSSARA SANTANA PEREIRA**

**PSICOPATOLOGIA E SEXUALIDADE: (A)NORMALIDADE DO CORPO  
NO DISCURSO DA “CURA GAY” EM VÍDEOS DO *YOUTUBE***

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

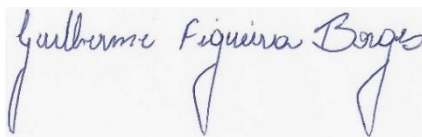
Aprovada em 17 de fevereiro de 22

**BANCA EXAMINADORA:**



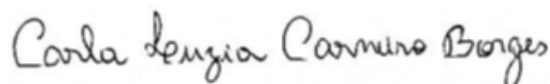
---

Prof. Dr. Milton Milanez  
Orientador (UEFS)



---

Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges  
Avaliador Externo (UFAC)



---

Profa. Dra. Carla Luzia Carneiro Borges  
Avaliadora Interna (UEFS)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que tiveram seu corpo tratado como objeto de um conhecimento que os desumanizava e marginalizava sua subjetividade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, normalmente eu não sou uma pessoa que exponho minha fé diariamente, minha relação com Deus é muito íntima e por isso não acho que deva ser exposta como uma propaganda da minha conduta, como comumente vejo. Eu acredito num Deus que acolhe, dá forças e que nos coloca no caminho da redenção, esse Deus esteve presente no meu coração quando me sensibilizou sobre os assuntos ligados a sexualidade e toda violência praticada em seu nome.

Agradeço ao meu pai e minha mãe, desde pequena eu nunca fui desacreditada e isso formou em mim uma fé na minha capacidade de ler o mundo a minha volta e de superar as dificuldades. Essa fé esteve presente desde o processo seletivo para o mestrado e foi o combustível que moveu meus dedos no teclado. Vocês foram pacientes e me suportaram em dias nos quais eu mesma não me suportava.

Agradeço ao meu orientador, Nilton Milanez, pela condução nesse empreitada, sua inteligência e sagacidade foram cruciais para que eu pudesse desenvolver o meu projeto, despertando sempre um olhar curioso diante dos fatos sociais, tão necessário na vida acadêmica.

Jéssica foi um brisa suave na turbulência desses dois anos, te agradeço, pois desde o início me tranquilizou com a sua positividade saudável.

Ismarina, minha companheira nessa odisseia, eu não tenho palavras para agradecer sua parceria, você é uma amiga que eu quero levar pra vida.

Agradeço à Ana Rita Ferraz e Robérico Celso, professores que se tornaram amigos, por estarem sempre me incentivando a buscar conhecimento.

Muitas outras pessoas foram importantes nessa trajetória, apesar de não citar todos os nomes aqui sou agradecida por cada palavra de incentivo recebida.

## RESUMO

Essa pesquisa orienta-se à analisar a sexualidade e psicopatologia presente no discurso da “cura gay”, seus efeitos nos corpos e nas relações sociais próprias da atualidade. O método acontecerá através da análise de situações sociais expostas em vídeos do YouTube, no período de 2011 até 2019, problematizando os depoimentos enunciados pela “cura gay”, nas séries de vídeos selecionados e agrupados segundo as seguintes temática: campo jurídico, religioso, médico-psicológico e enunciados do presidente da república. A analítica também contará com a metodologia de pesquisa Foucaultiana, denominada, arqueogenealogia. Com o objetivo de compreender como a construção desse discurso age provocando a categorização e exclusão social dos corpos na expressão das suas sexualidades, através da descrição de fatos sociais e históricos que embasam emergência da homossexualidade como patologia e seu deslocamento à normalidade no campo científico e jurídico em contraposição com o discurso patologizante da “cura gay”.

**Palavras-chave:** “Cura gay”. Sexualidade. Psicopatologia. YouTube. Corpo.

## ABSTRACT

This research is oriented towards analyzing the sexuality and psychopathology present in the discourse of the “gay cure”, its effects on bodies and on social relations typical of today. The method will take place through the analysis of social situations exposed in YouTube videos, from 2011 to 2019, problematizing the testimonies enunciated by the "gay cure", in the series of videos selected and grouped according to the following themes: legal, religious, medical field. -psychological and statements of the president of the republic. The analysis will also rely on the Foucaultian research methodology, called archegenealogy. In order to understand how the construction of this discourse causes the categorization and social exclusion of bodies in the expression of their sexualities, through the description of social and historical facts that support the emergence of homosexuality as a pathology and its displacement to normality in the scientific and legal field in contrast to the pathologizing discourse of the “gay cure”.

**Keywords:** “Gay cure”. Sexuality. Psychopathology. YouTube. Body.



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>LABEDISCO</b>	Laboratório de estudos discursivos e do corpo
<b>AD</b>	Análise do discurso
<b>LGBTQIA+</b>	Lesbiscas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexos, assexuados, etc.
<b>LGBTQIAP+</b>	Lesbiscas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexos, assexuados, pansexuais, etc.
<b>GLS</b>	Gays, lesbicas e simpatizantes
<b>DSM</b>	Manual Diagnóstico Estatístico
<b>OMS</b>	Organização Mundial de Saúde
<b>CID-10</b>	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a saúde
<b>APA</b>	Associação Americana de Psiquiatria
<b>CFP</b>	Conselho Federal de Psicologia
<b>DNA</b>	Ácido desoxirribonucleico
<b>MPB</b>	Música Popular Brasileira
<b>ED</b>	Edição

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: amostra do *corpus*

49

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cartaz do Filme "Um estranho no ninho"	15
Figura 2 - Imagem inicial do vídeo "Jair Bolsonaro elogia economia e faz piada homofóbica: 'hétero virou qualidade", no Youtube.	63
Figura 3 - Imagem do vídeo " Cura gay: defensoria intervém na ação que permite tratar a homossexualidade como doença", no Youtube.	65
Figura 4 - Imagem inicial do vídeo "VOCÊ TEM UMA CARA DE HOMOSSEXUAL TERRÍVEL", DIZ BOLSONARO PARA REPÓRTER  UOL TRENDS", no Youtube.	67
Figura 5 - Imagem do vídeo "União homoafetiva e cura gay fora pontos questionados em sabatina no PGR", no YouTube.	73
Figura 6 - Imagem inicial do vídeo "Silas Malafaia audiência homossexualismo 29/11/11", no Youtube.	74
Figura 7 - Imagem do vídeo "Bolsonaro critica decisão do STF sobre homofobia  SBT Brasil (14/06/19), no Youtube.	76
Figura 8 - Imagem inicial do vídeo "Silas Malafaia audiência homossexualismo 29/11/11", no Youtube.	80
Figura 9 - Imagem inicial do vídeo: Aspectos genéticos da homossexualidade, no YouTube	83
Figura 10 - Imagem do vídeo "Cura gay. Isso existe?", no You Tube.	85
Figura 11 - Imagem do vídeo "Cura gay. Isso existe?", no You Tube.	89
Figura 12 - Imagem do Youtube do lembrete "quando necessário apenas".	90
Figura 13 - Fotocópia do vídeo no Youtube no qual Ney Matogrosso interpreta a canção Mal Necessário.	93
Figura 14 - Imagem inicial do vídeo: Jovem deixa de viver a prática homossexual 22/9/15 Bloco 2.	95
Figura 15 - Imagem inicial do vídeo: Testemunho - Felipe Valentino (ex travesti), no Youtube.	99
Figura 16 - Fotocópia do momento no qual Felipe Valentino, da audiovisualidade "Testemunho – Felipe Valentino (ex travesti)", corta seu cabelo, retirada do Youtube.	102
Figura 17 - Fotocópia do momento no qual é mostrado Rafael caracterizado como travesti, na audiovisualidade "Jovem deixa de viver a prática homossexual 22/09/15	102

bloco 2.

Figura 18 -Imagem inicial do vídeo “Cura gay: terapia ou tortura? A verdade! - Põe na Roda”, no Youtube. 104

Figura19 - Fotocópia do momento no qual Raiane desabafa e chora. 107

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>QUEM É O SUJEITO QUE ESCREVE?</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>A (DES)ORDEM NO DISCURSO DA “CURA GAY</b>	<b>20</b>
<b>2.1</b>	<b>COMPONDO FLUXOS DE FORÇAS: PISTAS PARA UMA ANALÍTICA DO CORPO SEXUAL NO DISCURSO DA “CURA GAY” NA ATUALIDADE</b>	<b>38</b>
<b>2.1.1</b>	<b>Suporte teórico para abordagem metodológica e corpus da pesquisa</b>	<b>42</b>
<b>2.1.2</b>	<b>Audiovisualidades em pauta: corpus da pesquisa</b>	<b>46</b>
<b>3</b>	<b>NORMAS DE ATUAÇÃO PARA OS PSICÓLOGOS NO SENADO FEDERAL: “CURA GAY”, POLÍTICA E SEXUALIDADE</b>	<b>52</b>
<b>3.1</b>	<b>TRÍPLICE ALIANÇA: SEXO, POLÍTICA E ESTADO</b>	<b>56</b>
<b>3.2</b>	<b>BIOPOLÍTICA E SEXUALIDADE NA “CURA GAY”</b>	<b>64</b>
<b>3.3</b>	<b>DIREITOS SEXUAIS NO SENADO: TENSÕES PARA ALÉM DA “CURA GAY”</b>	
<b>4</b>	<b>A ESFINGE DA ABORDAGEM BIOMÉDICA DE GÊNERO</b>	<b>79</b>
<b>5</b>	<b>RELIGIÃO E CARNE: UMA FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA BASEADA NUMA CIÊNCIA DA VIDA</b>	<b>93</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>109</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>113</b>
	<b>YOUTUBOLOGIA</b>	<b>116</b>

## 1 QUEM É O SUJEITO QUE ESCREVE?

A psicopatologia do século XIX (e talvez ainda a nossa) acredita situar-se e tomar suas medidas com referência num homo natura ou num homem normal considerado como um dado anterior a toda experiência da doença. Na verdade, esse homem normal é uma criação.

(Foucault, 1972, p. 148)

No livro “*A história da loucura na Idade clássica*”, Foucault (1972) ao mesmo tempo que delineia os caminhos históricos que constituíram a figura do louco na psiquiatria e psicologia moderna, tece sagazmente críticas a configuração da normalidade moderna, configuração está que se estende até os dias de hoje. Foucault, resgata a história para pensar o presente, e é fazendo uso desse mesmo movimento que resgato Foucault nessa pesquisa para pensar a atualidade da psicopatologia e da normalidade nesse momento de escrita.

Dou início ao processo de introduzir a leitura da analítica que irei realizar com esse trecho do livro “*A história da loucura na Idade clássica*”, pois esse trecho sintetiza a temática, sobre a qual a curiosidade inicial, necessário para se começar uma pesquisa, foi gerada: a experiência da psicopatologia e sua relação com a normalidade. Essa temática esteve presente em toda a minha trajetória acadêmica, pois sou graduada em psicologia e ao longo do curso a questão sobre o que é ou não normal e por que isso deve ser patologizado sempre me inquietou.

Creio que essa seja a grande questão da psicologia, compreender porque alguma coisa é normal e porque outra é patológica, mas de qualquer forma, essa sempre foi a minha questão motivadora para permanecer no curso. Na primeira semana de aula, organizada para recepcionar os novos alunos, ainda com 18 anos de idade, e cheia de dúvidas sobre o futuro e novas responsabilidades vindas com a maioridade, me questionava sobre se a psicologia seria a melhor opção diante de outros cursos que podiam me oferecer mais oportunidade no mercado de trabalho e melhor remuneração, fui surpreendida com o filme “*Um estranho no Ninho*” (MILOS FORMAN, 1975).

Figura 1- Cartaz do Filme "Um estranho no ninho"



Fonte: imagem da internet

O filme “Um estranho no Ninho”, ganhador de 5 Oscar e aclamado pela crítica é uma crítica ao conceito de doença mental e a psiquiatria. No Filme, um homem, interpretado por Randle McMurphy, se passa por louco para escapar de uma sentença na cadeia e acaba sendo internado em um hospital psiquiátrico. Sua estadia nesse local questiona a forma como se define doença mental, como as pessoas colocadas como doentes mentais são tratadas, levando-nos a questionar como as formas de tratamento muitas vezes se resumem a exclusão social e estigmatização, agindo mais como adoecedoras do que qualquer outra coisa.

O filme traz muitas críticas importantes e em muitos momentos é pesado assisti-lo, mas também há momentos que são como um sopro de ar fresco que nós faz respirar levemente em alguns momentos e até ser esperançosos quanto ao seu desfecho. Esse momentos dizem respeito a atitude contante que o sujeito interpretado por Randle McMurphy

possui, ele de tentar constantemente despertar os desejos nos internados numa busca de liberdade tanto individual como coletiva.

Esse filme, assistido na primeira semana da minha graduação, se conecta com o início das minhas pesquisas em Foucault no último semestre da graduação, onde, buscando uma identidade própria e uma temática que me inquietasse e causasse impacto social, para além da clínica. Essa conexão se estende a essa pesquisa voltada para a temática do corpo investido pelo discurso da cura gay, pois esse é um corpo atravessado também pelo discurso da doença mental, patologizado e excluído.

Ler Foucault é uma experiência intensa, assim também foi as condições que me trouxeram a essa pesquisa, possuindo esse autor como pensador principal para desenvolver a análise dos efeitos nos corpos, de sujeitos submetidos aos procedimentos do campo discursivo formado pela proposta da “cura gay”, em vídeos do *YouTube*, no período de 2011 a 2019. No início das minhas pesquisas para construção do trabalho de conclusão de curso.

Quando terminei o trabalho de conclusão de curso já estava totalmente envolvida pela ideia de Foucault e por seus questionamentos, tudo ao meu redor lembrava seus escritos, a academia, a escola, a saúde, os prédios, a organização no interior das casas, os noticiários, pois Foucault é como uma lente polida para mostrar os jogos de poder mais microfísicos. Em seguida, antes mesmo de estar com o diploma de psicóloga em mãos, usando apenas um atestado de conclusão de todos os requisitos do curso, me inscrevi na seleção para a especialização de Filosofia, pois sabia que esse seria um espaço onde encontraria condições para estudar mais sobre Foucault.

Na especialização em filosofia aprofundei os estudos das obras do autor e comecei a pesquisar sobre corpo e moralidade nas aulas transcritas do autor, principalmente as presentes no livro “*Os anormais*”, entre outros livros que me ajudaram a entender conceitos estratégicos no pensamento Foucaultiano. Nesse período tive contato com a divulgação de seminários sobre Foucault realizados pelo LABEDISCO (laboratório de estudos do discurso e do corpo, foi quando encontrei um espaço no qual vários estudiosos, liderados por Nilton Milanez, na Universidade na qual sempre estudei, haviam construído um trabalho de pesquisa que pensava a atualidade, o corpo e a sexualidade de forma única, usando uma das materialidades mais atuais existentes, a saber, vídeos do Youtube.

Os seminários eram enriquecedores, estudar Foucault individualmente pode ser encantador, mas nada se compara a discutí-lo com um grupo de leitores dedicados, como os



que encontrei, não havia nada do tipo, nem na psicologia, nem na filosofia. Ainda estava concluindo a pesquisa desenvolvida na especialização quando o edital do Mestrado em estudos Linguísticos foi aberto, e naquele momento, nada poderia ser mais atrativo para uma leitora de Foucault do que participar desse grupo e desenvolver uma pesquisa voltada para o corpo e o processo de patologização que desde sempre me inquietou.

E assim, em um intervalo de menos de um ano eu havia acabado de concluir uma graduação, passado na especialização, e ainda no meio de uma pesquisa começado uma segunda, estava completamente voltada para os escritos de Foucault e afetada pela intensidade temporal e emocional que só quem acredita no poder de impacto que os estudos Foucaultinos da atualidade possui é capaz de experimentar.

No interior desse turbilhão de afetos surgiu o seguinte problema de pesquisa: por que mesmo depois da homossexualidade ter passado para o campo na normalidade jurídica, médica e psicológica, ainda há na nossa sociedade um discurso que a remete ao campo do anormal como o da “cura gay”? Esse questionamento surge de um atravessamento da minha trajetória na psicologia, dos meus estudos sobre o corpo em Foucault, na filosofia, juntamente com as influências dos seminários promovidos pelo LABEDISCO, dos quais participei.

Mesclar meu histórico vindo da psicologia com a análise do discurso foi desafiador, mas também revelador, é incrível como a análise do discurso é uma disciplina transversal, dito de outro modo, como nos pontua Orlandi (2017), a análise do discurso é um disciplina que está no entremeio entre as disciplinas voltadas para as ciências sociais e as disciplinas estudiosas da linguagem humana. Esse deslocamento atribui à análise do discurso uma papel inovador na influência de funções sociais e acadêmicas essenciais na análise de problemas e contradições sociais que envolvem o sujeito e o discurso, assim principia uma nova forma de olhar para a história, a linguagem e os processos de produção de sentidos.

A AD ao questionar justamente a separação entre linguagem e social transforma a própria noção de linguagem e sentido, questionando e dando uma outra perspectiva para o processo de interpretação realizado pelo sujeito. Através dessa perspectiva é possível realizar uma redefinição e deslocamento de conceitos e saberes usando a análise do discurso para problematizar e tentar compreender a luta política voltada para as normas de atuação para os psicólogos no senado federal, mais especificamente no projeto de lei popularmente conhecido como “cura gay” e para todo o saber social inscrito para além da luta política que acontece no senado, mas que se inscreve dos corpos submetidos ao discurso da “cura gay”.

Dessa forma, embasada na análise do discurso de vertente Foucaultiana, partir do arcabouço já conquistado por essa trajetória de pesquisa, levanto a hipótese de que um discurso como o da “cura gay” traz uma psicopatologia como base. Essa psicopatologia, que apesar de aparentemente do campo religioso, na verdade faz parte de toda a estrutura social no que se relaciona ao controle dos corpos e manutenção de um poder sobre a vida por meio de uma anormalização de determinados corpos na expressão de sua sexualidade, como estratégias de melhor analisar a atualidade dessa hipóteses tomarei como corpus vídeos do *Youtube*. Sendo assim, diante das condições históricas, em consonância com as tentativas das estratégias de poder sobre a vida de cada vez mais aumentar seu gradiente, foi possível a emergência da proposta da “cura gay” como estratégia de “deixar morrer” esses corpos homossexuais, enquanto acontecimentos sexuais fora de uma norma instituída, para majorar um tipo de exercício de poder em vigor.

Para desenvolver essa pesquisa também foi escolhido como materialidade vídeos do *Youtube*, trabalho já realizado pelo LABEDISCO, que é um dos grupos pioneiros nesse tipo de abordagem. Inserir o *Youtube* foi um ideia possível através do contato com a riqueza dos trabalhos já desenvolvidos nesse grupo de pesquisa, e orientados pelo professor Nilton Milanez. Tal pesquisa tem como objetivo geral analisar através da arqueologia e genealogia os efeitos nos corpos de sujeitos submetidos aos procedimentos do campo discursivo formado pela proposta da “cura gay” e pela psicopatologia decorrente dela, em vídeos do *YouTube*, no período de 2011 a 2019.

Entre os objetivos específicos estão: descrever fatos sociais que embasam emergência da homossexualidade como patologia e seu deslocamento à normalidade no campo científico e jurídico em contraposição com o discurso da “cura gay”; problematizar os depoimentos enunciados pela “cura gay”, nos vídeos selecionados, na construção dos discursos que agem na formação de um “mostro social” através categorização e exclusão social dos corpos na expressão das suas sexualidades, e identificar e analisar a atuação do discurso da anormalidade sobre os corpos, através do dispositivo da sexualidade no discurso da “cura gay” nas séries videográficas elencadas.

Dessa maneira, o estudo do campo discursivo formado pela proposta da “cura gay” em vídeos do *YouTube*, no período de 2011 a 2019, através da perspectiva escolhida possui importância não apenas acadêmica, no que se refere à análise de textos de um autor e sua justaposição com um fenômeno atual, mas também social e histórica, na medida em que se propõe refletir e questionar a construção histórica de discursos que agem na categorização

dos corpos, legitimando e normalizando práticas preconceituosas fomentadoras de violência na atualidade, ao mesmo tempo em que realizo a problematização da função social do discurso da “cura gay” e das condições de sua emergência.

Pesquisar sobre a patologização do corpo homossexual num paralelo com o discurso da “cura gay” usando as ideias de Foucault como principais articuladoras da análise descortina as condições de emergência de regras e normas referentes aos corpos adjetivados como anormais e alocados na categoria de “mostro social” na atualidade. Por tais razões, tal produção acadêmica, enquanto lugar de produção de saber/poder agir, conseqüentemente, como forma de resistência ao poder exercido por um saber no combate a violência não apenas relacionada a homossexualidade, mas a toda diferença que se inscreve corpo.

Assim sendo, a escrita desse trabalho aconteceu seguindo um esquema de pensamento que buscou inicialmente situar o leitor sobre quem é o sujeito que escreve e quais as condições acadêmicas possibilitaram a esse sujeito abordar essa temática usando determinado autor principal, tarefa realizada nos parágrafos anteriores. Dando continuidade, a segunda seção denominada: **A (des)ordem no discurso da “cura gay”** busca situar o discurso da “cura gay” numa perspectiva histórica de produção discursiva e validação social, a partir de uma contextualização dos fluxos de forças que envolvem historicamente e atualmente a temática. Nesse capítulo também é realizado uma contextualização teórica e metodológica, onde são apresentados teóricos e teorias basilares, assim como o copus responsável pelo fôlego argumentativo que marca o lugar da atualidade nesse trabalho.

**Normas de atuação para os psicólogos no senado federal: “cura gay”, política e sexualidade**, constitui a terceira seção, aqui apresentamos um contexto político de emergência do tema da atualidade que atualiza uma série de estratégias políticas de construção de saber e criação de prática de manipulação dos corpos categorizados como homossexuais. Em seguida temos a quarta seção, chamada: **A esfinge da abordagem biomédica de gênero**, nesse momento do trabalho a analítica se volta para as instituições sociais reconhecidas por estudar e pesquisar sobre a subjetividade humana e prestar serviços psíquicos, como a medicina e a psicologia. Busca-se analisar o posicionamento dessas instituições em contraposição com o discurso da “cura gay”.

Já a quinta seção se intitula: **Religião e carne: uma filosofia da existência baseada numa ciência da vida**, esse é o momento dedicado a compreensão da forma como o discurso da “cura gay” funciona dentro da religião e nos corpos de pessoas que se submeteram a esse processo. Por fim, realizamos uma balanço sobre a argumentativa até o momento, possíveis desdobramentos e contribuições para a tentativa de compreender nosso presente.

## 2 A (DES)ORDEM NO DISCURSO DA “CURA GAY”

Tudo para nós está em nosso conceito do mundo;  
 modificar o nosso conceito do mundo é modificar o  
 mundo [...]

Fernando Pessoa, 2014

A produção acadêmica desvenda fluxos de forças, que possibilitam acontecimentos, que por vezes passam despercebidos a cognição humana ou que na dinâmica cotidiana não ganham destaque. Porém, esses fluxos de forças influenciam fortemente a organização do mundo na qual vivemos, e a forma como conceituamos e valoramos o que no mundo é bom, correto, ideal, desejável.

Quando produzimos uma pesquisa ou obra acadêmica que trata de temas tão humanos, por vezes considerados tabus, centrais na produção de outros conceitos implicados no julgamento social do que é ou não uma verdade, estamos diretamente, ou reforçando conceitos já existentes, ou atualizando-os ou modificando-os. Podemos, então, com a escrita acadêmica, reafirmar e manter um mundo preconceituoso, ou modificar conceitos de verdade, de bom, de desejável, e modificar então a forma como encaramos as coisas e nos relacionamos no mundo, para assim, como nos indica a citação acima: “modificar o mundo”.

Ciente da importância de uma produção acadêmica e dos fluxos de forças que ela pode movimentar, essa pesquisa é antes de tudo uma tentativa de melhor compreender o sujeito nos jogos de poder da atualidade. Para isso, colocar a questão das condições de existência nas quais estamos inseridos é indispensável no gesto de interrogar quem somos e que tipo de controle está sendo exercido sobre nossos corpos.

Perguntas relacionadas a como e por qual razão um determinado tema surge enquanto problema social a ser debatido, investigado, negado ou afirmado faz parte da atitude teórica que o intelectual deve adotar no processo de elaboração de proposições que buscam ser instrumentos não só de leitura dos acontecimentos históricos, mas da criação de tecnologias de transformação e resistência política de acordo com Foucault (2005). Desse modo:

É preciso considerar a ontologia crítica de nós mesmos não certamente como uma teoria, uma doutrina, nem mesmo como um corpo permanente de saber que se acumula; é preciso concebê-la como uma atitude, um êthos, uma via filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível”. (FOUCAULT, 2000, p.351).

Assim, foi esse o movimento reivindicado na escolha do tema, que de forma transversal comporá os fluxos de pensamentos cartografados nessa pesquisa, emergindo de uma polêmica do presente que se atualiza e complexifica sempre que a tomamos como ponto de partida para compreender, as relações de forças existentes nas práticas cotidianas, que se direcionam aos corpos na vivência de sua sexualidade. Esse tema será convertido numa pergunta de pesquisa que agirá como geradora de argumentação e elaboração de um caminho teórico singular e comprometido socialmente com a vida e o reconhecimento dos direitos do grupo social envolvido, num movimento de olhar para a micropolítica do cotidiano, para depois pensar as macropolíticas do governo, da medicina, da psicologia e da religião que constroem saberes sobre como deve funcionar determinado corpo.

Por essas razões, é olhando para o cotidiano atual do Brasil, para toda essa polarização política e invasão de temas polêmicos sobre a sexualidade nas discussões sobre a última eleição presidencial (ocorrida no ano de 2018), assim como o papel das redes sociais e canais de comunicação virtuais, como o *YouTube*, na influência direta na micro e macro política que convergiram numa campanha e vitória presidencial de um sujeito que ocupa um lugar social conservador de valores relacionados a avanços das lutas por igualdade de direitos e respeito à diversidade sexual.

A partir desse cenário, formulamos a seguinte pergunta de pesquisa já apresentada anteriormente: por que mesmo depois da homossexualidade ter passado para o campo na normalidade jurídica, médica e psicológica, ainda há na nossa sociedade um discurso que a remete ao campo do patológico e do anormal como o da “cura gay”? E como materialidade exemplificadora e geradora de problematizações tomaremos vídeos que circulam na nossa sociedade que podem ser facilmente assistidos no *YouTube*.

O discurso da “cura gay” não é um tema novo na história, nem um tema superado, ele se reinventa a cada época e tem como foco de investimento direto o corpo dos sujeitos que de alguma forma desviam dos padrões estipulados como fora da norma binária de gênero e da normal heterossexual, se inscrevendo dentro de um debate mais amplo sobre a patologização da sexualidade. Assim, a diversidade de formas de existir que não se adequam a esse modelo por vezes é categorizada como uma existência homossexual. No entanto, as formas de vivenciar a sexualidade do modelo heterocisnormativo são muitas e nomeadas diferentemente devido a uma questão política de reconhecimento, representatividade e luta dessas diversas categorias.

O modelo cisheteronormativo é usado para referenciar pessoas que identificam seu gênero como sendo o mesmo do sexo biológico e se relacionam afetivamente e sexualmente com pessoas do gênero e sexo oposto. Esse modelo será analisado detalhadamente ao longo da pesquisa com o objetivo de situar a condição histórica e a forma como ela se associa em termos de força, poder e reivindicação de direitos, visto que os corpos psicopatologizados pelo discurso da “cura gay” estão sempre sendo comparados e diferenciados dos corpos entendidos como cisheteronormativos, essa comparação e diferenciação serão ilustradas por meio das análises das audiovisualidades selecionadas.

Hoje em dia, a sigla LGBTQIA+ é a forma mais completa usada para se referir à diversidade das formas de vivenciar a sexualidade fora da cisheteronormatividade, onde: L significa lésbica: mulher que sente atração sexual por mulheres, e que se identifica com seu sexo biológico; G significa gay: homem que sente atração sexual por homens, e se identifica com o sexo biológico; B significa bissexual: homens ou mulheres que sentem atração sexual por ambos os gêneros; T significa travestis, transexuais e transgêneros: pessoas que não se identificam com seus órgãos sexuais de nascimento, que são relacionados com os gêneros feminino e masculino, e que fazem ou não a transição.

Já o Q vem de *queer*, termo usado pelas pessoas que não se consideram representadas pelos padrões de gênero sociais e, que não sentem a necessidade de definir o gênero e/ou a orientação sexual; I significa intersexuais: pessoas que não são identificadas como feminino ou masculino em função das variações nos cromossomos ou na formação dos órgãos genitais; A representa as pessoas assexuais, ou seja, que não sentem atração sexual, ainda que possam estabelecer relacionamentos e/ou laços afetivos, e por fim, o + que tem a função de representar todas as letras que se encaixam no movimento. Também é possível encontrar a versão mais curta como LGBTQIAP+, com a letra P representando os pansexuais - que sentem atração sexual por pessoas, independentemente de identidade de gênero ou orientação sexual (MARASCIULO, 2020).

É importante pontuar que no cerne da questão da nomenclatura LGBTQIA+ está mais do que uma estratégia militante para garantir direitos, sendo uma forma também de criar identidades diante das mais diversas formas de desenvolver afetos, pois antes de se reconhecer numa nomenclatura, algumas pessoas se descobrem fora da norma cisheterossexual por meio da sua forma de sentir afeto, de desejar o outro, de se relacionar com o outro e com seu próprio corpo, como exemplo da complexidade do que estamos introduzindo trago um relato presente no livro *Transsexualidades*:

O termo “trans” me fora apresentado quando eu estava na adolescência, através de uma reportagem na televisão sobre uma modelo transexual. Fora uma semente que logo germinou e então busquei saber mais pesquisando sobre. Me lembro que foi um momento mágico, não apenas de identificação, mas também pelo desejo de querer se identificar. Isso não me deu uma resposta, só me abriu mais uma possibilidade. Eu ainda continuei sem saber, eu carregara isso comigo, revelei para os mais íntimos, mas ainda assim não era isso. Tinha algo nisso que não encaixava. Fora na faculdade que pude ter conhecimento sobre outras expressões de gênero e sexualidade e que tudo foi, por fim, tomando formas.

Descobri que ser trans não era apenas ser mulher ou homem, mas também uma coisa entre ou além disso. Conforme avançava, descobri que não necessariamente eu teria que fazer uma cirurgia, ainda que não me relacionasse bem com determinada parte do meu corpo. Eu pude entender que muito do que eu via no meu corpo era na verdade fruto da lente que outras pessoas me deram. Se antes eu achava que mulher trans era uma pessoa presa no corpo de um homem, eu passei a entender mulher trans enquanto alguém que fora designada homem, fora definida assim, mas que não necessariamente se identificaria assim (MARINHO, 2019, p.11)

Esse depoimento mostra como explicação dessa sigla apesar de extensa é de suma importância para ilustrar a diversidade de formas de vivenciar a sexualidade que é invisibilizada quando reduzimos a luta contra a “cura gay”, e tudo o que dela deriva, apenas como uma luta pelo reconhecimento da normalidade sexual de mulheres e homens homossexuais cis, ou seja, homossexual que se identificam com seu órgão biológico e com o gênero socialmente associado a ele.

Pois, o movimento de nomear esses corpos constrói uma nova forma da sociedade lidar com eles, envolvendo um complexidade histórica na construção de um mundo no qual nosso contato é mais do que mediado pela linguagem, mas segundo Foucault (1990), em *As palavras e as Coisas*, a linguagem mantém uma relação produtora da realidade, fazendo da produção de uma sigla, um movimento no jogo de forças que atuam sobre os corpos.

No entanto, como podemos perceber no relato acima, se enquadrar em uma das letras dessa sigla não é um processo simples, e envolve muito mais do que a forma como o ser humano se relaciona sexualmente, mas está relacionado principalmente a forma como ele se relaciona consigo mesmo, com uma identificação que envolve mais do que um desejo sexual, mas implica uma afetividade com sua forma de sentir e ser no mundo.

A expansão dessa sigla ao longo dos anos, incluindo categorias que não se sentiam representadas pela sigla inicial referente a GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), demonstra que o discurso da “cura gay” se direciona a um conjunto de pessoas que possuem seus corpos investidos de tecnologias de normalização que longe de entender as diferentes orientações

sexuais, categorizam todo corpo que não é cisheteronormativo como consequência de uma anormalidade no campo sexual.

O discurso da “cura gay” está presente por trás de diversos enunciados referidos a diversidade sexual vindos de campos discursivos ora comportamentais, ora psíquico, ora fisiológico e biológico, e inclusive religiosos. Esses campos interagem entre si e formam, junto com outros discursos sociais de exclusão, uma teia fortemente construída e distribuída nas instituições de preconceitos e violências. Esses discursos fazem parte de um processo que mantém uma determinada ordem do discurso que se desdobra na manutenção de uma ordem social que, por sua vez, funciona dentro de uma determinada economia do poder concernente ao momento histórico em questão, que constitui o corpo enquanto um espaço de disputa entre as forças interessadas no seu domínio.

Esse tipo de discurso que patologiza alguns corpos produz “o doente sexual-mental que, em seu desvio, deveria ser reintegrado à norma ou restituído à normalidade pela medicina psiquiátrica” (SARTI, 2019, p.35) que desenvolve toda uma semiologia das características como sinônimo de um sinal ou sintoma do patológico a partir de discriminações baseadas em formas de viver à sexualidade. A medicina psiquiátrica possui locais de embates estratégicos e muito representativos socialmente, formados por campos de saber biológicos e psíquicos, que foram ao longo da história sendo validados como produtores de verdade sobre o corpo humano, sua subjetividade e forma de funcionamento, são eles, a psiquiatria, enquanto área da medicina, e a psicologia, enquanto conhecedora do psíquico.

Os embates localizados nesses campos de saber e validados como verdades socialmente possuem forte influência na forma como toda a sociedade diz uma verdade sobre os corpos no que se refere a sua sexualidade, por meio de enunciados que ora reforçam um determinado tipo de patologização do comportamento ou fortalecem crenças que criminalizam determinados corpos. Descrever esses embates e seus respectivos enunciados está entre os objetivos dessa pesquisa.

Assim, interligando-se principalmente com campos como o da psicologia e medicina, através da proposta de uma terapêutica voltada para o corpo que não se encaixa na perspectiva heterossexual e binária de gênero, o campo discursivo da “cura gay” age constituindo um tipo de gestão sobre a vida e manipulação do corpo focado no sexo no interior de uma economia do poder chamada por Foucault de biopoder, onde “o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder”



(FOUCAULT, 2008, p. 3). Essa forma de gestão será minuciosamente colocada em prática pelos aparelhos estatais e irá adentrar o interior das relações desenvolvendo um controle sobre os corpos tanto individuais como na forma de populações.

Toda essa articulação é possibilitada pela construção de um saber biológico sobre o corpo, sua sexualidade, e sua forma de reprodução. Conseqüentemente, o saber da psiquiatria e da psicologia possui entre suas características uma forte ligação com as posturas sociais tomadas a partir de uma justificação validada sob a égide de uma verdade comprovada cientificamente, que pela reverberação social entram em pauta no campo jurídico na forma de leis que organizam (ao mesmo tempo que normalizam) uma sociedade. Nessa direção, muitas leis sobre a forma como a sociedade lida com determinados corpos são atravessadas por esses saberes, muitas vezes polêmicos, como é o caso da temática da “cura gay”.

A “Cura gay” na história possui vários desdobramentos, as formas de tratamentos voltadas para um reversão da homossexualidade e de outros comportamentos relacionados a sexualidade julgados “desviantes” foram inúmeras e causaram muito sofrimento às pessoas submetidas a esses procedimentos cruéis, que envolviam hipnose, terapias de estimulação aversiva, castração e até mesmo a lobotomia – cirurgia usada em casos de loucura avaliados como intratáveis, nos quais se retirava uma parte do cérebro localizada no lobo frontal, região responsável por nosso comportamento social (LIMA, 2019). Em “*Os anormais*” (2001), Foucault delinea como o corpo do sujeito que tem sua sexualidade marcada como desviante é investido socialmente por instituições que começam a exercer fortemente poder sobre os corpos na modernidade, apontando como o saber sobre a sexualidade, muitas vezes na história tomado como uma verdade científica está associado com estratégias de poder.

A sexualidade considerada desviante não era vítima apenas de procedimentos ditos do campo da medicina ou psicologia, mas também de repressão policial e ataques da sociedade civil, nos quais as pessoas violentadas não encontravam apoio das instituições sociais para se defenderem, pois não possuem direitos garantidos. Um exemplo está em parte da história do famoso escritor Oscar Wilde.

O escritor, após sofrer inúmeras ofensas e entrar na justiça contra seu agressor acusando-o de difamação, acabou punido por atentado ao pudor e condenado a dois anos de trabalhos forçados (LIMA, 2019). A história desse acontecimento conflui com a história de inúmeros outros que acontecem cotidianamente, pois ainda hoje a polícia é um instituição temida pela comunidade LGBTQIA+, pois além de uma formação violenta, há a ausência de uma formação de combate aos preconceitos, fazendo com que muitos membros reproduzam preconceitos ligados a sexualidade LGBTQIA+.

A sexualidade desviante não apenas é marcada por acontecimentos históricos violentos, mas ela mesma é criada por acontecimentos históricos, inclusive, data final do século XIX o início de uma movimentação teórica e política na qual a psicologia e a psiquiatria começam a classificar comportamentos sexuais como transtornos mentais. É desse período a famosa obra do sexólogo Richard Von Krafft-Ebing chamada *Psychopathia Sexualis* de 1886, que sintetiza os estudos sobre as patologias sexuais do seu tempo, essa obra se torna uma referência no sec. XIX possuindo incidência no campo da psicologia e psiquiatria, assim como sobre o campo legal e jurídico.

Nesse tratado, vemos organizadas de forma sistemática diferentes formas de perturbação da vida sexual humana, estigmatizando alguns corpos, em contraposição à sexualidade “normal”, colocada como aquela que está dentro do padrão cisheteronormativo, com a finalidade reprodutiva, todas as outras formas que desviam dessa norma são encaradas a partir de então como transtornos médico-psiquiátricos (PEREIRA, 2009). Esse tratado lança questões consideradas por Foucault (FOUCAULT, 1988) como extremamente férteis para produção da sexualidade enquanto um dispositivo de controle dos corpos, e conseqüentemente de inúmeros instrumentos de classificação e estereotipificação dos corpos.

Como exemplo desses instrumentos, em 1952 surge o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), com o intuito de direcionar as práticas dos profissionais que trabalhavam com questões relacionadas aos transtornos mentais no seu processo de diagnóstico e definição de um tratamento funcional, as edições seguintes foram publicadas respectivamente em 1968 (DSM-II), 1980 (DSM-III), 1987 (DSM-III-R), 1994 (DSM-IV), 2000 (DSM-IV-TR), 2013 (DSM - 5) e foram revistas, modificadas e ampliadas, oferecendo:

[...] uma linguagem comum e critérios padronizados para a classificação dos transtornos mentais. Ele é usado, ou invocado, por médicos, pesquisadores, agências de regulação de medicamentos psiquiátricos, companhias de seguros de saúde, empresas farmacêuticas, o sistema legal, e os decisores políticos, juntamente com alternativas como a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) (NASCIMENTO et al, 2015, p.).

Logo na primeira versão muitas formas de vivenciar a sexualidade foram elencadas como desordem psíquica, entre elas está homossexualismo e o transvestismo, formas de nomear a afetividade por pessoas do mesmo sexo e a caracterização performática referente ao sexo oposto da própria pessoa, enquanto doenças, marcadas pelo sufixo “ismo”, de origem grega que denota condição patológica.

Ao longo das atualizações as classificações foram sofrendo modificações e adições. Em 1975, a Associação Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade do rol de transtornos mentais, porém a terceira versão do DSM já contava com a definição de transtornos de identidade de gênero” com as especificações: “em crianças” e “em adolescentes ou adultos” ao invés de travestismo. Na quarta versão houve um aumento significativo na evolução da tipificação e classificação das temáticas relacionadas a sexualidade, indicando como a temática da sexualidade fora da norma cisheterossexual se inscreve dentro de uma produção de patologias sexuais na nossa sociedade. O DSM-5 é a versão mais atual dessa categorização, foi publicada em 2013 e apresentou uma evolução na forma como a sexualidade é tratada:

Disfunções Sexuais são um grupo de transtornos heterogêneos tipicamente caracterizados por uma perturbação clinicamente significativa na capacidade de uma pessoa para responder sexualmente ou de sentir prazer sexual. É possível que um indivíduo apresente mais de uma disfunção sexual ao mesmo tempo, havendo ainda disfunções específicas de cada gênero. Para evitar o risco de superestimar as incidências dessas disfunções, a atual versão do manual requer uma duração mínima de seis meses, além de incluir critérios mais precisos para avaliar a severidades dos sintomas. A Disforia de Gênero aparece no manual como um diagnóstico que descreve os indivíduos que apresentam uma diferença marcante entre o gênero experimentado/expreso e o gênero atribuído. A mudança na nomenclatura do DSM - 5 enfatiza o conceito de incongruência de gênero como algo a mais do que a simples identificação com o gênero oposto apresentada no DSM-IV-TR como Transtorno da Identidade de Gênero. O DSM - 5 trouxe maior detalhamento aos critérios diagnósticos, além de utilizar critérios específicos para identificar a Disforia de Gênero na Infância (NASCIMENTO et al, 2015, p.)

Vemos então o tema da sexualidade ser tratado com muito mais cientificidade e menos patologização, o DSM - 5 evitar rotular comportamentos sexuais não-normativos como patológicos devido à ausência de comprovações científicas. Nessa mesma direção, outros órgãos sociais de importância ligados à saúde possuem posicionamentos importantes de serem registrados aqui, esse é o caso da Organização Mundial de Saúde (OMS) que em 1991 tira a homossexualidade da lista de distúrbios mentais da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a saúde (CID-10), na versão mais atualizada chamada CID-11<sup>1</sup>, a transsexualidade deixa de constar na lista de transtornos mentais (APA, 2014; OMS, 1997). Nessa direção:

---

<sup>1</sup> A nova versão ainda não foi publicada, no entanto é possível conferir a veracidade dessa informação no site do governo federal <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/junho/organizacao-mundial-da-saude-retira-a-transsexualidade-da-lista-de-doencas-e-disturbios-mentais>

Soma-se a isso a conjuntura de tais deslocamentos estar articulada à amplas mobilizações e reivindicações dos próprios sujeitos da experiência trans, também, face a esses manuais. Desse modo, tal materialidade discursiva igualmente nos incita a pensar acerca da (re)petição da modulação da demanda subjetiva-social de que o discurso da medicalização progrida e ofereça, ou dele se extraia, finalmente, um significante/um nome que diga ao sujeito (trans) quem ele é, sem falhas (SARTRI, 2019, p. 38)

Desse modo, Sartri (2019) aponta-nos que as mudanças relacionadas a despatologização de determinadas formas de efetividades fora da norma cisheteronormativa não se tratam simplesmente de um avanço científico nos estudos sobre sexualidade, afetividade e patologia, mas resulta sobretudo de uma luta política que articula mobilizações sociais e denuncia as formas opressoras do poder se exercer através desses manuais.

No Brasil, além do DSM e do CID alguns outros documentos servem de referência para profissionais de saúde atuarem no manejo clínico com pessoas que apresentam algum tipo de transtorno, patologia ou sofrimento psíquico, esses documentos são formulados por órgão superiores da sua categoria, como o Conselho Federal de Medicina, que seguindo a OMS retirou a homossexualidade da sua lista de transtorno, e o Conselho Federal de Psicologia (CRP), que não apenas não classifica como patologia ou transtorno a homossexualidade, transexualidade, bissexualidade e todas as formas de vivenciar a sexualidade inscritas na sigla LGBTQIA+, mas incluiu em seu código de ética uma orientação que veda os psicólogos a incentivarem ou executarem qualquer tratamento que possua seus pressupostos favoráveis à patologização da homossexualidade.

Essa temática da “cura gay” surge no campo jurídico em muitos momentos da história. Mas nos interessa para a análise do presente, sua proposta no Senado Federal brasileiro mais recente, referente ao ano de 2016, arquivada em 2019, por envolver questões do nosso presente político emblemáticas na sua relação com a ciência e com as categorias profissionais que estudam e atuam no campo comportamental e psicológico. Esse projeto de lei se volta para a resolução interna do Conselho Federal de Psicologia relatada anteriormente e não é a única medida a contestar a resolução 001/99 após a sua entrada em vigor. Tal resolução diz o seguinte:

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão

ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados. Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica (CFP, 1999).

Tanto o projeto popularmente conhecido como “cura gay,” como outros embates estão ocorrendo no senado federal, eles possuem como influência nas lógicas argumentativas alçadas a contestação da resolução do CFP, pois a normalização da diversidade sexual levanta questionamentos tão polêmicos quanto a possibilidade de transformação da orientação sexual, como a definição de família, entre outras. Esses embates são protagonizados por agentes políticos conservadores, denominados como integrantes de uma bancada evangélica. Bancada essa que, em sua maioria, apoiou a candidatura do atual presidente do Brasil e que cada vez busca representação política e influência em ministérios e cargos responsáveis por formulação de projetos e leis sobre a sexualidade e os direitos humanos.

É importante ressaltar que a resolução do Conselho federal de Psicologia estabelece parâmetros para que os psicólogos não cometam crimes e causem mais sofrimento às pessoas, assim a resolução em questão não proíbe os profissionais de atenderem a comunidade LGBTQIA+, ou outras pessoas que estejam sofrendo por causa de comportamentos sexuais, o que ela visa evitar é a patologização que se materializa na discriminação e violência social contra pessoas que vivenciam uma sexualidade considerada moralmente desviante por uma parcela da população.

Projetos e outras medidas que visam como terapêutica modificar a orientação sexual de um indivíduo, mesmo após resoluções como a exposta anteriormente, entre outras resoluções e posicionamentos científicos como a já citada retirada pela OMS da homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças, sinaliza a necessidade urgente de se debater sobre o assunto. Pois, uma vez que pessoas influentes, como os políticos, começam a atacar posicionamentos de categorias profissionais que versam sobre a liberdade de cada um viver a sua sexualidade, isso demonstra uma tentativa de retroceder no processo de garantia direitos humanos.

Esses jogos políticos em torno da diversidade sexual estão imersos num cenário político global de conservadorismo e crescimento de medidas governamentais que buscam deslegitimar lutas sociais por igualdade de direitos e melhores condições de vida de minorias sociais. O uso de saberes é investido moralmente por crenças preconceituosas e infundadas

cientificamente, no intuito de controlar os corpos no exercício de sua liberdade, para assim aumentar o exercício de um poder de cerceamento dos comportamentos que de alguma forma questionam uma determinada ordem do discurso que envolve instituições que lucram com ela no cenário econômico atual.

Nessa perspectiva, o poder está produzindo estratégias de controle dos corpos, porém esse controle não se dá em um viés negativo, através somente de mecanismos de repressão, mas positivo, produzindo inclusive os mecanismos de opressão (FOUCAULT, 1988). Por esse viés, as prescrições de técnicas terapêuticas, médicas ou religiosas voltadas para repressão das formas de vivenciar uma sexualidade que não se encaixa no modelo binário e heterossexual fazem indubitavelmente parte de uma estratégia do poder, estando envolvidas na produção de subjetividades próprias do momento histórico que vivemos. Assim sendo, parece-nos que os jogos de poder envoltos no discurso da “cura gay”, na perspectiva desse biopoder, é também uma produção própria da modernidade e do modo de produção capitalista, envolvendo sempre um tipo de medida no exercício da liberdade individual e produção de subjetividade guiadas por um parâmetro universal de normalidade humana.

No entanto, se pudéssemos fazer uma retrospectiva com todos os fatos históricos passados, escrever todos os atos nos mais sutis detalhes da existência, não há dúvida de que o mais próximo de uma universalização do que é ser humano seria a marcante presença da diferença. Podemos lembrar vários exemplos sobre como o que hoje nos é familiar e até impensável de ser de outra forma é, na verdade, o resultado de forças provenientes de estratégias de poder de uma determinada época.

Por exemplo, algo comum para nós hoje e até de óbvia importância, como a preocupação com a infância, só surge a partir do momento em que a criança passa ser considerada um problema econômico e político, como podemos constatar no primeiro volume da história da sexualidade, a saber: *A vontade de Saber* (1988), e em *Os Anormais* (2001) quando Foucault demonstra como diante de uma nova forma de agir do poder no controle dos corpos, uma bipolítica vai adentrar o interior das famílias, e estabelecer como um dos seus objetivos, a vigilância e manipulação do corpo da criança.

Outro exemplo, entre os muitos possíveis, é *História da loucura* de Foucault (1989), que retoma as experiências limites da loucura em vários campos de produção de saber, como a literatura, a pintura, o âmbito moral e jurídico, a filosofia e até mesmo a religião, para mostrar como essas experiências percorrem ao longo dos séculos uma linha descontínua. Até mesmo dentro de um mesmo campo de saber, a descontinuidade está presente, como é o caso do saber médico, especificamente psiquiátrico, no que se refere à loucura, evidenciando como

o lugar social atribuído a esse fenômeno, muito mais do que uma característica comum entre os corpos colocados como loucos, era o que decidia o saber a ser construído e as práticas a serem investidas sobre esses corpos.

A própria medicina é uma linha descontínua no que se refere ao seu objeto de estudo e saber, vamos tomar como exemplo um dos conceitos basilares da fundamentação teórica dessa instituição, ou seja, o conceito de saúde, condição para o estabelecimento do que pode ser considerado doença. Tal conceito, como conhecemos hoje, descrito da seguinte maneira: “saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade”, só surge em 1948 a partir de uma carta emitida pela Organização Mundial de Saúde (BRASIL, 2002), até então saúde era considerada no seu sentido negativo, como ausência doença.

A história da própria história desvenda uma tentativa malograda de alguns filósofos e historiadores em descrever uma sucessão de fatos com uma finalidade metafísica, tentativa essa refutada por críticas como a da genealogia Nietzscheana, a qual afirma que os fatos históricos são resultantes de jogos de poder. Surgindo como produto desses jogos, os fatos históricos carecem de uma finalidade única que os perpassa dando-lhes um sentido dentro de um esquema de começo, meio e fim, pelo contrário, a história é nitidamente arbitrária, e podemos perceber isso ao se descrever arqueologicamente um objeto de estudo, pois “o que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem - é a discórdia entre as coisas, é o disparate” (FOUCAULT, 2010, p.18).

Nesse sentido, todas as histórias, com seus respectivos objetos de estudo, mostram que cada um de nós é marcado pela diferença, historicamente constituída e simbolicamente codificada, pois cada objeto de estudo na história possui por trás uma visão de sujeito que, como vimos, não é deslocada do momento histórico em que o saber emerge. Assim, cada corpo funciona de uma forma historicamente situada no tempo e no espaço, e também singularmente interpretada por si mesmo. Tendo em vista que a forma como compreendemos nossa existência é sempre única apesar dos atravessamentos das instituições histórico-sociais, e até o olhar biologicista da medicina não pode negar isso, pois os efeitos adversos dos remédios dizem em claro e bom som: não há garantia de um ser humano padrão.

Diante de tudo isso, como responder à pergunta sobre a (a)normalidade da sexualidade? Como afirmar que um corpo é ou não normal? O que algo precisa ter para ser (a)normal? Os exemplos dados anteriormente sobre elementos considerados normais ou não na história nos apontam para uma conceitualização da normalidade atravessada por uma análise moral dos comportamentos que quando expostos chocam a sociedade causando a

sensação coletiva de estranhamento e/ou desaprovação. Conseqüentemente, não podemos deixar de associar a normalidade ao que corriqueiramente julgamos como comum ou natural ao ser humano, e esse vai ser uma das justificativas mais reivindicadas na categorização dos corpos, suas características contrárias a uma natureza comum.

Mas, se de uma forma bem resumida e simples, podemos dizer que o considerado normal é similar ao que consideramos uma natureza comum (isso numa análise superficial e direcionada, pois, como vimos, a história nos mostra que no final das contas a diferença é o comum), como o incomum, associado ao anormal se torna doença? Em *Doença Mental e psicologia*, Foucault (1975) delineia exatamente o caminho percorrido até o estabelecimento dessa associação tão cara a psicologia e a classificação do que chamamos de doença mental, pois o doente mental surge, como todo objeto de todo campo de saber, num determinado momento da história possibilitado pelas questões que mobilizam a sociedade e pelas instituições que buscam legitimidade ao apresenta-se como detentoras de soluções aos problemas que ameaçam a ordem social.

As condições de possibilidade da associação feita entre as reações corporais consideradas fora da norma e patologizadas, enquanto doença mental, possuem como linhas de força sociais a história da loucura e da sexualidade, que como fios de energia soltos, chocaram-se e produzem faíscas tão reluzentes que nos serve hoje de luz no fim do túnel para compreender um jogo político de uso dos corpos para majoração do poder. .

A loucura, por exemplo, esse fenômeno dado como social que mobiliza nossas curiosidades e medos, que tira a racionalidade humana do jogo e inexplica nossas ações, é um dos nossos maiores exemplos de “fora da norma”, considerado patologicamente contrária à natureza normal do homem na atualidade, e por essa razão, necessária no debate empreendido sobre o que é considerado anormal e porque a anormalidade se torna ao mesmo tempo algo que é patológico. Perguntamo-nos então, o que é o louco? Como surge o louco na história? E principalmente, qual o lugar social relegado a esse corpo ao longo da história? E atualmente, quais são os corpos loucos, e quais lugares esses corpos podem ocupar no espaço social?

Motivado por questionamentos consoantes ao exposto aqui, ou seja, referente a análise do presente e preocupado com a construção das subjetividades, Foucault escreve uma série de considerações sobre a loucura ao longo da história, desvendando seu ponto de emergência enquanto problema do estado e categoria a ser estudada pela psiquiatria, desvendando o fato de que a patologização da loucura enquanto doença orgânica e mental possui uma história consonante com os objetivos do estado moderno e que o lugar social dado a ela na modernidade tem como intenção prevalente, camuflada de preocupação com o bem-estar



social, uma limpeza da cidade para funcionamento de uma determinada ordem burguesa (FOUCAULT, 1989).

Essa ordem burguesa é paralela à entrada em cena de um tipo específico de racionalidade, acompanhada pelo desenvolvimento de novas instituições, como os manicômios, a polícia, os hospitais, o surgimento de novas ciências que colocam o homem como núcleo, que percebe na sexualidade, enquanto um dispositivo social que produz tecnologias de manipulação dos corpos, uma ferramenta de fragmentação do corpo político entre oposições dentro de uma mesma sociedade, que apenas por existirem ameaçam todo o corpo social, criando a ilusão de uma necessidade de guerra interna “como princípio de eliminação, segregação e, finalmente, de normalização da sociedade” (FOUCAULT, 1997, p. 53; 2010a, p. 65 apud BARROS, 2018, p. 2)

Foucault (2001) nas aulas ministradas no College de France, e posteriormente publicadas conjuntamente em formato de livro sob o título de *Os Anormais*, delinea as estratégias de poder presentes na sociedade moderna que possibilitam ao ocidente catalogar comportamentos, pensamentos e sensações como anormais e, num tomada de poder biológica sobre o corpo, associar no exercício de poder, e do saber médico, anormal como sinônimo de patológico, por meio da criação de uma série de categorias que não eram necessariamente doenças de nível orgânico ou fisiológico, mas se apresentavam como uma desordem das estruturas necessárias para o funcionamento “normal” do corpo, um funcionamento consonante com o funcionamento do corpo social.

Foucault (2001) pontua que cada sociedade, situada em determinado período histórico e político, possui um tipo de corpo considerado monstruoso e por isso moralmente condenável, possível de ser reconhecido, desvendado e investigado através dos corpos adjetivados como “diferentes” do normal, lembrando que as análises históricas e discursivas feitas pelo autor descortinam uma série de fatos sociais que indicam que a constituição do normal nada tem a ver com uma categoria universal, mas com categorias de análises arbitrárias que envolvem domínios de saber e poder sobre os corpos e instituições envoltas em lutas políticas pela tutela desses domínios de saber/poder.

Esses monstros sociais variam a depender do momento da história, dos saberes valorizados e dos questionamentos em fervor. Assim sendo, a categoria monstro no mundo capital transfigura-se no grupo dos anormais, onde coloca-se uma infinidade de comportamentos que fogem da norma como características monstruosas ligadas fortemente ao considerado comportamento sexual desviante (FOUCAULT, 2001). Esse movimento consequentemente age desumanizando as diferentes formas de existir e sentir. Pois, a

sociedade passa a lidar com tais diferenças como características monstruosas, é como se ao categorizar determinados corpos como anormais, esses corpos se distanciassem da natureza humana e constituíssem uma outra espécie que nos oferece perigo e por isso precisa ser extinta pelo bem da sociedade (FOUCAULT, 2000, 2001).

Segundo Courtine (2013, p.39), “o corpo humano era, e permanece para nós, coberto de signos, mesmo se a natureza destes, o olhar que os decifra, a posição de quem os interpreta e a intenção de quem os exprime se modificaram historicamente”, assim ao analisar os corpos como “diferentes” do normal nota-se que a sexualidade é sempre uma área do comportamento e expressão da subjetividade colocada em pauta na formação de signos e significados sobre os corpos categorizados como anormais.

A transição do poder soberano para uma outra forma de poder próprio da modernidade em *Os anormais* (2001) mostra como monstro moral acoplado ao monstro sexual e hereditariamente marcado dentro de uma ciência da sexualidade e de uma teoria da degeneração, delinea a passagem dos corpos desviantes da norma não como um efeito colateral de uma escolha equivocada seja do indivíduo ou do estado no seu processo civilizador, mas como um planejamento estratégico de instituições sociais que ao expandirem seu lugar de saber sobre os corpos expandem sua potência do exercício de poder e controle no interior das relações mais íntimas do sujeito moderno, seja ele considerado desviante ou não.

No fundo, o corpo do monstro moral, do monstro sexual, do anormal, é uma produção das linhas de força que produzem discursos e tecnologias, que historicamente dividem a sociedade para mais efetivamente dominar os corpos e influenciar suas subjetividades. Assumindo essa perspectiva toda uma teia discursiva irá se formar na sociedade ocidental e capitalista a respeito da investigação sobre a sexualidade que terá seus efeitos produzidos nos corpos e consequentemente nas relações sociais, agindo como uma política de estado nas diversas camadas sociais, pois:

Se é verdade que a "sexualidade" é o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa, deve-se reconhecer que esse dispositivo não funciona simetricamente lá e cá, e não produz, portanto, os mesmos efeitos. Portanto, é preciso voltar a formulações há muito tempo desacreditadas: deve-se dizer que existe uma sexualidade burguesa, que existem sexualidades de classe (FOUCAULT, 1988, p. 119).

Foi inicialmente dentro da classe burguesa que o dispositivo da sexualidade começa a opera mais intensamente, porém ele se espalha por todo o corpo social acompanhado nas inúmeras instituições sociais de governo da população própria de pretensão à gerência do biopoder, que ao segregar, separar e estigmatizar grupos no interior de uma mesma sociedade

cria tensões e um tipo de exercício do poder nos corpos que não apenas objetifica-os ao colocá-los como elemento dentro de uma teoria científica sobre a sexualidade, mas maquina subjetividades que se entendem como disfuncionais, em detrimento de outras que se entendem como funcionais socialmente.

Essa teia discursiva que possui sua condição de possibilidade na psiquiatria e sua organização no interior de uma sociedade, que funciona segundo uma dinâmica positiva do biopoder, vai atender a exigências funcionais de produção de verdade do discurso e dessa maneira atua de forma intersetorial entre as técnicas de confissão herdadas do cristianismo e da discursividade científica tida como modelo confiável com pretensão a imparcialidade na produção da verdade, constituindo uma ciência da sexualidade detentora de terapêuticas direcionadas a intervenções em corpos específicos, mas também fonte de saber/poder que influenciará toda a organização social.

A produção de discursos que caracterizam a ciência sobre a sexualidade solidifica-se a partir de mecanismos positivos do poder. Assim, a hipótese de que as sociedades industriais modernas inauguraram um período de repressão não é o ponto principal na investigação da sexualidade enquanto um dispositivo que age intensamente e continuamente sobre os corpos incitando-os, excitando-os e normalizando-os. A repressão é apenas umas das formas locais que todo esse conjunto discursivo, que começa a se formular a partir do século XIX, lança mão na sua estratégia de disseminação e dominação por meio de uma inventividade de métodos, procedimentos e técnicas que asseguram a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades disparatadas (FOUCAULT, 1988).

É preciso, segundo Foucault (1988), abandonar a hipótese repressiva como principal forma de relação entre o poder e sexualidade, pois essa não passa de uma das artimanhas do próprio poder para disseminar ainda mais seu controle biopolítico na modernidade, ao vestir a máscara da repressão temos a impressão que uma infinidade de modos de vivenciar a sexualidade está fora do poder, isso torna o poder mais aceitável e conseqüentemente menos formas de resistência são possíveis.

Porém, quando entendemos que a relação do poder com a sexualidade é de produção, observamos quão abrangente e difuso socialmente é o poder na nossa sociedade e como a sua biopolítica está em tudo que fazemos e que a sexualidade ao longo da história usa dos instrumentos mais diversos, ora locais, ora globais, favorecendo a manutenção de instituições privilegiadas no exercício do poder, que por sua vez a retroalimenta (FOUCAULT, 1988)

Em linhas gerais, todo esse fluxo de forças desvenda a relação estreita entre sexualidade e o exercício do poder do estado moderno, fazendo-nos perceber que as diversas

fragmentações do discurso sobre a sexualidade, presentes nos locais mais íntimos e marginais, não pode ser pensado fora de um horizonte político-estatal, e que as formas de governo, por mais distintas entre si, estão fortemente ligadas a uma forma de poder/saber imanente ao discurso sobre sexualidade de seu povo e sobre os corpos marcados como monstruosos sexualmente e os respectivos perigos que estes oferecem ao social.

Dessa maneira, uma análise sobre a forma como nossa sociedade lida com a sexualidade precisa levar em conta o lugar dos discursos vindos de representantes estatais, tanto quanto de outras instituições importantes no jogo de forças atuais, como a igreja e a ciência. Nesse sentido, essas são as instituições que iremos, num processo de seleção de corpus, tomar como estratégicos para compreensão da forma como a sexualidade funciona na atualidade, e como essa sexualidade é marcada no corpo e se torna uma marca que separa, exclui e em algum momentos até rivaliza uma mesma população.

Todos os perigos atrelados a monstruosidade sexual irá afetar, na modernidade e reverberar na atualidade, não apenas os indivíduos alocados como desviantes, gerando neles, como já dito anteriormente, patologias variadas, mas todas as gerações futuras por meio da elaboração de uma etiologia sexual que transforma o corpo sexual em um corpo hereditário, colocando o sexo como uma “responsabilidade biológica” (FOUCAULT, 1988, p.112) perante todas as gerações futuras. Essa etiologia sexual hereditária será a hipótese basilar da teoria da degeneração e de suas aplicações através de tecnologias de estado como os programas de eugenia.

Dessa maneira, a identidade sexual “desviante” está sujeita ao longo da história ao processo de sua transformação em “monstro social”. Isso acontece por meio das regras e normas da sexualidade enquanto um dispositivo que ocupa um lugar de privilégio no exercício de um poder. Tal dispositivo cria perpetuamente um saber materializado através de discursos promotores de uma categorização dos corpos “diferentes” da norma instituída (FOUCAULT, 1988), agindo como um forte catalisador na criação de monstros. Nessa perspectiva, o corpo do homossexual é um corpo ao longo do qual a diferença tem sido historicamente demarcada pelo discurso do dispositivo da sexualidade através de saberes construídos pela psiquiatria, visto que:

[...] a psiquiatria da segunda metade do século XIX foi obrigada a construir um certo número do que poderíamos chamar de grandes edifícios teóricos, edifícios teóricos que não são tanto a expressão, a tradução dessa situação, mas que são, no fundo, exigências funcionais. Acho que é preciso tentar analisar as grandes estruturas, os grandes discursos teóricos da psiquiatria do fim do século XIX; é preciso analisá-los em termos de benefícios tecnológicos, na medida em que se trata, através desses discursos teóricos ou

especulativos, de manter, ou eventualmente majorar, os efeitos de poder e os efeitos de saber da psiquiatria (FOUCAULT, 2001, p.394).

Assim, a sexualidade enquanto dispositivo que surge paralelo à modernidade, serve-se como um tipo de racismo, chamado por Foucault de racismo de estado (2001) que terá uma determinada função dentro de uma economia do poder positiva no seu exercício e que se ocupa da vida para sua majoração, eliminar alguns grupos sociais, que de alguma forma, através de seus corpos demonstram uma incapacidade de gerência do poder normalizador e dessa forma apontam fissuras nos edifícios teóricos de verdade sobre a sexualidade, os comportamentos e os desejos humanos.

Vemos, então, surgir juntamente com o dispositivo da sexualidade, um saber voltado para o corpo e para sua forma de desejar, sentir prazer, se apresentar e representar socialmente a partir de códigos estéticos que assumem um caráter de revelação da verdade por meio de uma revelação audiovisual. Através da formulação de toda uma estética do corpo sexualmente normal estabelecida por meio de critérios visuais, se formula indicativos corporais usados para a atribuição de um “verdadeiro sexo” do sujeito. Para isso, importa-se o processo penitencial cristão da confissão como matéria prima para identificar os sinais e sintomas simultaneamente interligados a toda uma prática sexual desviante própria da “espécie” ou “raça” da qual o sujeito faz parte.

Uma série de práticas são elencadas e transformadas em características identitárias de espécies desviantes e perigosas, provenientes de uma raça hereditariamente degenerada, são eles os homossexuais, hermafroditas (atualmente chamados intersexos), os sadomasoquistas, perversos (FOUCAULT, 1988), as pessoas que apesar de possuírem o órgão sexual considerado feminino ou masculino sentiam ser do gênero oposto, pessoas que se atraíam pelos dois sexos.

Assim, a prática sexual é convertida em característica central na subjetividade do homem moderno, parte da sua identidade, algo que influencia todas as áreas de sua existência, marcando-o como uma espécie dentro da etiologia da ciência sexual, vemos então não só a homossexualidade, mas toda prática sexual considerada desviante, ser colocada como patológica, considerando as singularidades dos corpos na história, essas seriam as existências que atualmente são enquadradas na sigla LGBTQIA+.

Ao nos darmos conta do funcionamento biopolítico do poder percebemos como as instituições sociais estão o tempo todo agindo sobre o corpo biológico, ora incitando seus desejos, instigando sua curiosidade, afirmando suas ações, expondo sua intimidade, ora controlando os desejos do corpo, moralizando a curiosidade, contendo as ações, camuflando a

intimidade. As pistas sobre como o biopoder<sup>2</sup> age sobre o corpo revela um jogo arbitrário de intensidades na produção de uma subjetividade moderna. Todo o corpo social e individual é investido sexualmente e revela-se central nas políticas de governabilidade na contemporaneidade, ele é controlado mas também é produzido, como contra partida resiste a esse controle, transgride a moralidade que disfarça-se de normalidade.

A possibilidade de resistência e toda a tecnologia voltada para normalização dos corpos considerados sexualmente desviantes e atualmente agrupados na sigla LGBTQIA+ está presente em inúmeras práticas, entre elas a formulação de trabalhos acadêmicos, revisões de literatura, investigações filosóficas, que buscam dentro de campos de saber validados socialmente como produtos de verdade denunciar a ilegitimidade de determinados conceitos, as rupturas dentro de supostas evoluções do saber e a ligação entre interesses de governo no cerceamento de outros tipos de saberes que não validam teorias que deslegitimam a existência do outro, sufocando-o, visibilizando-o, cerceando-o, até sua morte social e biológica, é esse o objetivo central das problematizações desenvolvidas nesse trabalho.

## 2.1 Compendo fluxos de forças: pistas para uma analítica do corpo sexual no discurso da “cura gay” na atualidade

As questões colocadas aqui buscam demonstrar como determinados discursos sobre o corpo sexual entrelaçam e formam uma teia de linhas de força que fixam as posições dos sujeitos em estereótipos sociais e marcam no seu corpo a opressão, mas também a resistência. Todos os sujeitos que são questionados pela sua forma de vivenciar a sexualidade possuem no seu corpo a denúncia da sua anormalidade, não há como esconder, nem de si mesmo, pois mesmo silenciosamente as sensações e sentimentos entrega-nos a nós mesmo, e nem dos outros, pois essa anormalidade está presente na forma de falar, de andar, de vestir-se, já que faz parte da sua singularidade humana.

Podemos, então, nos questionar sobre como esses jogos políticos funcionam em torno dos corpos considerados monstruosos socialmente por carregarem nos seus corpos a marca da anormalidade. Pois, atualmente, considerando as devidas proporções históricas e culturais, toda a discursividade envolta na polêmica “cura gay”, nos permite observar uma regularidade entre os corpos na expressão de sua sexualidade submetidos na atualidade a “cura gay”, e

---

<sup>2</sup> Sobre o biopoder e a biopolítica, citados já algumas vezes até o momento, na próxima seção o modo de funcionamento desses conceitos será exemplificado mais detalhadamente, assim como a forma como estão sendo deslocados para pensar a sexualidade na analítica do objeto de pesquisa escolhido.

corpos na expressão similar de sua sexualidade ao longo da história submetidos a outras medidas voltadas para normalização da “diferença”, como eletrochoques, prisão, pena de morte, confinamento... com vista a uma “cura”, a semelhança entre os discursos postos e a estratégias de materialização desses nos corpos nos remete ao que Foucault chamou de “arquivo”, não entendido como a soma dos textos de uma cultura, mas:

[...] trata-se antes, e ao contrário, do que faz com que tantas coisas ditas por tantos homens, há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo as leis do pensamento, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias, que não sejam simplesmente a sinalização, no nível das performances verbais, do que se pôde desenrolar na ordem do espírito ou na ordem das coisas; mas que tenham aparecido graças a todo um véu discursivo; que em lugar de serem figuras adventícias e como que inseridas, um pouco ao acaso, em processos mudos, nasçam segundo regularidades específicas: em suma, que se há coisas ditas – e somente estas -, não é preciso perguntar sua razão imediata às coisas que aí se encontram ditas ou aos homens que as disseram, mas ao sistema da discursividade, às possibilidades e às impossibilidades enunciativas que ele conduz (FOUCAULT, 1997, p. 148-149).

O arquivo serve-nos de instrumento para o desenvolvimento de uma analítica da anormalidade sexual atribuída aos corpos que constituem a comunidade LGBTQIA+ no discurso da “cura gay”, por possibilitar descrever fatos sociais que embasam a emergência da homossexualidade e demais formas de vivenciar a sexualidade consideradas desviantes em algum momento da história como crime, patologia e seu deslocamento à normalidade no campo científico e jurídico em contraposição com o discurso da “cura gay”, para que possamos entender as condições de emergência que possibilitaram a formação dos enunciados desse campo discursivo e assim “[...] que regras de direito as relações de poder lançam mão para produzir discursos de verdade? (FOUCAULT, 2005, p. 179).

O conceito de verdade que usamos dentro da argumentação proposta e que reivindica um movimento crítico diante das práticas da atualidade é o mesmo usado por Foucault em A arqueologia do saber e em Nietzsche, a genealogia e a história (FOUCAULT, 1997; 2010), diferindo então de uma concepção metafísica que vislumbra uma essência das coisas abstrusas que após um processo de desanuviamento é descoberta como algo atemporal e universal, a verdade é entendida como indissociável do acontecimento, ou seja, é algo que traz em si um sentido atribuído através de uma certa historicidade, mas que não se repete, é sempre singular, consistindo em uma exercício do pensamento historicamente possibilitado, mas atualmente efetivado e implicado. Assim, por verdade, podemos entender:

[...] um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A "verdade" está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a

efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. "Regime" da verdade. Esse regime não é simplesmente ideológico ou superestrutural; foi uma condição de formação e desenvolvimento do capitalismo (FOUCAULT, 2005, p.17).

Destaca-se que nesse entendimento de verdade o poder exercido através do saber não tem como característica principal ser violento ou repressor, mesmo que algumas ações decorrentes de determinados saberes possuam tais características no seu funcionamento local, todavia o poder nessa dialética com o saber age como produtivo, pois: “o poder, longe de impedir o saber, o produz” (FOUCAULT, 2005, p. 148). Ou seja, a relação entre discurso e poder é acima de tudo uma relação produtiva, pois à medida que o poder se manifesta pelo discurso, esse por sua vez produz mais poder, podemos perceber isso nos discursos sobre a normalidade sexual quando se fala de “cura gay”, um poder de normalização que produz um discurso sobre a sexualidade, e esse discurso nas relações acaba produzindo mais poder, num ciclo de autoafirmação.

Assim, o poder age produzindo o corpo enquanto acontecimento discursivo. Nesse sentido, nos servirá como contribuição para pensar o corpo por esse viés Courtine (2013, p.56) em “Decifrar o corpo” quando destaca o fato de que “constituir um corpus em discurso é mais do que caracterizar as formas enunciativas, mas inscrevê-lo nessas longas séries de formulações, em uma memória discursiva dos corpos”, pois “[...] as formações discursivas não são jamais dispositivos locais, mas atravessam e religam uma pluralidade heterogênea e disseminada de campos do saber e regimes de práticas (COURTINE, 2013, p.59).

Os discursos, que se materializam no corpo, fazem desse um acontecimento discursivo que permite o exercício do poder em uma relação em que o produto é também produtor. Nessa direção, o corpo enquanto superfície onde se inscreve a diferença é central na análise da anormalidade atribuída aos corpos da comunidade LGBTQIA+ no discurso da “cura gay” na contemporaneidade. Entendendo que esse é um acontecimento discursivo produto e produtor de jogos de poder inscritos do interior das formações discursivas que produzem um determinado tipo de saber sobre esses corpos na expressão da sua sexualidade, entendida não apenas como o ato sexual, mas como a expressão da feminilidade ou masculinidade e de uma determinada posição dentro das relações.

Desse modo, é muito importante analisar as modalidades enunciativas (FOUCAULT, 1997), ou seja, as formas de se dizer algo num determinado momento histórico por meio de exposições qualitativas, induções, estimativas estatísticas, elaborações teóricas, sempre



levando em conta o sujeito que fala, sua relação com as instituições de poder da sociedade na qual está inserido, assim como sua relação com os objetos do qual se fala.

No entanto, é preciso ir além dessas modalidades, usar Foucault como fez Milanez (2012) na análise das pistas e traços de um corpo suspeito tendo como materialidade o caso de estupro de Itambé, para ir além, fazer uma análise que volte o olhar para aspectos mais abrangentes e comumente deixados de lado, olhar os ditos e não ditos, ou seja, o corpo em toda a sua expressividade falada, sentida, interdita e mostrada visualmente, pois o corpo, nesse sentido, é visto como um dispositivo que referencia movimentos, atitudes e comportamentos usados para sabermos diferenciá-los do que pode ser condenável ou não.

Destarte, a proposta de análise a ser empreendida terá como fundamentação teórico-metodológica uma arqueologia (FOUCAULT, 1997) comprometida com as regras que atravessam o campo discursivo analisado e sua tensão e (re)distribuição histórica. Para tal empreendimento é importante retomar alguns conceitos já abordados implícita e explicitamente, sendo eles o de história, verdade, poder e saber, para elucidar o caráter articulado e agonístico desses conceitos que, ao se comporem, fazem das relações de saber simultaneamente relações de poder.

Inferimos que, na perspectiva colocada, ao mesmo tempo que analisamos uma determinada formação discursiva estamos analisando uma genealogia do poder. A análise de um discurso está sempre entranhada em uma rede de sujeição e dominância de outros discursos condicionados assim por estratégias do poder. Arqueologia e genealogia agem simultaneamente, pois enquanto “a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade” (FOUCAULT, 2005, p.172, 153).

Assim, ainda que não possamos delinear um itinerário de trabalho, podemos levantar pontos que serão trabalhados por serem indispensáveis para o estabelecimento de um compromisso ético e político com a subjugação de alguns discursos em detrimento da dominação de outros no que se refere a temática da patologização da sexualidade da comunidade LGBTQIA+, e violência empreendida no tratamento desses corpos nos mais diversos espaços sociais, como: a análise crítica da história, a tomada dos saberes como um efeito de estratégias de poder e não como universais, os discursos como resultados de regimes de verdades ligados a essa dinâmica poder-saber. Tudo isso sem perder de vista a emergência e possibilidade do tema proposto na atualidade como a constituição de um aspecto muito importante pontuado por Foucault (1988) no primeiro vol. da *História da sexualidade* que ele

chama de “discurso de reação”, numa tomada do saber que oprime para transformá-lo em afirmação da diferença.

Consideramos, então, a arqueogenealogia a partir de Foucault como perspectiva de trabalho que nos permite problematizar as práticas discursivas, mas também as práticas não discursivas, que envolvem os saberes engendrados no campo da patologização da sexualidade como acontecimentos que desnudam relações entre instituições sociais e produção de práticas cotidianas e outras materialidades discursivas como peças de um jogo político que envolve a manutenção de um determinado exercício do poder e privilégio de grupos específicos nesse exercício.

A cruzada teórica alavancada por um olhar crítico da/com a história, vista como um feixe descontínuo de acontecimentos que encontram uma ordem nas relações de difusão e transformação do poder e do saber é o que possibilitará a perspectiva arqueogenealógica, não como uma perspectiva que ditará os passos a serem tomados como um manual de instruções, pelo contrário a arqueogenealogia se aproxima mais de uma caixa de ferramentas conceituais, onde é necessário não que a teoria explique e/ou interprete a realidade a priori como uma verdade aplicada a qualquer acontecimento com pretensão a completude, mas que seja funcional na nossa atitude crítica de compreender os fluxos de poder presente num determinado recorte da realidade (FOUCAULT, 2005).

A teoria deve ser usada como uma caixa de ferramentas que “é forçosamente um instrumento de combate. A teoria não totaliza; a teoria se multiplica e multiplica” (FOUCAULT, 2005, p.67). O cotidiano é o espaço fértil para multiplicação teórica, por estar em contínua tensão provenientes das relações de poder que se infiltram microfisicamente nas relações sociais, marcadas sempre por uma racionalidade construída historicamente. São as relações cotidianas que agem valorizando, censurando, dando visibilidade, reforçando ou rechaçando diferentes posicionamentos dos sujeitos sociais, é nas relações mais cotidianas que um saber pode ser normalizado (FOUCAULT, 2005). Olhar curiosamente para o cotidiano mostrará as tecnologias de normalização entranhadas nas práticas consideradas mais naturais.

### 2.1.1 Suporte teórico para abordagem metodológica e corpus da pesquisa

É pensando no cotidiano enquanto espaço central de articulação saber/poder na normalização, enquanto arena de disputa dos jogos de forças atuais e os novos modos de

intensificação da circulação dos enunciados dentro da perspectiva da análise do presente que optamos por concernir ao espaço virtual lugar de destaque na análise da circulação e visualização do discurso da “cura gay”. Os espaços de comunicações virtuais estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano, interagimos com informações vindas desse meio o tempo todo e essas informações não estão apenas constituindo nosso saber sobre alguma coisa, pois o saber não serve exclusivamente para nos ajudar a interpretar o mundo, mas é o saber que constrói o mundo como entendemos (FOUCAULT, 1997). Nessa direção, as informações vindas do espaço virtual estão construindo o mundo como o entendemos hoje.

Quando marco o lugar do espaço virtual; estou me referindo especificamente ao *YouTube*, uma das mais populares plataformas de compartilhamento de vídeos da atualidade, e que vem ganhando cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas. É possível acessar todo tipo de informação por essa plataforma, e por seu conteúdo principal ser vídeos isso diminui o esforço para compreensão de quem está do outro lado da tela, pois os vídeos são feitos em sua maioria buscando a melhor comunicação, já que seu objetivo é acessar o outro que assiste.

Dessa forma, há todo um cuidado com a edição dos vídeos que vão do texto enunciado, a sons adicionados, imagens, cores, posição da câmera, tudo deve fluir na direção de melhorar a comunicação entre quem posta o vídeo na rede e quem o assiste. O vídeo deve causar um impacto positivo, para ser curtido e compartilhado e assim obter uma ampla circulação. A plataforma se tornou um dos canais de comunicação mais importantes da atualidade, contanto com a presença de congressos, figuras públicas, políticas, famosos, etc.

Em janeiro de 2009, foram lançados os canais do Congresso e do Presidente dos EUA no site, com atualizações diárias. Em fevereiro do mesmo ano, o Vaticano criou seu canal, disponível em sete idiomas. Ainda em 2009, vídeos realizados por cidadãos iranianos deram uma perspectiva do que acontecia no país naquele momento de conturbadas eleições presidenciais. Um dos mais notórios vídeos registrou o momento em que a jovem Neda Soltan foi baleada em uma batalha entre policiais e protestantes (MENDONÇA, 2014, p.55).

Experiências similares foram observadas em protestos que varreram o mundo e ainda hoje emergem, nas eleições presidenciais do Brasil no ano de 2019 vimos esse tipo de influência se estabelecer, muitos vídeos e canais sobre política circularam vídeos a favor e contra os candidatos à presidência, mostrando como a informação audiovisual proveniente da internet possui influência na formação de opinião e atitude política dos brasileiros, mostrando a enorme capacidade dos vídeos produzidos em canais do *YouTube* não só de alimentarem discussões mais deliberarem decisões importantes sobre o futuro do país e dos direitos sociais.

As audiovisualidades que emergem do *YouTube* possuem grande potencial de alcance e influência como nos mostra Milanez (2019), elas agem constituindo um dos operadores tecnológicos propulsores das metamorfoses na sociedade contemporânea da vida cotidiana. O corpo no interior desse espaço extremamente atual serve-nos como modelo para entender aspectos da relação entre os corpos na expressão da sua sexualidade próprios da nossa sociedade no momento histórico em que vivemos, visto que “as audiovisualidades são fatos históricos que possuem um tipo específico de organização” (MILANEZ, 2019, p. 7), no qual sua produção atua como um processo de decodificação social da nossa feminilidade e masculinidade dentro ou não de um padrão cisheteronormativo.

Porém, mais do que apenas enquadrar ou não dentro de uma modelo cisheteronormativo, as audiovisualidades compõem uma geografia erótica sobre as afetividades aceitas socialmente que dizem respeito as formas como o sujeito ama e aos seus desdobramentos no campo do ver e do mostrar na composição audiovisual do *Youtube*, constituindo um espaço ora de afirmação de modos de amar e ora de exclusão ou interdição, distribuindo posicionamentos a respeito das afetividades LGBTQIA+ (MILANEZ, 2019).

Levando em conta as novas tecnologias que surgem com a revolução tecnológica e os avanços científicos provenientes das grandes guerras que foram responsáveis pelo desenvolvimento de inúmeras transformações na forma de produção das mais variadas mercadorias e a sua assimilação no estilo de vida Ocidental, Paul Preciado (2008) associa tais mudanças ao surgimento de uma nova era chamada por ele de Era Farmacopornográfica.

Segundo ele, o “termo se refere aos processos do governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (pornô) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula e a Playboy são dois resultados paradigmáticos (PRECIADO, 2018, p. 36). A pílula é tomada como um dispositivo que atua modificando diretamente a biologia do corpo, enquanto que a playboy age no nível das relações excitatórias e afetivas com o próprio corpo no qual a “performance, virtuosismo, dramatização, espetacularização, reprodutibilidade técnica, transformação digital e distribuição audiovisual” (PRECIADO, 2018, p. 282) são procedimentos chaves para o controle dos corpos e a majoração do poder.

Preciado coloca estratégias do governo como processos biomoleculares, o que conflui com o controle do biopoder sobre a vida e semiótico-técnico. Nessa seara inserimos as audiovisualidades, aqui tomadas como materialidades, esses dois pontos agem como técnicas de manipulação do corpo biológico, assim, na atualidade, há uma centralidade da “gestão política e técnica do corpo, do gênero e da sexualidade” (PRECIADO, 2018, p. 26-27)

Dessa forma, essa era é marcada por mecanismos interruptos de excitar e controlar, se o corpo do biopoder e do poder disciplinar era controlado, docilizado, normatizado no interior das instituições, o corpo introduzido no interior da Era Farmacopornográfica é excitado e controlado pelo próprio corpo, num processo semelhante ao masturbatório, por isso a denominação que faz referência a pornografia. Faz parte desse processo masturbatório os dispositivos tecnológicos dos quais somos dependentes na atualidade e que cada vez mais que se acoplam ao nosso corpo expandindo nossas capacidades, e se tornando também corpo, pois passamos a não nos imaginarmos sem eles.

Esses dispositivos excitatórios agem moldando nossa sexualidade a partir de uma política econômica do sexo, na qual saberes do campo da medicina, da psicologia e da sexologia expandiram suas fronteiras, adquirindo novos conhecimentos e técnicas de produção de subjetividade que intensificam sua capacidade de regulação do corpo biológico individual e coletivo, potencializado a produção de desejo e consumo de ofertas de tecnologias biomoleculares, semióticas, cibernéticas, pornográficas, farmacológicas que induzem um movimento da vida voltado cada vez mais para uma cisheteronormatividade (PRECIADO, 2008).

Paul Preciado (2008) vai desenvolver o conceito de farmacopoder onde o poder/saber provenientes dessas tecnologias se interligam ao funcionamento do biopoder agindo transversalmente na constituição de quem somos na atualidade, e marcando a importância de tecnologias na forma como o corpo se constitui como ele é. As tecnologias, e seus derivados como o *YouTube*, numa análise dos fluxos de força que compõem os acontecimentos atuais, são uma extensão do corpo contemporâneo. Para compreender o funcionamento do corpo é preciso compreender o funcionamento das tecnologias atuais, não há mais como dissociar um do outro.

Sendo assim, farmacopoder não nega o biopoder foucaultino, pelo contrário, acrescentando-se a ele como mais uma estratégia de normalização dos corpos, mas também como mais uma possibilidade de transgressão e resistência pelas minorias, são duas formas de exercício do poder que nos atravessam e nos compõem. A era farmacopornográfica é a estrutura contemporânea dessa tentativa de normalização que não exclui, mas articula o biopoder ao farmacopoder produzindo em contrapartida microrrevoluções surgidas desses mesmos pressupostos, bioquímicos, tecnológicos e biopolíticos.

Logo, o farmacopoder, enquanto também um modo de exercício do biopoder, age positivamente, sua característica mais importante e global é a produção de corpos tecnologicamente modificados. De tal modo, somando mais esse arcabouço teórico, a escolha

por problematizar a patologização da sexualidade em vídeos do *YouTube* se justifica na sua ligação intrínseca a produção de subjetividade contemporânea.

### 2.1.2 Audiovisualidades em pauta: corpus da pesquisa

Tendo a perspectiva exposta até o momento, selecionamos vídeos sobre cura gay do *YouTube*, no período de 2011 até 2020. A escolha dos anos teve como critério obviamente a atualidade das informações, no entanto a escolha pelo ano inicial não foi aleatória, 2011 foi um ano muito importante para as lutas da comunidade gay, pois mesmo após os órgãos, nacionais e internacionais, médicos, psicológicos e jurídicos terem emitido notas, formulado leis, corrigido documentos, com o propósito de retirar da homossexualidade a característica de anormalidade, surge na Câmara dos Deputados brasileira o projeto da “Cura Gay”, também conhecido pelos nomes Terapia da Reorientação Sexual, Terapia de Conversão ou Terapia Reparativa, que tinha como base um conjunto de técnicas que tem o objetivo de extinguir a homossexualidade de um indivíduo.

Esse projeto de decreto legislativo será arquivado, no entanto retornará cinco anos depois, em 2016, formulado por um parlamentar diferente, mas com objetivos similares e será apoiado por parlamentares outros constituintes da bancada evangélica. Essa frente parlamentar do Congresso Nacional do Brasil, que como já pontuamos é composta por políticos evangélicos de partidos políticos distintos, se constitui uma forte base política na eleição do atual presidente da república que esteve envolvido em diversas polêmicas devido inúmeros enunciados que atacavam a comunidade LGBTQIA+ e reforçavam estereótipos que ligavam esses corpos a uma anormalidade.

Então, dentro do recorte temporal escolhido, serão selecionados vídeos que se relacionem diretamente com o tema da “cura gay”, ou seja, patologização das sexualidades não cisheteronormativas. E a partir desse ponto busca-se construir séries videáticas constituídas, por sua vez, por um conjunto de enunciados que destacam a posição do sujeito que enuncia. Tendo como referência Milanez (2012, 2015, 2019), denomino séries videáticas acontecimentos discursivos que se materializam nos vídeos, não sendo necessariamente contínuos ou similares, mas que através dos sujeitos que enunciam encontram o princípio da regularidade.

Nessa direção, as séries serão elencadas, apesar de suas singularidades, através de correlações entre si no que se refere aos tipos de formações discursivas, possibilitando a organização de um campo enunciativo específico, onde a “cura gay” e os efeitos na formação

e funcionamento dessa prática discursiva possa ser visualizada no corpo. A partir de vídeos onde se encontre imagens justapostas de corpos entre um antes e depois da imersão nesse campo enunciativo, de vídeos onde se encontre informações sobre posicionamentos a respeito, do tema de instituições privilegiadas no exercício do poder sobre os corpos, como a médica, psicológica e jurídica, e por fim vídeos contendo pronunciamentos do maior representante do poder executivo no Brasil a respeito do assunto, a saber: o presidente da república.

Assim sendo, dividirei os vídeos em quatro categorias: relativos ao **campo jurídico**, ou seja, as leis em vigor na atualidade e a relação delas com o tema problematizado; ao **campo médico e psicológico** no que se refere aos manuais, pareceres e posicionamentos sobre doenças e transtornos; e os do **campo religioso e/ou confessionais**. O agrupamento se deu dessa forma, pois no discurso da “cura gay” que emergem no campo religioso o foco se dá sobre corpos que confessam sua sexualidade fora do padrão cisheteronormativo, e a partir daí passam por um procedimento que tem como resultado a normalização e o afastamento do pecado e, por último, mas tão importante quanto, vídeos com **enunciados do presidente da república** relacionados a diversidade sexual e a conquista de direitos LGBTQIA+, enquanto líder nacional do poder executivo brasileiro e representante de uma parcela considerável da população que conhecendo seus posicionamentos ainda assim apoiaram sua legenda política, o que reafirma a importância da problematização aqui proposta.

Ao fazer isso estarei agindo similar ao que faz Milanez (2015) ao aproximar “as regularidades audiovisuais do sujeito no domínio da nossa atualidade”. Fazendo dessa pesquisa, portanto, distante de um apanhado histórico generalista, que tem como premissa o traçado de um mapa do desenvolvimento, uma investigação da composição das forças que atravessam os campos estudados, a saber, corpo, discurso e “cura gay”. Dessa perspectiva, pretende-se no presente texto tencionar a formação discursiva que se incide sobre os corpos, investigando as linhas de forças em jogo na produção de verdade.

Como uma perspectiva de trabalho que nos permite articular as produções, formações e práticas discursivas e não discursivas que envolvem o campo problematizado, apresentamos a arqueogenealogia. No entanto, há uma outra caixa de ferramentas, inspirada na análise do discurso foucaultina, formulada por Nilton Milanez, que nós será funcional no manuseio de informações provenientes das audiovisualidades, agindo como coordenadas sobre as materialidades que “se organizam em várias instâncias do mostrar e do ver”, sistematizadas em sete pequenas pontuações, por meio das localizações e dos deslocamentos de Michel Foucault em *Arqueologia do saber* (1997) e *Ordem do discurso* (1998) (MILANEZ, 2019, p.87).

A primeira coordenada se direciona *a materialidade e o campo do objeto*, na qual como numa hierarquia é preciso compreender inicialmente como as materialidades aparecem, organizando o campo do objeto a ser investigado e o seu estatuto dentro desse campo. Continuamente, a segunda coordenada busca *materialidade e espessura histórica* relacionando os estratos históricos que vêm à superfície, ligados a uma retomada de discursos que se atualizam em pequenas e breves histórias das imagens vistas em nosso cenário audiovisual (MILANEZ, 2019).

*A materialidade tem um lugar institucional*, muito importante para sua formação histórica, ou seja, as imagens em movimento são reguladas por práticas institucionais que dizem o que e como os videoclipes podem mostrar certas figuras, determinados movimentos corporais, o sentido dos gestos, a cultura através deles, o aspecto midiático da exploração do corporal em um vídeo, assim como condições materiais de produção vidiática. É preciso refletir também sobre a formação do suporte que acolhe o nosso objeto de pesquisa, os fatores que determinam do que se fala, ao mesmo tempo em que enunciam do que se fala, introduzem as singularidades da produção, do registro das imagens, já que a *materialidade tem um suporte* (MILANEZ, 2019).

Outra coordenada na nossa investigação deve se voltar para os *ponteiros espaço-temporais da materialidade*, lugar em que o nosso objeto se encontra nas relações e a importância desse lugar no tecido social. Para isso devemos ir marcando os traços desse lugar, delineando espacialidades e temporalidades específicas que o singularizam e fazem dele um acontecimento único (MILANEZ, 2019).

*A articulação da materialidade com a cor* também deve ser levada em conta pois, as cores que compõem as cenas presentes nas audiovisualidades analisadas desperta certos tipos de relações entre o vídeo e o sujeito que o assiste, sendo assim Milanez marca o lugar da cor como um elemento “cromático-discursivo”, o jogo de cores é entendido então como um acontecimento na história. Nesse sentido, *demarcação do som na materialidade* também deve ser marcada, já que o entrelaçamento entre o que ouvimos e o visual age na constituição de imagens sonoras carregadas de significado histórico (MILANEZ, 2019).

Todos esses aspectos precedentes, quando pontuados e problematizados em cada série discursiva, fará eclodir as condições de possibilidades do discurso da “cura gay”, as técnicas usadas pelos dispositivos de construção de saberes ligados a movimentação desse discurso na atualidade. Nos ajudando a compreender porque tal temática ainda continua sendo objeto de disputa política no senado, e também de patologização e criminalização, difundido ora explícita ou implicitamente em instituições sociais diversas. Serão esses aspectos que nos



ajudarão a ver as marcas impressas nos corpos que se mostram nos vídeos, historicamente possibilitadas por processos de subjetivação que se atualizam pela violência e para a violência.

A memória discursiva da patologização da sexualidade inscrita nas práticas, na forma como o corpo se mostra e como nós podemos vê-lo nas audiovisualidades vindas do *YouTube* exemplifica o caráter pragmático dos discursos e a sua capacidade de se relacionar com outros saberes científicos ou não, mas constituidores da forma como nos sentimos, pensamos, desejamos, agimos, escolhemos e julgamos a partir do pressuposto de saber algo, um saber que se diz muitas vezes óbvio, natural e incontestável, mas que é sempre um saber construído, assim como o nosso corpo, e as produções midiáticas atuais também são construídos a partir das condições sócio-históricas.

A pesquisa, então, analisará as séries individualmente com a finalidade de desenvolver uma análise detalhada e elucidativa para o leitor, por meio da qual, tendo as coordenadas propostas, articulará aspectos teóricos que nos ajudarão também a ver a historicidade marcada nesse discurso. A bibliografia principal será marcada pelo pensamento foucaultiano não só como um suporte técnico, mas como uma atitude política de posição crítica frente ao que nos é dado como conhecimento óbvio. As séries foram organizadas em um quadro onde cada vídeo possui no seu título um *hiperlink* que direcionará o leitor para a plataforma do *YouTube*, onde ele poderá assistir na íntegra o conteúdo problematizado, para tal ato basta: pressionar a tecla Ctrl e ao mesmo tempo clicar no título do vídeo com o botão direito do mouse.

Quadro 1: amostra do *corpus*

Título	Adicionado	Acessos	Postado por
<b>CAMPO RELIGIOSO E/OU CONFECIONAIS</b>			
<a href="#">Jovem deixa de viver a prática homossexual 22/9/15 Bloco 2</a>	24/09/2015	66.505	TV Canção Nova
<a href="#">Testemunho - Felipe Valentino (ex travesti)</a>	29/05/2017	435.651	Christeen Movement
<a href="#">Cura gay: terapia ou tortura? A verdade! - põe na roda</a>	28/09/2017	885.750	Põe Na Roda

CAMPO MÉDICO E PSICOLÓGICO			
Ato médico e "cura gay" - Boteco Behaviorista #21	30/06/2013	20,6 mil	Boteco Behaviorista
<a href="#">Cura Gay. Isso existe?</a>	26/09/2017	1.333	Psicólogos em São Paulo
<a href="#">Aspectos genéticos da homossexualidade</a>	28/04/2016	346.969	Drauzio Varella
CAMPO JURÍDICO			
<a href="#">União homoafetiva e cura gay foram pontos questionados em sabatina de PGR</a>	26/09/2019	670	TV Senado
<a href="#">Silas Malafaia audiência homossexualismo 29/11/11</a>	29/11/2011	943.123	Michelnaweb
<a href="#">'Cura gay': Defensoria intervém na ação que permite tratar a homossexualidade como doença</a>	28/09/2017	478	TV Senado
ENUNCIADOS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA			
<a href="#">Jair Bolsonaro elogia economia e faz piada homofóbica: 'hétero virou qualidade'</a>	05/03/2020	11.263	UOL
<a href="#">"Você tem uma cara de homossexual terrível", diz Bolsonaro para repórter   uol trends</a>	20/12/2019	43.794	UOL
<a href="#">Bolsonaro critica decisão do STF sobre Homofobia   SBT Brasil (14/06/19)</a>	14/06/2019	14.709	SBT Jornalismo

Apesar da organização dos vídeos usados no quadro exposto, a forma como eles aparecerão ao longo da dissertação não obedecerá a uma ordem sistematizada, eles serão incrementadores das problematizações empreendidas como forma de exemplificar e de questionar saberes, assim cada série discursiva atuará junto na escrita de um seção que estará inscrita no interior de uma formação discursiva ligada a um campo de saber, que ao se relacionar com os outros campos de saberes das outras seções tencionará uma estratégia global de difusão de controle dos corpos em toda a sociedade.

Dessa maneira, os vídeos e suas respectivas séries vidiáticas serão ora materialidades ilustrativas, ora provocadoras, ora contraditórias, como uma arma política que assumindo diversas facetas revela sempre uma característica da batalha empreendida. O corpus da pesquisa não será a origem das discussões empreendidas, ele nos servirá, de acordo com a perspectiva elucidada, como gerador de força motriz para atividade de pesquisar e escrever.

Em linhas gerais, esse trabalho, com a abordagem teórico-metodológica proposta, os objetos empreendidos, e as provocações sociais expostas, indica a produção de um trabalho histórico comprometido com problemas atuais que não se ocupa de uma revisão de literatura, apesar de fazer uso desta em muitos momentos, que não busca a origem de um discurso, mas a forma como os acontecimentos históricos são possibilitados por determinadas condições férteis historicamente e agem na atualidade fazendo funcionar regras e normas de conduta: “tudo isso exige que se seja capaz de exercitar um pensamento arrojado capaz de correr riscos. Mas o interessante do conhecimento merece-o” (MAFESOLI, 2010, p.18).

Por fim, é importante ressaltar que toda a proposta teórica de análise de um recorte da atualidade se insere no interior de um movimento dos estudiosos de Foucault voltado para tentativa de compreender a atualidade a partir da análise de discursos, instituições e corpos. Esse movimento do qual falo vem sendo desenvolvido por muitos estudiosos, chamo a atenção para meu círculo de pesquisa (MILANEZ, NASCIMENTO, SANTAN BÁRBARA, 2018), o qual a partir de suas publicações e análises despertam questionamentos que direcionam essa pesquisa na direção de tentar compreender a forma como o corpo, em especial o “corpo gay”, aparece no discurso e suas extensões nas relações sociais.

### **3 NORMAS DE ATUAÇÃO PARA OS PSICÓLOGOS NO SENADO FEDERAL: “CURA GAY”, POLÍTICA E SEXUALIDADE**

[..] De perto ninguém é normal [..]

Caetano Veloso, [1986], 2011.

Sempre que colocamos que algo é normal e algo não é, sempre que apontamos o dedo e repreendemos alguém com a justificativa “isso não é normal”, penso sobre a singularidade presente em cada um, em como no fundo, nos detalhes que nos fazem ser quem somos, nos momentos mais íntimos, somos todos fora da norma. Quando olhamos bem de pertinho pra os nossos pensamentos e ações, para nossos gostos e desgostos, as razões porque escolhemos algo, porque nos afeiçoamos, é sempre uma forma única de estar no mundo, fora de uma normalidade, porque no fim das contas: “de perto ninguém é normal”.

A pauta da normalidade está sempre ligada a pautas relacionadas a diversidade sexual. Como já dito em um momento anterior, propostas relacionadas a uma reorientação sexual ou algo do tipo, popularmente conhecido como “cura gay”, não é necessariamente uma novidade quando olhamos a história do Ocidente, particularmente no que se refere a psiquiatria e a psicologia. Nessa direção, a sexualidade homossexual acaba representando outras formas de vivenciar a sexualidade que não estão dentro da norma cirheteronormativa<sup>3</sup>, e por essa razão, conquistas ou retrocessos ligados a direitos da pessoa homossexual acabam reverberando em toda a comunidade LGBTQIA+.

A sexualidade na modernidade ocupará um lugar dentro das instituições sociais extremamente fértil na produção de saber e poder sobre a subjetividade humana ao longo de sua trajetória científica, seja por meio de experimentações, pesquisas, estatísticas e análises sociais e emocionais das pessoas alocadas no interior de uma classificação patológica da sexualidade; através da análise de dados acumulados e levantados por meio de critérios que atendiam às exigências científicas, ou seja, que podiam ser revisados, reproduzidos e questionados por pesquisadores diferentes, seguindo obviamente as prescrições científicas de uma pesquisa, e ainda assim o resultado teria a mesma fidedignidade, constatando uma série de dados com importantes afirmações para a temática da patologização da sexualidade.

O levantamento de todos os dados científicos sobre a sexualidade na sua ligação com o processo de patologizá-la seria extensivo, por tal razão alguns dados são mais importantes

---

<sup>3</sup> Norma essa, que como veremos no próximo capítulo se solidifica a partir de um modelo biomédico de gênero que se forma a partir de jogos de poder descortinados pelos postulados de Foucault.

para a presente proposta de trabalho, inclusive pela sua extensão social e ampla divulgação em meios de comunicação que se propõem a atualizar profissionais da saúde. Nesse sentido, as informações provenientes da Organização Mundial de Saúde, da Classificação Internacional de Doenças (CID 10), e do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), apresentam orientações de nível internacional e no que se refere ao Brasil, o Conselho Federal de Medicina e o Conselho de Psicologia também apresentam orientações que ganham visibilidade nesse artigo.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1991 tira a homossexualidade da lista de distúrbios mentais da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a saúde (CID-10), na versão mais atualizada chamada CID-11, a transexualidade deixa de constar na lista de transtornos mentais. O DSM - 5 evita rotular comportamentos sexuais não-normativos como patológicos devido à ausência de comprovações científicas, enfatizando o conceito de incongruência de gênero como algo mais complexo do que a simples identificação com o gênero oposto apresentada no DSM-IV-TR como Transtorno da Identidade de Gênero, as disfunções sexuais não apresentam nenhuma relação com a orientação sexual do sujeito, mas são tipicamente caracterizadas por uma perturbação clinicamente significativa na capacidade de uma pessoa para responder sexualmente ou de sentir prazer sexual (APA, 2014, OMS, 1993).

O Conselho Federal de Medicina, que seguindo a OMS no dia 17 de maio de 1990, retirou a homossexualidade da sua lista de doenças ou transtornos mentais, suprimindo-a do Código Internacional de Doenças (CID-10), a partir de 1993. Nesse direção, o Conselho Federal de Psicologia (CRP), que não apenas não classifica como patologia ou transtorno a homossexualidade, transexualidade, bissexualidade e todas as formas de vivenciar a sexualidade inscritas na sigla LGBTQIA+, mas incluiu em seu código de ética uma orientação que veda os psicólogos de incentivarem ou executarem qualquer tratamento que possua como um dos seus pressupostos favoráveis a patologização da homossexualidade. Tal resolução diz o seguinte:

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não

solicitados. Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica (CFP, 1999).

É importante ressaltar que a resolução do Conselho federal de Psicologia estabelece parâmetros para que os psicólogos não cometam crimes e causem mais sofrimento as pessoas. Assim, a resolução em questão não proíbe os profissionais de atenderem a comunidade LGBTQIA+, ou outras pessoas que estejam sofrendo por causa de comportamentos sexuais. O que ela visa evitar é a patologização que se materializa na discriminação e violência social contra pessoas que vivenciam uma sexualidade considerada moralmente desviante por uma parcela da população.

Essa resolução se torna tema de projetos de lei no senado federal, o projeto de lei mais atual data de 2016, arquivado em 2019, e tem como objetivo “susta os efeitos da Resolução nº 01, de 22 de março de 1999, editada pelo Conselho Federal de Psicologia – CFP” (CFP, 1999). Propomos, então, diante dessas informações, analisar as condições de possibilidade e os desdobramentos econômicos e políticos do projeto de lei que visa sustar as indicações do Conselho Federal de psicologia pertinentes às normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual, com o objetivo de demonstrar como esse projeto de lei, popularmente conhecido como “cura gay” se inscreve em uma debate mais amplo sobre a normalização da sexualidade como um campo de produção de saber fértil e estratégico que se difunde na produção de normas de conduta no interior das mais diversas instituições e relações sociais na produção de subjetividade e controle dos corpos em todo o tecido social.’

É importante ressaltar que 2019, o ano de arquivamento do decreto de lei, que em seus efeitos previstos está a prática de terapias voltadas para a reorientação sexual por psicólogos autointitulados cristão, que mesclam conhecimentos religiosos à práticas psicológicas, foi cenário de embates políticos no Brasil que tiveram tanto a homossexualidade como as sexualidades fora da norma cisheterossexual tomadas como elementos importantes no questionamento de posicionamentos do presidente da república no seu primeiro ano de governo, assim como articulação de grupos evangélicos no senado, conhecidos como bancada evangélica, em apoio ao candidato conservador durante o processo eleitoral, e por fim, vencedor da corrida presidencial.

Todo esse cenário, protagonizado por cristãos conservadores ou defensores de prática de terapias voltadas para a reorientação sexual, se mescla a um projeto de lei que objetiva

decidir sobre a atitude de profissionais frente a diversidade sexual, que tem como criador não um psicólogo, psiquiatra, cientista, ou profissional de saúde, mas um pastor. A tentativa de um representante religiosa decidir sobre uma orientação formulada por profissionais indica já de antemão a tentativa de valores religiosos conservadores se sobressaírem frente a conhecimentos psicológicos no tratamento oferecido a comunidade LGBTQIA+.

Para compreender como o projeto de lei se insere em um debate mais amplo sobre a normalização das sexualidades, assim como sobre a patologização de sexualidades consideradas desviantes por determinados setores e sujeitos sociais, representados pelo deputado patrono desse projeto de decreto legislativo e seus apoiadores, iremos inicialmente dar continuidade a já começada arqueogenealogia a partir de Foucault, das suas elucubrações sobre a constituição da sexualidade no Ocidente.

Faremos isso com o intuito de compreender como os discursos sobre a verdade do sexo se formam localmente e se difundem socialmente ao longo da história, compondo fluxos de forças nos jogos de poder próprios da modernidade, e fazendo emergir o discurso da “cura gay” diante de tantos avanços científicos no estudo da sexualidade humana. Visto que “a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade” (FOUCAULT, 2005, p. 153).

Tal opção marca a indissociabilidade entre produção de discursos verdadeiros e exercício do poder, levando-nos a inferir que a produção de discursos verdadeiros sobre a sexualidade não deve ser estudada sem levar em consideração o exercício do poder sobre os corpos sexualmente investidos. Nessa direção, para a análise proposta, inicialmente foi lido na íntegra o projeto de decreto legislativo que visava sustar a legitimidade das normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Após tal ato, selecionamos trechos:

- a) Considerados pontuais para o entendimento da justificativa social e científica de tal projeto;
- b) Que indicavam a ligação entre a terapêutica voltada para a sexualidade e variados setores da sociedade;
- c) Que demonstram em termos legais a incongruência da resolução nº 01, de 22 de março de 1999 do CRP.

O levantamento e problematização desses trechos possibilitarão um panorama complexo formado pelo projeto de decreto legislativo, seus desdobramentos e pretensões. Assim como as problematizações envoltas em um debate mais amplo sobre a normalidade sexual, o que implica estratégias de incitação, controle, manipulação, produção de saberes e as mais diversas táticas locais e globais de uma política que se volta para o controle da vida, o que “desvenda a relação estreita entre sexualidade e o exercício do poder do estado” (FOUCAULT, 1988, p. 28).

No entanto, antes de apresentar o projeto de lei, é essencial explicar sobre linhas de força que ao longo da história atuaram construindo normalizações sobre a sexualidade ocidental, ocupando um lugar de destaque numa forma de exercer o poder e movimentar o político criando o direito privilegiado de determinados sujeitos que ocupam lugares sociais específicos na produção de enunciados sobre o sexo.

### 3.1 TRÍPLICE ALIANÇA: SEXO, POLÍTICA E ESTADO

Em *A vontade de saber*, primeiro volume da *História da sexualidade*, Foucault questiona-se sobre se a política não seria “uma guerra prolongada por outros meios” (1988, p.89). Essa afirmação é contextualizada por uma série de problematizações e elucubrações que apresentam a sexualidade como um dispositivo na modernidade que surge no campo das ciências da vida conferindo conhecimento e capacidade técnica de manipulação dos corpos, nos indicando o que está por trás das inúmeras tentativas de grupos dizerem sobre a verdade da sexualidade e a ligação política desses grupos a determinados candidatos a representantes do povo, ao invés de outros.

Dessa forma, a política na modernidade, segundo Foucault, se torna uma guerra pelo controle da vida, incluindo nessa alçada domínios de saber relacionados a sua forma de sentir prazer, de se relacionar e se reproduzir, fazendo da sexualidade uma temática central para tais propósitos. Nesse dinâmica social, o objetivo do poder no exercício político, diferente do poder soberano que segundo o próprio Foucault era “fazer morrer ou deixar viver”, a partir de uma nova forma de funcionamento do direito imerso em novos fluxos de força, se caracteriza pela definição oposta, sendo: “fazer viver ou deixar morrer” (FOUCAULT, 2000, p. 287), para nessa dinâmica controlar as formas de viver e majorar os seus efeitos nas formas mais sutis e íntimas da existência humana, fazendo da intimidade do sexo, a verdade pública mais importante sobre uma pessoa.



Assim, o controle da vida, nessa guerra política característica da modernidade e que se estende até os dias atuais, vai encontrar na sexualidade solo fértil para produção de um campo de saber/poder que classifica e qualifica a vida humana, em graus de saúde, verdade, naturalidade e importância, pois “nós vivemos sob um regime para o qual uma das finalidades da intervenção estatal é o cuidado do corpo, a saúde corporal, a relação entre doença e saúde, etc.” (FOUCAULT, 1976/2001a, p. 43 apud MARTINS, PEIXOTO JUNIOR, 2019). No centro dessas problematizações que envolve esses elementos próprios da vida vai estar o sexo como uma espécie de fator de risco, que ora aumenta nossa probabilidade de ter saúde e estar de acordo com uma normalidade, ora pode ser causa do adoecimento, propulsor de uma série de patologias.

Vida e poder são centrais quando Foucault busca analisar os fluxos de forças que governam os modos de viver ocidentais. Essa articulação é denominada por ele de biopolítica, que é justamente essa série de jogos políticos próprios da modernidade que diante de problemas também específicos da modernidade, como o fenômeno da constituição das populações e problemas decorrentes do surgimento das cidades e sua transformação em grandes centros urbanos, descobrem no fenômeno da vida e na sexualidade uma fonte de imensurável expansão do poder. Por tais razões, esse exercício do poder é denominado de biopoder, logo que “tende a tratar a ‘população’ como um conjunto de seres vivos e coexistentes, que apresentam traços biológicos e patológicos específicos” (Foucault, 2008, p. 494).

Nessas condições, o Estado passa a se encarregar da vida individual e coletiva, a vida torna-se, então, objeto de governo por meio de aparelhos estatais nomeados por Foucault de tecnologias positivas do poder. E quanto mais as tecnologias positivas do poder se difundem na sociedade, seja como prisão, escola, reformatórios, empresas, mais facilmente veremos como todos esses âmbitos obedecem a uma modelo de disposição dos corpos e de vigilância ininterruptas, e como eles dizem sempre sobre uma sexualidade normatizada. São essas tecnologias positivas de inclusão que dão condição de possibilidade uma articulação do poder no controle dos corpos denominada de poder disciplinar, à esse tipo de exercício do poder Foucault dedica muito de seus estudos, e um livro especificamente detalha a sua arqueogenealogia, a saber: *Vigiar e Punir* (1987).

Tais tecnologias, ao manterem sob vigilância os corpos, oferecem subsídios para formulação de outro exercício do poder baseado no saber produzido a partir de um processo geral de prolongamento e apoio em diversas instituições dos processos de normalização

social, política e técnica, que manifesta seus efeitos no domínio da educação, da produção industrial, e também no domínio da medicina e psiquiatria. É que o século XVIII elaborou com as tecnologias positivas de inclusão dos sujeitos nas instituições sociais:

[...] o que poderíamos chamar de uma nova economia dos mecanismos de poder: um conjunto de procedimentos e, ao mesmo tempo, de análises, que permitem majorar os efeitos do poder, diminuir o custo do exercício do poder e integrar o exercício do poder aos mecanismos da produção. [...] Majorar os efeitos do poder quer dizer que esses mecanismos de poder perderam o caráter lacunar que tinham no regime feudal, e ainda sob o regime da monarquia absoluta. Em vez de ter por objeto pontos, gamas, indivíduos, grupos arbitrariamente definidos, o século XVIII encontrou mecanismos de poder que podiam se exercer sem lacunas e penetrar o corpo social em sua totalidade. Majorar os efeitos do poder quer dizer, enfim, que se soube torná-los, em princípio, inevitáveis - isto é, destacá-los do princípio do arbítrio do soberano, da boa vontade do soberano, para fazer dele uma espécie de lei absolutamente fatal e necessária, pesando, em princípio, da mesma maneira sobre todo o mundo. (FOUCAULT, 2001, p. 110).

Sobre esse poder, podemos perceber que não tem por objetivo excluir, mas incluir corpos dentro de aparelhos estatais que estabelecem um lugar social para o sujeito cercado de normas e regras de condutas, no que se relaciona ao projeto de lei que defende a “cura gay” percebe-se a tentativa perseverante de incluir os corpos LGBTQIA+ nos dispositivos terapêutico de uma forma específica, que não visa a aceitação da orientação sexual, mas associa a diversidade sexual a uma categoria patológica. Nesse sentido, a inclusão é feita para melhor controlar e normatizar essas sexualidades, com objetivos de intensificar e distribuir cada vez mais o exercício do poder de determinados dispositivos sociais, como a religião, e até mesmo a psicologia.

Dito de outro modo, estabelecem também um saber sobre esse sujeito que tem, o tempo todo, sua sexualidade colocada como pauta no debate sobre patologização ou normalização, é como se o o lugar ao qual seu corpo é referido precisasse sempre estar de acordo com a norma instituída. Esse é um poder de normalização dos corpos “efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida” (FOUCAULT, 2001, p.156), que será essencialmente aplicado a sexualidade através de um controle biopolítico, essencialmente entendido como:

O que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana; não é que a vida tenha sido exaustivamente integrada em técnicas que a dominem e gerem; ela lhe escapa continuamente. Fora do mundo ocidental, a fome existe numa escala maior do que nunca; e os riscos biológicos sofridos pela espécie são talvez maiores e, em todo caso do que antes do nascimento da microbiologia. Mas o que se poderia chamar de “limiar de modernidade biológica” de uma sociedade se situa no momento

em que a espécie entra como algo em jogo em suas próprias estratégias políticas (FOUCAULT, 2001, p. 154).

Dessa maneira, o domínio biopolítico diz respeito a uma certa forma de racionalizar os problemas postos a prática governamental por meio de conjunto de estratégias do poder que foram colocados em prática pelo Estado moderno, que articulado com a disciplinarização dos corpos estabelece um domínio sobre “fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças” (FOUCAULT, 2008, p. 431).

Na consolidação desse domínio de saber-poder na gerência dos comportamentos, a psiquiatria, na expansão do seu domínio sobre a vida e a sexualidade humana, parte para construção de uma “sindromatologia”. Para isso, reavalia-se a noção de delírio, pois os corpos considerados anormais e sexualmente desviantes precisam disso para justificar sua medicalização. É assim que vemos surgir as “grandes classificações do delírio: delírio de perseguição, delírio de posse, as crises virulentas dos erotômanos, etc” (FOUCAULT, 2001, p. 396). Outro elemento privilegiado dessa “sindromatologia”, que irá fundamentar e estruturar as argumentações teóricas nas técnicas de difusão social da psiquiatria e de controle, monitoramento e separação dos corpos, é o surgimento da noção de estado:

Ora, o que é um “estado”? O estado como objeto psiquiátrico privilegiado não é exatamente uma doença, aliás não tem nada a ver com uma doença, com seu desencadeamento, suas causas, seus processos. O estado é uma espécie de fundo causal permanente, a partir do qual podem se desenvolver certo número de processos, certo número de episódios que, estes sim, serão precisamente a doença. Em outras palavras, o estado é a base anormal a partir da qual as doenças se tornam possíveis (FOUCAULT, 2001, p. 397).

Essa noção, apesar de parecer ser similar a velha noção de predisposição, possui pontos diferentes que a faz ser inovadora dentro do discurso psiquiátrico e do exercício do biopoder e do poder disciplinar. Pois, no caso da predisposição o sujeito podia nunca ser acometido pela patologia, a predisposição também era específica para um tipo de doença e não outro, mas quando se refere ao estado, o sujeito não pode tê-lo e não ser acometido pelo seu mal. A produtividade dessa noção é incontrolável, é como um “déficit geral das instâncias de coordenação do indivíduo” (FOUCAULT, 2001, p. 397), responsáveis pelo seu funcionamento normal em todas as instâncias, sejam elas fisiológicas, sexuais, psicológicas, sociológicas, ou morais.

O corpo, portador desse estado de déficit, vai ser o corpo do sujeito vítima de sua hereditariedade; serão os ancestrais e seu sexo os responsáveis por hereditariamente

produzirem esse corpo anormal. A casualidade hereditária trará um caráter “metassomático”, inevitável e imutável ao corpo da família e ao sexo do indivíduo. A partir daí, esse tipo de casualidade hereditária transformará descendências inteiras em um corpo único anormal, em uma espécie degenerada, sexualmente transmissível e moralmente perigosa por não funcionar em acordo com a norma social, uma “espécie de perigo biológico” (FOUCAULT, 1988, p. 130).

A hereditariedade, colocada nesses termos, constituirá a condição de possibilidade para a teoria da degeneração. Logo, a anormalidade enquanto uma disfunção do corpo de uma linhagem, vai permitir à psiquiatria assumir uma função que não é a da cura, o sentido terapêutico não está no centro da medicina mental; sua função será a da proteção e ordem social. Para tão efetivação, será preciso categorizar a população entre aqueles que possuem o estado e aqueles que não possuem, e com vista a proteção dos que não possuem empreender uma verdadeira caçada aos anormais dentro de uma mesma sociedade.

Vocês estão vendo como, nessas condições, a psiquiatria pode efetivamente, a partir dessa noção de degeneração, a partir dessas análises da hereditariedade, conectar-se, ou antes, dar lugar a um racismo, um racismo que foi nessa época muito diferente do que poderíamos chamar de racismo tradicional, histórico, o “racismo étnico”. O racismo que nasce na psiquiatria dessa época é o racismo contra os indivíduos, que, sendo portadores seja de um estado, seja de um estigma, seja de um defeito qualquer, podem transmitir aos seus herdeiros, da maneira mais aleatória, as consequências imprevisíveis do mal que trazem em si, ou antes, no não normal que trazem em si [...]. (FOUCAULT, 2001, p. 403).

Esse racismo de estado, proveniente da teoria da degeneração, vem se alojar no dispositivo da sexualidade como estratégia da burguesia para se afirmar como grupo dominante dentro de uma sociedade através do seu sexo e da sua hereditariedade “purificada” cientificamente, ratificada por meio de uma psiquiatria patológica-evolucionista (FOUCAULT, 2001, p. 167). O racismo de estado é absolutamente ligado ao dispositivo da sexualidade, ambos agem juntos e dialeticamente na normalização e ao mesmo tempo produção de corpos sexualmente investidos e categorizados como patológicos e perigosos. Pois:

[...] a análise da hereditariedade colocava o sexo (as relações sexuais, as doenças venéreas, as alianças matrimoniais, as perversões) em posição de "responsabilidade biológica" com relação à espécie; não somente o sexo podia ser afetado por suas próprias doenças mas, se não fosse controlado, podia transmitir doenças ou criá-las para as gerações futuras; ele aparecia, assim, na origem de todo um capital patológico da espécie. Daí o projeto médico, mas também político, de organizar uma gestão estatal dos casamentos, nascimentos e sobrevivências; o sexo e sua fecundidade devem ser administrados. A medicina das perversões e os programas de eugenia

foram, na tecnologia do sexo, as duas grandes inovações da segunda metade do século XIX. (FOUCAULT, 1988, p.110-111).

Assim a forma como os corpos vivenciavam sua sexualidade passava a ser um problema de toda a sociedade, visto que podiam desencadear algo semelhante a uma epidemia de patologias. Logo, a intervenção do estado sobre todos os corpos se dava através de uma justificativa fundada em uma suposta prevenção do mal não somente individual, mas coletivo. Entendemos, então, que dentro de uma mesma sociedade os corpos eram divididos entre aqueles que possuíam uma sexualidade saudável e aqueles que não, e que por isso possuíam uma marca hereditária digna de ser reproduzida sexualmente ou não.

Será essa etiologia sexual a justificativa pseudo-biológica para uma administração da forma como o indivíduo sente prazer e como a população se reproduz. Essa noção biológica da hereditariedade dividirá a sociedade em duas espécies ou raças, fragmentando o corpo social, criando oposições e disputas e majorando os efeitos do poder psiquiátrico e médico na elaboração de um discurso biológico e científico que transforma determinadas sexualidades em patológicas e perigosas. Logo, ao mesmo tempo que fragmentava o corpo social e inferiorizava uns, enaltecia outros. Visto que:

[...] nessa preocupação com o corpo sexual, havia mais do que a simples transposição burguesa dos temas da nobreza com fins de auto-afirmação. Tratava-se também de outro projeto: o de uma expansão infinita dá força, do vigor, da saúde, da vida. A valorização do corpo deve mesmo ser ligada ao processo de crescimento e de estabelecimento da hegemonia burguesa; mas não devido ao valor mercantil alcançado pela força de trabalho, e sim pelo que podia representar política, econômica e, também, historicamente, para o presente e para o futuro da burguesia, a "cultura" do seu próprio corpo. Sua dominação dependia dele em parte; não era apenas uma questão de economia ou de ideologia, era também uma questão "física" (FOUCAULT, 1988, p.118).

Dessa maneira a citação alhures aponta que em linhas gerais, o corpo sexual foi usado como uma estratégia de um grupo social para que este conseguisse atribuir para si qualidades e características que lhes garantisse um determinado lugar social de privilégio. E, de certa forma, isso se repete na atualidade, quando se coloca o sujeito cisheronormativo como ideal, dotado de boas qualidades, que se intensificam ainda mais quando este sujeito é cristão.

Vemos formar, nessa direção, um grupo que constante usa a sexualidade como justificativa para se colocar como mais digno e merecedor de determinados privilégios sociais. Veremos exemplos dessa perspectiva nas falas do Deputado Federal Silas Malafia e do atual presidente da república, Jair Bolsonaro, nas seguintes materialidades analisadas mais

à frente. É importante destacar que na época dos vídeos Jair Bolsonaro já era presidente da república, acupando o lugar do sujeito que é líder de uma nação na sociedade.

Desse modo, no interior do exercício do poder na modernidade, no ocidente, o corpo sexual se torna objeto de investimento não só de uma ciência da sexualidade que se propõe a revelar uma verdade sobre o sexo e sobre o sujeito, mas político e econômico, na medida em que serve de comprovação da superioridade de determinados corpos em relação a outros ao segregar, separar e estigmatizar grupos no interior de uma mesma sociedade. Criam-se tensões e um tipo de exercício do poder nos corpos que não apenas os objetifica, ao colocá-los como elemento dentro de uma teoria científica sobre a sexualidade, ao mesmo tempo em que produz subjetividade a partir da criação de corpos que são entendidos como disfuncionais, em detrimento de outros que são entendidos como socialmente funcionais.

Testemunhos disso são as obras publicadas em número tão grande, no fim do século XVIII, sobre a higiene do corpo, a arte da longevidade, os métodos para ter filhos de boa saúde e para mantê-los vivos durante o maior tempo possível, os processos para melhorar a descendência humana; eles atestam, portanto, a correlação entre essa preocupação com o corpo e o sexo e um certo racismo. Mas este é bem diferente do manifestado pela nobreza, ordenado em função de fins essencialmente conservadores. Trata-se de um racismo dinâmico, de um racismo da expansão, embora só encontrado ainda em estado embrionário e tendo tido que esperar até a segunda metade do século XIX para dar os frutos que acabamos provando (FOUCAULT, 1988, p.118)

De forma similar, podemos notar essa mesma lógica presente no discurso do atual presidente da república em um vídeo veiculado no YouTube e de acesso público, quando usa o termo hétero, palavra usada para se referir a pessoas que se interessam pelo sexo oposto, como elogio, deixando subentendido que formas diferentes de vivenciar a sexualidade não são tão funcionais e dignas de admiração quanto essa. Ao emitir a seguinte frase no intervalo de tempo que vai de 01:43 até 1:55 min: “[...] hoje o empresário começou falar das qualidades do presidente né, honesto trabalhador falou tanta coisa, faltou falar hétero, eu falei, hétero! Passou a ser qualidade agora [...]”.

Durante essa fala o presidente riu e gesticulou como forma de usar o discurso que colocava sexualidades diferentes da heteronormativa como inferiores, na tentativa de usar o preconceito como alívio cômico, afinal de contas: “foi só uma piada!” dirão seus defensores. Podemos conferir tais cenas e enunciados pressionando a tecla Ctrl e clicando no seguinte título do vídeo em questão: **Jair Bolsonaro elogia economia e faz piada homofóbica: 'hétero virou qualidade'**, publicado em cinco de março de 2020.

Figura 2: imagem inicial do vídeo "Jair Bolsonaro elogia economia e faz piada homofóbica: 'hétero virou qualidade'", no Youtube.



Assim, a sexualidade enquanto dispositivo (do exercício) do biopoder e do poder disciplinar no cenário biopolítico que emerge na modernidade, elabora um saber sobre o corpo sexual. Esse saber, por sua vez, serve-se de um racismo para dentro de uma economia positiva do poder que se ocupa da vida, majorar os efeitos do poder ao mesmo tempo que estigmatiza alguns grupos sociais pela forma como agem no que se relaciona a sexualidade, influenciando na forma como esses sujeitos são tratados pelo Estado. Porém, é relevante pontuar que esses grupos considerados sexualmente degenerados, através de seus corpos, demonstram, ao mesmo tempo que são objetos de controle do Estado, uma incapacidade de gerência do poder normalizador sobre todo tecido social, e dessa forma, apontam fissuras nos edifícios teóricos de verdade sobre a sexualidade, os comportamentos e os desejos humanos.

### 3.2 BIOPOLÍTICA E SEXUALIDADE NA “CURA GAY”

A partir dos postulados apresentados alhures, percebemos que a sexualidade, enquanto uma ciência que se propõe a dizer uma verdade sobre o sujeito e seu sexo, destacando que para Foucault (1997), a ciência é um conjunto de saberes oriundos de relações de poder que possibilitam que determinado conhecido seja buscado e construído em determinado momento da história.

Dessa forma, a ciência sobre a sexualidade, possui na sua história condições de possibilidades intrincadas a políticas de Estado e a jogos de poder, apontando a relação entre a produção de um saber, os problemas sociais em vigor em determinada época e as estratégias do poder na tentativa de obter mais controle sobre os corpos, especialmente no que se refere ao Ocidente, pois a análise do autor é feita em relação ao nosso modo de vida.

Em *Arqueologia do Saber* (1997) Foucault coloca a ciência, não como uma leitura direta da realidade, mas como uma forma de dominação através de um discurso que detém a verdade e o poder. O conhecimento científico interessa a Foucault no que ele se relaciona com o saber e o poder, enquanto uma das estratégias de dominação existentes. Assim ciência se relaciona com verdade não enquanto tomada de consciência possível através do conhecimento do mundo, mas enquanto uma construção de saber possível através dos jogos de poder existentes.

Apesar das grandes mudanças científicas, culturais, políticas, podemos perceber que a atenção a vida e a ao sexo está sempre em pauta quando o assunto é ações governamentais, e que o poder do Estado enquanto estratégia normalizadora está sempre reivindicando direito de domínio sobre tecnologias que investem sexualmente os corpos. Nessas condições, a tentativa de sustar os efeitos de uma resolução que orienta sobre como os profissionais devem agir em questões ligadas a sexualidade não poder ser pensada e problematizada fora do horizonte biopolítico.

No entanto, apesar dos indícios expostos aqui da relação entre a sexo, política e a produção de práticas e saberes que patologizam e estigmatizam a homossexualidade e demais sexualidades consideradas desviantes, o projeto nega fazer esse tipo de movimento. Seu autor acusa a mídia e grupos sociais de interpretarem o projeto erroneamente, afirmando que o projeto visa sustar os efeitos da resolução do CFP porque esta é inconstitucional, pois, segundo ele é “do Poder Legislativo o direito-dever de legislar sobre direitos e deveres que regem a sociedade” (PL, 2016), e não de um classe de profissionais.



Tal justificativa nos parece problemática, visto que os psicólogos enquanto profissionais especializados em um determinado campo de saber são, por tal razão, especialistas nesse campo e por isso habilitados a respeito do assunto. Além do mais, nos parece também que se todas as profissões, a cada norma instituída, devesse passar pelo judiciário não haveria autonomia das categorias, além de um alto risco de pessoas não capacitadas decidirem sobre a atuação dos profissionais, tornando a qualidade dos serviços questionáveis.

Como recurso para um melhor entendimento de como constitucionalmente esse projeto é incoerente nas suas justificativas recorre-se à materialidade audiovisual presente no *YouTube* sobre uma tentativa anterior a sustar os efeitos da mesma resolução do conselho de psicologia, presente no intervalo de tempo referente 03:55 até 04:50, para conferir a entrevista pressione a tecla Ctrl e clique no título a seguir: **Cura gay: Defensoria intervém na ação que permite tratar a homossexualidade como doença**. Essa materialidade dá visibilidade a uma entrevista realizada pela TV Senado, emissora responsável por divulgar conteúdos relacionados ao senado federal de forma fidedigna aos acontecimentos e decisões ocorridos.

Figura 3: imagem do vídeo " Cura gay: defensoria intervém na ação que permite tratar a homossexualidade como doença", no Youtube.



A entrevista em questão fornece muitos pontos interessantes para nossa análise, inicialmente quero destacar a seguinte resposta dada pelo defensor público do Distrito Federal, Alexandre Mendes, quando questionado sobre a intervenção do judiciário em uma resolução de um grupo profissional, ele diz:

[...] bom a minha consideração: o poder judiciário pode intervir ele pode intervir? Se houver uma situação de ilegalidade, se o ato do conselho federal de psicologia foi ilegal ou seja se ofender a constituição ou se ofender algum dispositivo de lei o poder judiciário pode intervir. Fora dessas situações o poder judiciário não pode intervir. E o que é curioso é que o juiz expressamente declara que não está suspensa a resolução, ele disse: ‘eu não suspendo a resolução’, ora se não suspende a resolução então é porque ele entende que a resolução não é ilegal, então a partir desse momento o poder judiciário já não poderia intervir porque não se trata de situação de ilegalidade. Quando o juiz fala ‘eu determino que o conselho federal de psicologia adote uma determinada interpretação’ ele está entrando na discricionariedade porque se ele não suspendeu os efeitos de dispositivo, mais uma vez repetindo, é porque nós entendemos que não houve nenhuma ilegalidade praticada pelo conselho [...]

Desse maneira, a justificativa de intervenção do poder judiciário no que se refere à resolução do Conselho de Psicologia não encontra respaldo na constituição, tanto que mesmo diante de tentativas anteriores ao Projeto de lei escrito pelo Pastor, e que usavam justificativas similares, ele não foi sustado, pois o poder-legislativo só pode interferir frente a uma ilegalidade, e definir parâmetros de atuação éticos para os profissionais, longe se ler ilegal, faz parte das atribuições de um conselho profissional.

Essa entrevista também demonstra como o discurso da “cura gay” está presente na tentativa de sustar a resolução do conselho e se atualiza, pois mesmo antes da tentativa tema do vídeo, que é anterior ao projeto aqui analisado, havia uma outra tentativa em uma seção judiciária do Rio de Janeiro, revelando como o discurso da “cura gay” está continuamente presente, até mesmo durante a entrevista, o entrevistador em alguns momentos usava o termo “homossexualismo”, inclusive ele inicia o vídeo usando esse termo, proveniente da literatura psiquiátrica, usado quando a homossexualidade era considerada doença.

O uso do termo “homossexualismo” já no início da entrevista é muito simbólico para a analítica que nos propomos a empreender, pois já sinaliza de antemão qual a perspectiva adotada pelo entrevistador, visto que ao mesmo tempo que ele diz que a homossexualidade não é doença segundo os órgão de decidem sobre saúde mental em nível mundial e nacional, ele usa uma nomenclatura que categoriza a sexualidade homossexual como doença, demonstrando, no mínimo a falta de familiaridade com termos que não insultam a comunidade LGBTQIA+.

Nesse sentido, intensifico a atenção direcionada ao termo homossexualismo, tendo em vista que o termo homossexualismo, apesar de não existir mais na lista de doenças psiquiátricas, ainda continua sendo usado não apenas por esse entrevistador, em especial, mas pela população no geral e de forma frequente, demonstrando que culturalmente ainda se atribui a essa forma de existir caráter doentio e passível de cura, e que mesmo após mudança na linguagem ainda não conseguimos mudar a forma como esses corpos são tratados nas relações sociais.

Outro agravante está relacionado a toda a memória discursiva que envolve a temática do oferecimento de tratamento a pessoas homossexuais, que na sua espessura histórica remete a uma tentativa do Estado de estabelecer como verdade a possibilidade de uma “cura gay” e a partir daí investir todos os corpos considerados sexualmente desviantes com técnicas ora de normalização ora de estigmatização, segregando esses corpos como patológicos em contraposição a sexualidade cisheterossexual.

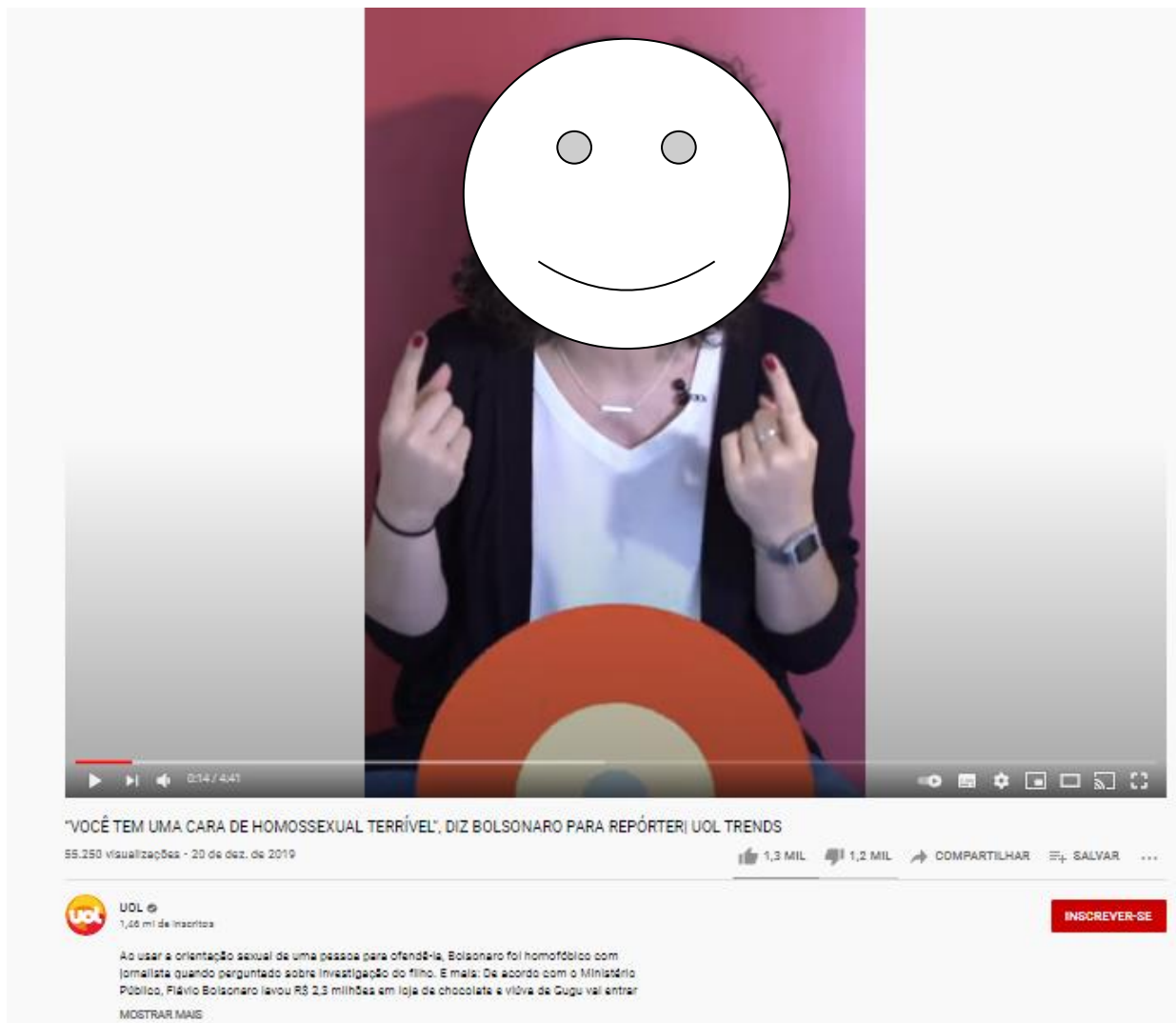
Apesar do autor da proposta legislativa, em nenhum momento, afirmar diretamente que a homossexualidade é uma doença é de muita valia na análise de um projeto legislativo, que possui consequências no modo como a sociedade vai se organizar e consequentemente nos nossos comportamentos, pensamentos e crenças tomados como corretos e verdadeiros, o arcabouço teórico vindo da análise do discurso no que se refere importância de se regatar a memória discursiva enquanto um depósito de traços, gestos, imagens, símbolos e significados, na leitura dos discurso que circulam na atualidade como forma de compreender a resignificação e atualização de uma determinada temática, assim como tudo o que ela aciona nos jogos de poder atuais.

Assim, a retomada da memória discursiva que envolve a temática em questão, ou seja, a homossexualidade enquanto objeto de investimento de práticas terapêuticas aciona toda uma série de processos de significação, imagens, gestos, discursos outros, formas de enunciar a sexualidade, seja ela considerada normal ou anormal, formas e enunciar o feminino e o masculino na atualidade que retomam toda uma história da sexualidade e de uma política de estado voltada para o controle biológico do corpo descortinados pelos postulados de Foucault descritos anteriormente.

Como estratégia ilustrativa de como o discurso da “cura gay” em sua consonância com o discurso de uma patologização da sexualidade e normalização da vida incidem sobre os corpos categorizando e separando-os de forma vexatória é de extrema importância a visualização dos enunciados do atual representante nacional do poder executivo no senado, a

saber, o presidente da república Jair Bolsonaro, presente no seguinte vídeo publicado pelo famoso site de notícias UOL (pressione a tecla Ctrl e clique no título): **“Você tem uma cara de homossexual terrível”, diz Bolsonaro para repórter**”. Como observado, nessa audiovisualidade referente ao intervalo 00:48 até 1:06min, o presidente emite o seguinte enunciado direcionado a um repórter, após ser questionado sobre acusações ao um de seus filhos: “você tem uma cara de homossexual terrível, nem por isso eu te acuso de ser homossexual”, relacionando a homossexualidade a características físicas e a uma ofensa.

Figura 4: imagem inicial do vídeo “VOCÊ TEM UMA CARA DE HOMOSSEXUAL TERRÍVEL”, DIZ BOLSONARO PARA REPÓRTER| UOL TRENDS", no Youtube.



A pergunta que fica diante da fala homofóbica do atual presidente da república é: o que é ter uma cara de homossexual e por que isso seria algo que pode ser usado numa acusação? Diante das reflexões já realizadas, podemos inferir que ter uma cara de homossexual é não estar dentro de uma divisão binário de gênero, na qual o feminino e masculino é limitado pelo sexo biológico.

Dando seguimento, apesar de tal justificativa usada no projeto e da pontuação clara do seu escritor de que o projeto não se trata da tentativa de estabelecer uma “cura gay” ou qualquer outro tipo de cura, os desdobramentos sociais da tal projeto, que seriam sustar uma orientação que tem por objetivo evitar tratamentos e pronunciamentos que patologizam a sexualidade, não indicam outro efeito social diferente da liberação de práticas como a da “cura gay”, que fazem apologia a um discurso que estabelece sexualidade como normais ou anormais, e não que busca combater estigmas e preconceitos sociais ligados a comunidade LGBTQIA+.

Visto que, atualmente, o Brasil é um país com uma parcela considerável da população homofóbica, que age violentamente contra as pessoas LGBTQIA+, fazendo com que 8.027 pessoas tenham sido assassinadas no Brasil entre 1963 e 2018 em razão de orientação sexual ou identidade de gênero (SOBRINHO, 2019). Esses dados demonstram a importância de projetos sociais que visem combater práticas que defendem e colaboram com a luta política desse grupo marginalizado, ao invés do empreendimento de projetos de lei que nada contribuem para o fim da homofobia e de todos os outros preconceitos e violências direcionados aos corpos estigmatizados como sexualmente desviantes da norma. Nesse interím, os estudos discursivos podem produzir ações extensionistas na sociedade enquanto lugar subjetividades colocadas à margem poder ganhar visibilidade.

Dessa maneira, podemos perceber que, por meio da biopolítica e do poder disciplinar, os fluxos de forças da atualidade estão a todo momento investindo sexualmente nos corpos para poder controlá-los por meio de uma normalização, e um projeto que vai num direção oposto a da afirmação da diferença e luta política de grupos violentados devido à forma como vivem a sexualidade, parece marcar o lugar de um jogo político do poder de normalização, com a finalidade de sutilmente burlar as recomendações tanto do Conselho Federal de Psicologia no Brasil, como dos demais órgãos já citados anteriormente, a saber: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, Classificação Internacional de Doenças, Organização Mundial de Saúde e Conselho Federal de Medicina.

É interessante pontuar outras justificativas usadas no projeto, como o fato da afirmação de que com a resolução n. 1, de 1999, “o Conselho Federal de Psicologia está exaltando o passado, a fim de impedir o desenvolvimento e pesquisa científica sobre o comportamento daqueles que têm preferência, desejo, em manter sua vida sexual com parceiro ou parceira do mesmo sexo” (PL, 2016, p.4), o que também parece incongruente, já que, como citado anteriormente, os órgão científicos validados nacionalmente e internacionalmente apresentam posicionamento semelhante ao defendido pela resolução.

Além do mais, em nenhum momento a resolução veda aos profissionais de psicologia atitudes que busquem realizar pesquisas científicas que objetivem ajudar a vida sexual das pessoas homossexuais ou LBGTQIA+.

Ainda nessa direção, usar a justificativa da ciência como recurso retórico se apresenta como mais uma estratégia de validar a discursividade que envolve o projeto, pois a ciência é socialmente considerada como promotora da evolução nas áreas do conhecimento. Essa nos parece ser mais uma tentativa do poder de normalização de construir um saber sobre o corpo sexual validado por uma ciência através de enunciados e elaborações teóricas frágeis e que no fundo, não possuem comprovação científica. Biopoliticamente falando, o corpo do homossexual, e junto com ele todas as sexualidades “desviantes”, é colocado dentro de um discurso de bem social e avanço científico, para novamente ser vítima das artimanhas do poder normalizador.

Ao longo de todo o projeto, essas justificativas apresentadas aqui são trabalhadas como principais, juntamente com outras secundária. Dessa maneira, para a finalidade proposta, e diante da leitura completa do projeto, optou-se por selecionar as justificativas julgadas como principais, diante da observação de que estas faziam uma referência clara a instituições de poder social como a ciência e seu desenvolvimento, e também o poder do Estado de legislar sobre as profissões, foi percebido inclusive que as demais justificativas empreendidas agiam de forma completar a essas, ou seja, eram articuladas secundariamente.

Porém, o Pastor Eurico resume todas as suas justificativas contra as orientações do CFP no fim do projeto, com o objetivo de aumentar a compreensão sobre suas justificativas de uma forma menos exaustiva e extensa, assim como de possibilitar um panorama mais geral das argumentações propostas, optamos por dar visibilidade a esse resumo:

Em síntese, A RESOLUÇÃO Nº 1/1999 VIOLA A CONSTITUIÇÃO FEDERAL na medida em que: **a)** usurpa competência legislativa, agredindo a tripartição de poderes; **b)** legisla sobre direito da livre manifestação do pensamento; **c)** atenta sobre o direito da livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação **d)** agride o livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer; e) Coloca em risco os direitos e garantias individuais (PL, 2016, p.10).

Outro ponto interessante para a discussão e exemplificação de como a sexualidade está inserida em um controle e normalização da vida dispersa nos diversos aparelhos estatais é a letra c) presente no resumo anterior, acoplado à justificativa científica o autor do projeto também enfatiza a atividade artística, intelectual e de comunicação, e em seguida, na letra d) é

colocado que a resolução nº 1/1999 agride o livre exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, tais justificativas demonstram um movimento de dispersão do projeto e suas consequências em todo o tecido social, através de áreas que não são diretamente ligadas a saúde e ao processo de cura ou terapêutica.

Dito de outro modo, uma disposição profissional relacionada à sexualidade possui reverberação em toda a sociedade, já que como vimos, o sexo se torna na modernidade um problema de estado e uma fonte de poder/saber das instituições. Sendo assim, um projeto de lei voltado para o estabelecimento de determinadas diretrizes no atuar de profissionais de psicologia não pode deixar de levar em consideração toda uma memória discursiva que envolve o tema e se relaciona à forma como a atualidade normaliza ou patologiza determinadas práticas.

### 3.3 DIREITOS SEXUAIS NO SENADO: TENSÕES PARA ALÉM DA “CURA GAY”

O senado federal no Brasil tem se tornado palco de debates como o relacionado ao projeto conhecido como “cura gay”, esses debates mobilizam discursos que fazem referência a um mesmo movimento de uma vontade de saber sobre a sexualidade, que fortalece argumentos usados na criminalização da homofobia, incitando a atualização de discursos consoantes como o da reversão terapêutica da homossexualidade, embasados numa produção de saber sobre a sexualidade que divide a sociedade e classifica a comunidade LGBTQIA+ como um grupo inferior, e por isso, menos capaz e digno de possuir alguns direitos como o de adoção, ou de ter um contrato de união estável, entre outros.

Esse conhecimento sobre a sexualidade usado para justificar atitudes discriminatórias se baseia numa abordagem ora religiosa, ora biomédica de identidade de gênero que será detalhada no próximo capítulo. Sendo assim, para além das tensões relacionadas a temática da “cura gay” no que se refere à resolução do Conselho Federal de Psicologia, o senado tem sido palco de tensões, que assim como a da “cura gay”, envolvem direitos sexuais e demonstram a importância juntamente com o projeto que destacamos na analítica, na construção de um teia discursiva que se fortalece e se sustenta numa série de normatizações sexuais e atitudes do estado que longe de estarem consoantes com a laicidade garantida na constituição, afinam-se com ideais cristãos conservadores e perspectivas biomédicas superadas pela própria ciência médica e psicológica.

Nessa direção, outras demandas jurídicas que envolvem o coletivo LGBTQIA+ são importantes de serem citadas por demonstrarem a forma de tratamento dada à

homossexualidade no espaço legislativo brasileiro, como é o caso da união civil entre pessoas do mesmo sexo e do direito a adoção, assim como da mudança do conceito de família, quebrando o paradigma familiar tradicional heterossexual, é possível perceber nessas duas pautas justificativas similares as usadas no projeto da “cura gay”.

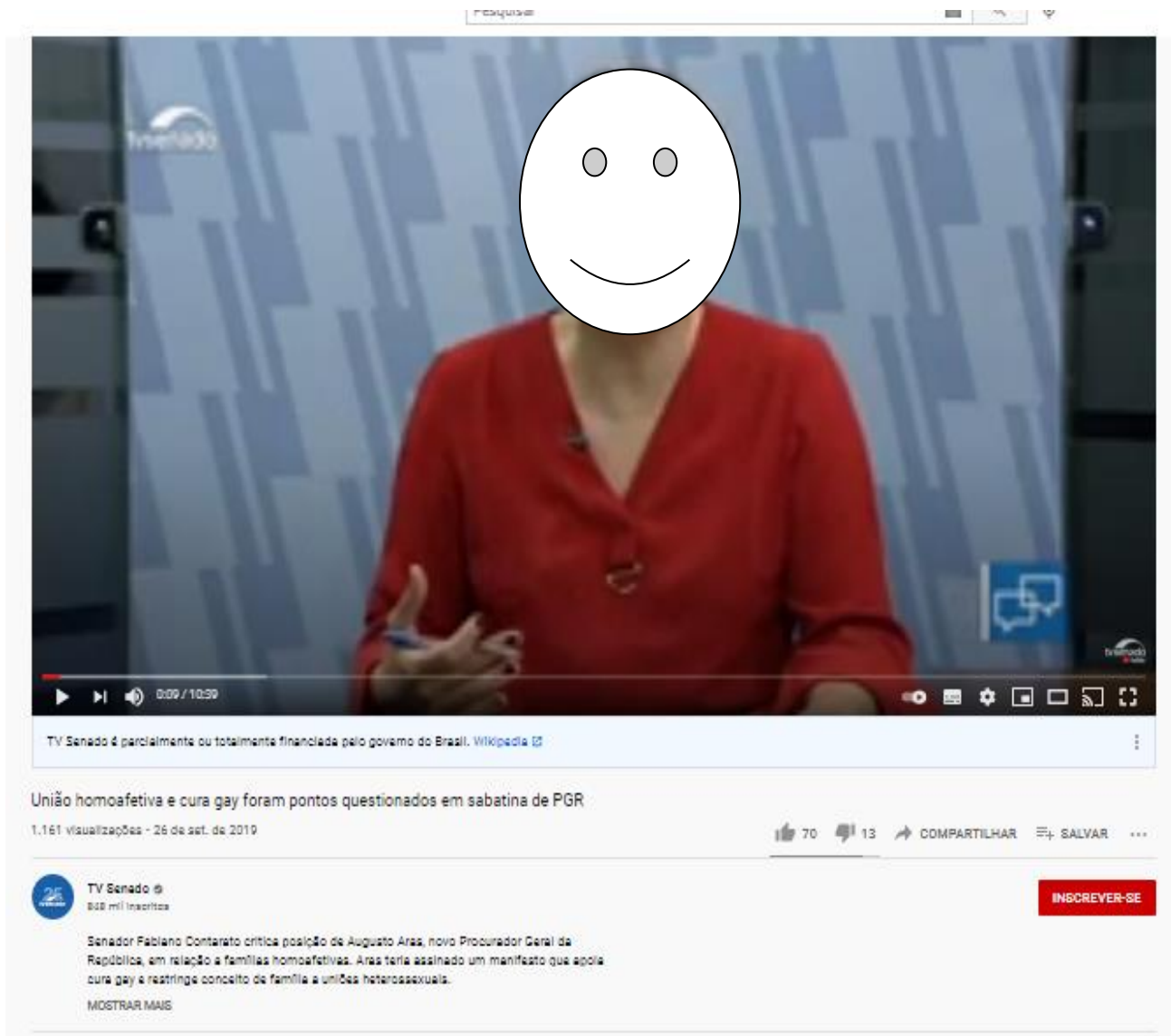
Essa similaridade age mostrando como essa discursão entranha-se dentro de outros setores importantes da sociedade, como a família, sem deixar de considerar a diversidade de questões e a originalidade de cada uma dessas pautas (criminalização da homofobia, propostas de tratamentos terapêuticos e necessidade de uma abordagem de direitos humanos da identidade de gênero), mas percebendo que há sempre um pano de fundo no cenário brasileiro atual que perpassa todos esses debates e reivindicações ligados a valores cristãos conservadores que se atualizam, e que na atualidade política se atualizou novamente através de um campanha eleitoral presidencial que se difundiu em todo o Brasil e levou à presidência da república um sujeito que escancaradamente defende ideais contrários aos avanços dos direitos humanos para a comunidade LGBTQIA+ e da criminalização da homofobia, assim como através das suas articulações políticas adere seguidores e defensores desses mesmos ideais conservadores.

Dessa forma, como uma das consequências dessa articulação política defensora desses ideais que visam a uma normalização da sociedade não temos apenas opiniões individuais, mais um comportamento coletivo contrário ao respeito a diversidade sexual que se reflete na eleição de sujeitos importantes e com lugar privilegiado no exercício do poder sobre os corpos. Vimos então, a eleição de um Presidente da república que se opões aos direitos humanos da comunidade LGBTQIA+, e que por sua vez indica para cargos do governo de alta relevância no processo de decisões frente a legislações, políticas públicas e diretrizes que vão diretamente contribuir ou não para o respeito a diversidade sexual.

Provido de similar linha de pensamento que estamos empreendendo nesse trabalho, o Senador Fabiano Contarato formula alguns questionamentos ao novo Procurador Geral da República em relação à famílias homoafetivas. Aras foi o candidato à procuradoria indicado pelo atual presidente da república e teria assinado um manifesto que apoia cura gay e restringe conceito de família a uniões heterossexuais. Veja a materialidade divulgada pela TV Senado e disponível no *Youtube* para livre acesso público, basta pressionar a tecla Ctrl e clicar no título a seguir: **União homoafetiva e cura gay foram pontos questionados em sabatina de PGR.**



Figura 5: imagem do vídeo "União homoafetiva e cura gay fora pontos questionados em sabatina no PGR", no YouTube.

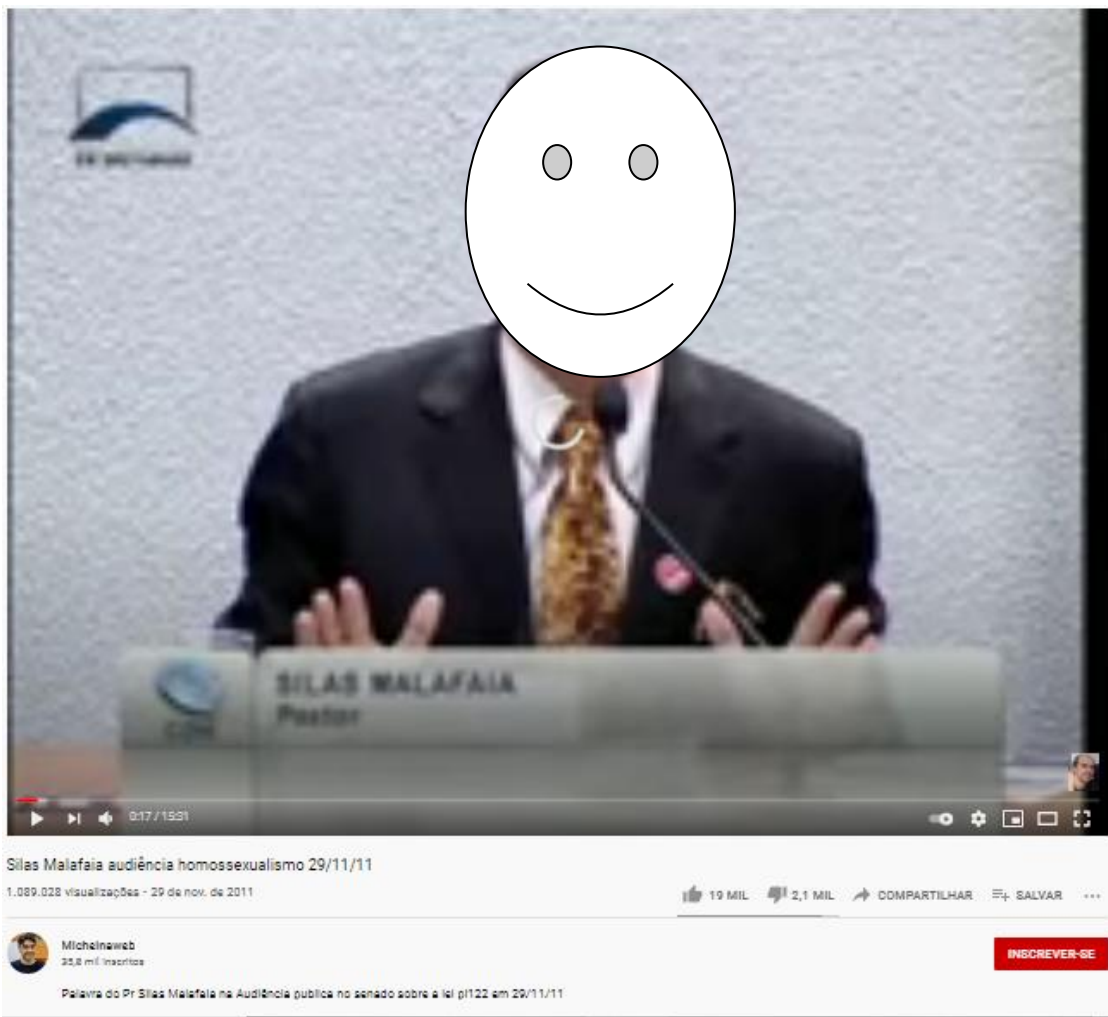


Nesse vídeo, algumas informações se relacionam ao tema da “cura gay” de forma direta, como por exemplo o fato de que segundo o Senador Fabiano Contarato, na entrevista concedida, o novo procurador da república havia assinado um documento que coloca a pessoa homossexual como paciente de terapias de reversão, assim como no projeto que debatemos alhures, fazendo referência ao discurso da “cura gay” mesmo após o arquivamento do projeto de lei. Esse documento, que teria o formato de uma carta, também levanta outros tópicos relacionados a normalização da sexualidade, nos quais o conceito de família também se restringe a uniões heterossexuais, descortinando o teor dos ideais defendidos pelo procurador indicado pelo atual chefe do poder executivo do nosso país.

O Senado também foi palco de inúmeras tentativas de criminalizar a homofobia, pois muitas pessoas são agredidas, excluídas, vítimas de preconceito e marginalizadas apenas por possuir uma maneira de vivenciar sua sexualidade diferente da heteronormativa. Apesar nos inúmeros casos de violação de direitos tendo como razão a orientação sexual da vítima, apenas no ano de 2019 o Senado Federal aprova o texto que criminaliza a homofobia e a transfobia, não sendo essa primeira vez que o Poder Legislativo Federal teve que legislar sobre essa questão, em 2001, por exemplo, foi apresentada a PL 2.001/2001 que chegou a ser arquivado após 8 anos de tramitação e nenhuma decisão efetiva.

No entanto, por meio do Requerimento nº 46/2011 de autoria da Senadora Marta Suplicy, chegou a ser desarquivado (MIRANDA, 2019), e novamente voltou a despertar polêmicas como a pastor e deputado Silas Malafaia, como podemos ver na materialidade a seguir, para acessá-la pressione a tecla Ctrl e clique no título: **Silas Malafaia audiência homossexualismo 29/11/11.**

Figura 6: imagem inicial do vídeo "Silas Malafaia audiência homossexualismo 29/11/11", no Youtube.



Nesse vídeo, Silas Malafaia, fazendo uso de tom de voz alto e gesticulando bastante, critica a tentativa de criminalizar a homofobia, e invertendo papéis dentro da temática, acusando as pessoas colocadas em alguns momentos como “homofóbicas” como vítimas da situação, acusando também as pessoas presentes na parada gay como preconceituosas e desrespeitadoras da religião de forma generalizada.

O deputado levanta argumentos que diz ser científicos também, mas sem nenhum embasamento teórico encontrado, ou referenciado pelo mesmo, no qual diz que orientação sexual é comportamento, e que criticar comportamento é diferente de preconceito, e ainda acrescenta que os homossexuais são o grupo mais intolerante da modernidade. Silas também critica o Conselho Federal de psicologia e tece críticas ao documento escrito pela senadora Marta Suplicy, citado anteriormente, quando ela pontua a necessidade de expressão pacífica de opinião, segundo ele, o que é pacífico é relativo.

Essa é outra defesa problemática do Silas Malafaia, se relativizarmos o que é pacífico, estamos ao mesmo tempo relativizando o que é violência, e sem um acordo sobre ambos teremos pessoas se sentindo violentadas de um lado e pessoas dizendo que não foram violentadas do outro. Dessa maneira, as minorias nunca terão suas pautas reconhecidas e permanecerão violentadas física, psicológica e moralmente.

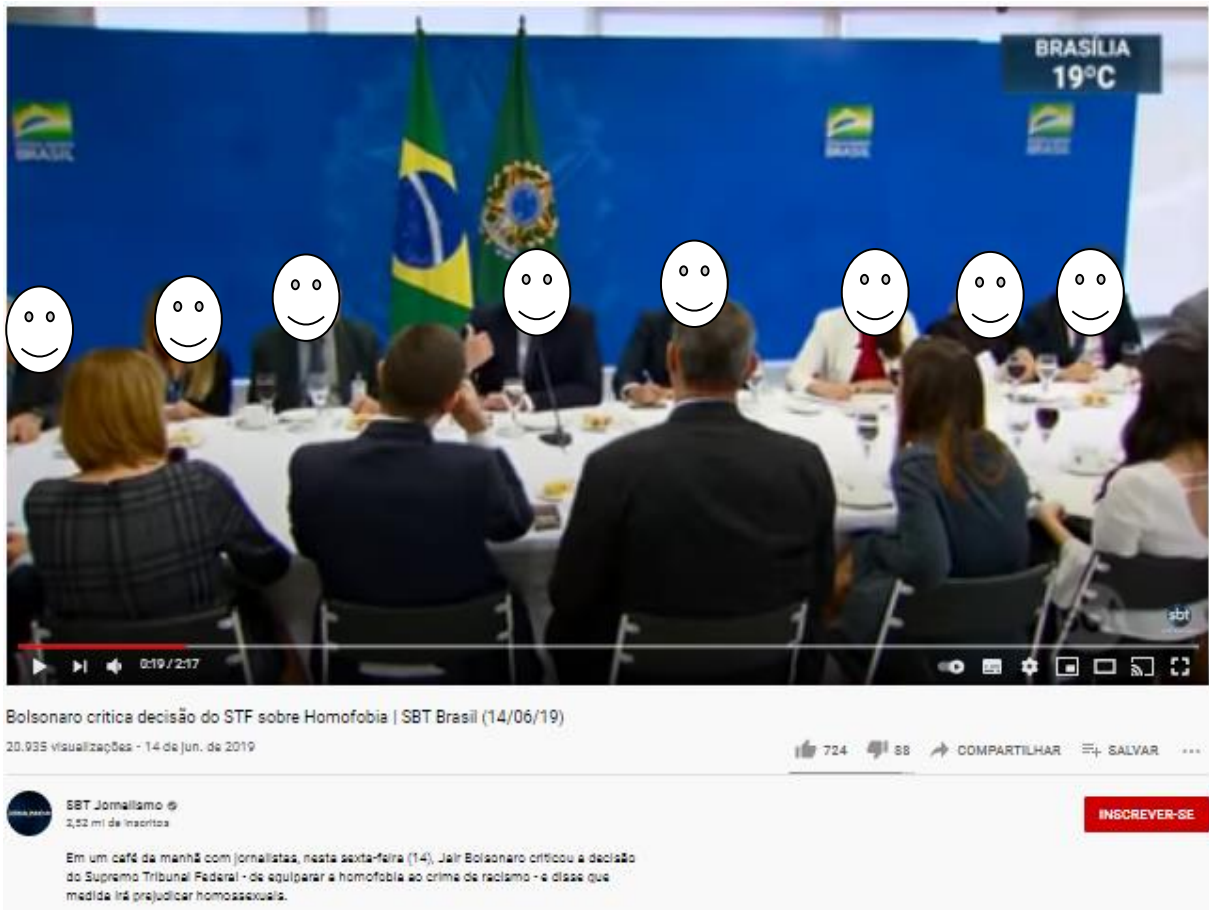
Ademais, mesmo diante de posicionamentos como o do deputado, da vigência de um mandato presidencial contra a criminalização da homofobia, como já foi exposto anteriormente e será pontualmente ilustrado também mais adiante, no ano de 2019 o Supremo Tribunal federal criminaliza a homofobia e finalmente vemos um alargamento do direito penal para punir esse tipo de conduta que oferece risco à segurança pública do nosso país.

A referida decisão enquadra atitudes homofóbicas e transfóbicas por analogia nos diversos tipos penais trazidos pela Lei nº 7.716/89, que tipifica os crimes de racismo (MIRANDA, 2019). Uma vez que, conservando as particularidades dos tipos de racismos existente, as práticas englobadas como homofóbicas e transfóbicas se caracterizam como discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais, e por tal razão, caracterizaram-se como uma modalidade de racismo; o ‘racismo social’, no interior desse processo argumentativo que levou a conquista da criminalização da homofobia após tantos anos de luta, ou em outras palavras, o racismo de estado, já citado por Foucault (2001) e explicado anteriormente.

Sobre essa conquista da comunidade LGBTQIA+, alguns líderes políticos e religiosos manifestaram reprovação, damos destaque ao presidente da república devido à capilaridade e extensão dos seus enunciados, na materialidade **Bolsonaro critica decisão do STF sobre**

**Homofobia | SBT Brasil (14/06/19)** (para assisti-la pressione a tecla Ctrl e clique no título anterior), o presidente se posiciona contra criminalização e ainda diz ser uma ofensa aos negros essa decisão do Supremo Tribunal Federal, assim como coloca como prejudicial à própria comunidade LGBTQIA+.

Figura 7: imagem do vídeo "Bolsonaro critica decisão do STF sobre homofobia | SBT Brasil (14/06/19), no Youtube.



Tais enunciados do presidente se opõem a uma visão baseada em evidências de que a comunidade LBTQIA+ é vítima de discriminações sociais, que refletem na não garantia de direitos fundamentais como alimentação, moradia, saúde, entre outros quesitos, pois a discriminação sofrida leva a marginalização desse grupo social, inserção em subempregos, eliminação em processos seletivos devido a orientação sexual, ou até mesmo o receio de denunciar uma situação vexatória e de preconceito no trabalho por medo de perde o emprego, entre tantas formas do racismo social de manifestar<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Para complementar essa discussão veja a entrevista concedida por Sandra Espósito, psicóloga, Mestre em Educação para Ciência e Doutora em Psicologia pela UNESP, divulgada no site da justiça do trabalho, através do seguinte link: [http://www.tst.jus.br/radio-destaques/-/asset\\_publisher/2bsB/content/id/24306570](http://www.tst.jus.br/radio-destaques/-/asset_publisher/2bsB/content/id/24306570)

Considerando que a prevenção e a repressão de condutas homofóbicas caminham lado a lado com o reconhecimento social da existência da homofobia como um problema de saúde e segurança pública digno de atenção dos poderes públicos, pois afeta a garantia dos direitos fundamentais vinculados à orientação sexual e à identidade de gênero. Diante da intensidade da violência homofóbica no Brasil, mostram-se necessárias atitudes reativas também, como complemento as preventivas, que incluam, no seio da legislação antidiscriminatória, proteção de natureza criminal, já que crimes são cometidos motivados pela homofobia e transfobia.

Conscientes das artimanhas do poder e da tentativa constante de alguns grupos em retroceder nos direitos sexuais, um dos desafios básicos para a democracia no Brasil é a construção de uma sociedade sem discriminações, em que a liberdade de cada um vivenciar sua sexualidade de modo autônomo seja respeitada, para isso não basta apenas legislações, decretos e resoluções como as expostas ao longo desse trabalho é preciso uma conscientização social.

A legislação, juntamente com outras decisões que reconhecem a diversidade sexual e os preconceitos ligados a ela, possuem um papel de extrema importância na garantia de direitos pois, com a inserção da homofobia na lei penal, juntamente com decisões de instituições privilegiadas socialmente na produção de saber sobre a subjetividade e sexualidade humana, percebemos ações sociais tanto de caráter instrucional no exercício profissional de psicólogos, médicos, professores, defensores públicos, advogados e demais profissionais que possuem por obrigação conhecer os avanços científicos e sociais. Mas, acima de tudo pedagógico e simbólico para toda a população, por tais razões essas legislações e decisões tomadas por categorias profissionais devem ser divulgadas e debatidas em canais de comunicação acessíveis.

Tendo em vista que o desenvolvimentos no campo das ciências da vida e o exercício do biopoder conferiram à sociedade moderna uma produção específica de conhecimento e capacidade técnica de manipulação dos fenômenos biológicos, medicalização e terapêutica dos corpos capilarizadas no cotidiano através de estratégias de governo de condutas. Assim como toda a articulação teórica e exemplificação através de um corpus proveniente de uma das redes de comunicação mais acessadas do mundo, ressaltamos o caráter combativo da análise do discurso de viés foucaultiano na problematização de temas ligados a sexualidade.

A análise das relações entre sexualidade e poder, no interior da analítica do biopoder lança luz sobre o fevor político envolto nos debates sobre as orientações técnicas baseadas em avanços no conhecimento médico e psicológico sobre a sexualidade, e também sobre a

criminalização da homofobia que se relaciona diretamente com a tentativa de oferecer tratamento para o que não é doença, ou seja, na tentativa de recuperar e atualizar dispositivos de assujeitamento dos corpos LGBTQIA+.

Assim, conceito de biopoder, a explanação sobre o dispositivo da sexualidade, sobre o racismo de estado evidenciado por Foucault no desenvolvimento das ciências da vida, mostra-se relevante no andamento do debate empreendido para a compreensão da sociedade atual, pois permite evidenciar linhas de forças que propõe verdades sobre a sexualidade humana. Simultaneamente evidência a luta por direitos sexuais e uma constante tentativa de alguns grupos em fazer tais direitos regredirem, mostrando a disputa no exercício do poder sobre os corpos e quão ameaçados estão os direitos até agora conquistados.

Sobre ética na profissão de psicóloga, e a liberdade de exercício e pesquisa, o Conselho Federal ao dispor que, efetivamente, psicólogos não podem tratar como se fosse doença aquilo que não é (a orientação sexual homossexual, e demais formas de vivenciar a sexualidade no interior da comunidade LGBTQIA+) não viola nenhum princípio ético. Pelo contrário, age garantindo que profissionais movidos por interesses políticos e ideais conservadores atuem sem ética, reforçando atitudes sociais preconceituosas que por sua vez desencadeiam uma série de transtornos psicológicos ligados a não aceitação de si mesmo, como ansiedade, baixa autoestima, depressão, entre outros.

Com efeito, colocar no rol de motivos para tratar como doença aquilo que o conhecimento científico consolidado já demonstrou não ser doença, não é uma questão de liberdade profissional, mas é uma condição indispensável do profissional para não violar direitos e oferecer danos à saúde da população LGBTQIA+.

#### 4 GÊNERO E CIÊNCIA: DISCURSOS QUE SE ATRAVESSAM

O que vão dizer de nós?  
Seus pais, Deus e coisas tais  
Quando ouvirem rumores do nosso amor?

(Marcelo Ferreira Menezes e Monsueto Jr)

Johnny Hooker, o nome artístico de Johnny Donovan Maia, é cantor, compositor, ator e roteirista vindo de Recife, que em suas músicas, clips e interpretações levanta as bandeiras de minorias, como a LGBTQIA+. O artista lançou de forma independente seu segundo álbum de estúdio intitulado *Coração*. Nesse disco, Johnny Hooker transmite fortes mensagens de cunho político, o segundo álbum de Johnny traz a música *Flutua*, em parceria com a artista Liniker. A letra retrata o desejo de liberdade em relação à necessidade de descrição entre dois homens que se relacionam, mas tem seu amor “proibido” pela violência e preconceito presentes na sociedade.

O videoclipe dessa música busca conscientizar sobre a violência que a comunidade LGBTQIA+ está sujeita e a letra traduz a luta e o medo que casais homoafetivos sofrem diariamente, criando a necessidade de terem que se esconder e não demonstrarem afeto em público ou assumirem a relação devido à homofobia. Para conferir o videoclipe original basta enquanto estiver pressionando a tecla Ctrl, clicar no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=mYQd7HsvVtI> .

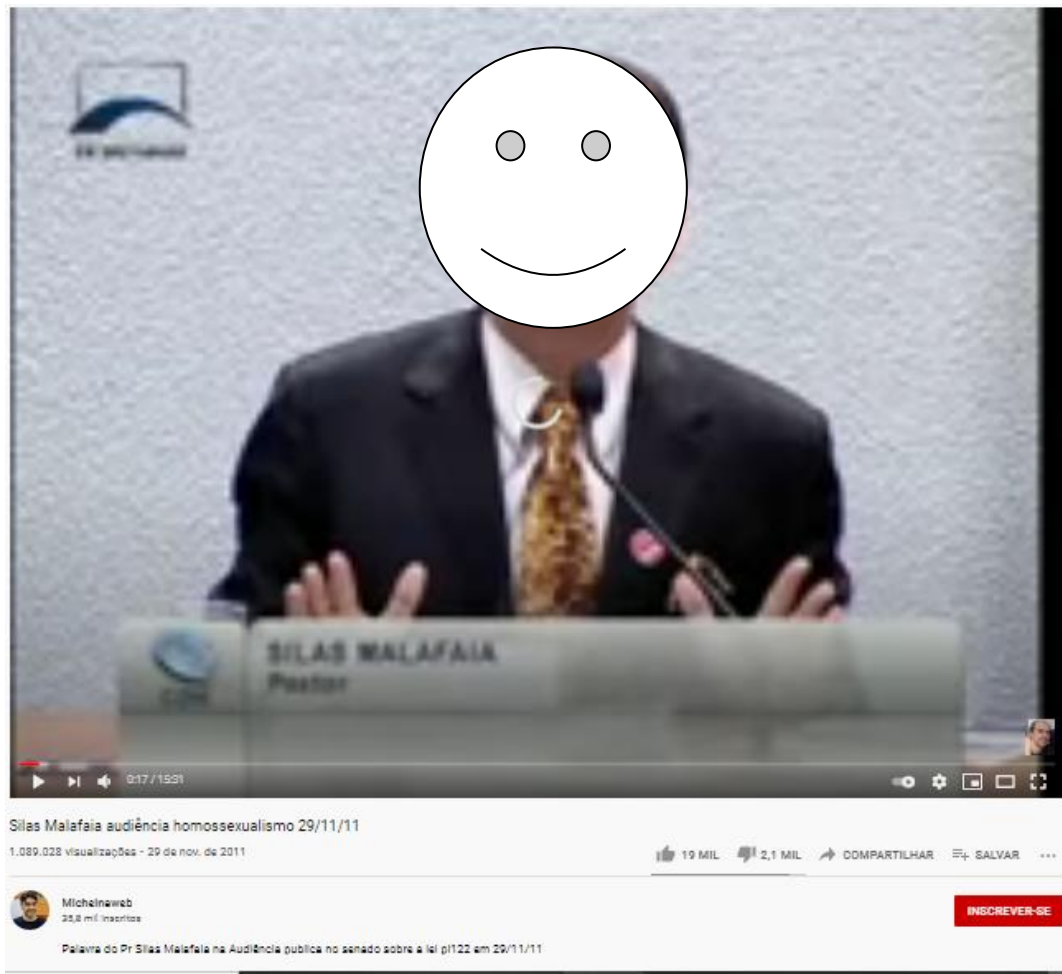
O videoclipe de *Flutua*, possui uma narrativa que alterna entre o desenrolar da história de dois rapazes deficientes auditivos que se relacionam romanticamente. Numa leitura Foucaultiana, o trecho musical que dá início a essa seção retirado dessa música, questiona ao mesmo tempo que desafia as vozes que dizem sempre alguma coisa sobre a sexualidade das pessoas que se amam fora de uma norma cisheteronormativa. O autor coloca como sujeitos dessas vozes inicialmente a família, representada pelos pais, depois a religião, representada por Deus, e os demais setores da sociedade, e aqui podemos incluir a psicologia, psiquiatria, e demais ciências do comportamento humano, com o termo “coisas tais”.

Quando Foucault realiza sua análise sobre os jogos de força que buscam uma subjetivação dos corpos através da normalização da sexualidade ele contrói uma narrativa que desvenda uma série de construções teóricas e estratégias políticas presentes na elaboração de um saber sobre a sexualidade no mundo ocidental. Nessa análise, o autor já começa esboçar desde as aulas ministradas no colégio de France e publicadas sob o título de “Os anormais” (2001), nessas aulas Foucault demonstra como os jogos de poder entram na família e colocam

a sexualidade como um “fator de risco” para todo tipo de patologia ou desvio de norma social, como um grande perigo a ser vigiado pelos pais, pela educação através da pedagogia, pela religião, pela ciência, ou seja, por toda a sociedade.

Sensibilizados pelo videoclipe da música e pela curta analítica do trecho exposto, propomos agora voltar a atenção para um dos vídeos apresentados anteriormente sobre a posição de políticos no debate da “cura gay”, não apenas no que se refere ao campo jurídico, mas também ao campo psicológico, no que abrange a sexualidade enquanto identidade e comportamento subjetivo, assim como ao campo religioso, ao atravessar nitidamente a lei e a ciência com justificativas qualificadas pelo sujeito que as enuncia como próprias da moral cristã, ao mesmo tempo que insere também a figura da família, mostrando, assim como nós mostra o trecho da música citada anteriormente, como são várias as vozes que dizem sobre a sexualidade homossexual. Estamos falando do seguinte vídeo (para acessá-la pressionar a tecla Ctrl e clicar no título): **Silas Malafaia audiência homossexualismo 29/11/11.**

Figura 8: imagem inicial do vídeo "Silas Malafaia audiência homossexualismo 29/11/11", no Youtube.





Iniciamos esse capítulo retomando o vídeo de Malafaia que mescla a religião com a psicologia e direito, explicitando como os discursos se atravessam e como o poder de ramificar nos diversos campos de construção de saber e deliberação de normas sociais. O sujeito do vídeo fala não apenas do lugar de político, mas de líder religioso e psicólogo, usando do lugar de privilegiado da profissão para elaborar uma argumentação e justificá-la enquanto verdadeira no que se relaciona à homossexualidade e a inclusão da homofobia e transfobia como análogo aos crimes de racismo, e por isso punidas nos diversos tipos penais trazidos pela Lei nº 7.716/89, que tipifica os crimes de racismo (MIRANDA, 2019). Vamos iniciar essa análise a partir de um trecho da fala inicial do vídeo referente ao intervalo de tempo presente entre 00:26 segundos até 01:28 minutos, Malafaia enuncia em tom de voz alto, acelerado, gesticulando com as mãos e aparentemente indignado com a resolução do senado:

[...] Acho que é uma afronta aos negros, eu começo aqui, isso aqui é uma afronta aos negros, querem comparar comportamento? O negro não nasceu branco e pediu para ser negro ou branco, ele é! A criança, ela não pede para ser criança, ela é! O idoso, ele não pede para ser idoso, ele é! Homossexualismo é comportamental! (risos) Querem dar status a comportamento? A raça? A história começa aqui. O que é homossexualismo? É um homem ou uma mulher por determinação genética, e homossexual por preferência, aprendida ou imposta, é isso aqui. Não tem ordem cromossômica homossexual, que paridade esses caras tão querendo? Aqui começa o erro [...]

Como podemos perceber, Malafaia, apesar de pastor, não recorre logo de primeira a justificativas religiosas para invalidar a luta LGBTQIA+, mas recorre a termos que são científicos, fala de genética, comportamento, ordem cromossômica, e a partir desses termos constrói uma argumentação que sugere que a homossexualidade é aprendida ou imposta, dando a entender que na sua opinião é possível escolher ser ou não homossexual.

A falsa ideia de que a pessoa é homossexual por preferência, aprendida ou imposta também abre espaço no discurso para a ideia de que é possível então apreender a ser hétero, ou se impor a heteronormatividade, e que a partir daí, podemos determinar a sexualidade do outro, ou até mesmo, reverter, dito de outra forma, aplicar uma “cura gay”. Alguns segundos antes de afirmar que a homossexualidade é por preferência, aprendida ou imposta, ele faz a pergunta: “o que é um homossexual?”, e em seguida, ele mesmo responde, como estratégia retórica para conduzir seu ouvinte a percorrer sua linha de pensamento e a chegar na mesma conclusão que ele: “é um homem ou uma mulher por determinação genética”, aqui vemos como seu pensamento também é atravessado pela definição biomédica de gênero.

A definição biomédica de gênero, segundo Foucault, é por sua vez fruto de uma construção de saber sobre a sexualidade para medicalização do corpo e da família próprio dos jogos de poder ocidentais, o que se coloca em jogo quando nos debates sobre os direitos homossexuais e por simularidades LGBTQIA+, são as convenções, as prescrições e as instituições envolvidas na construção de um saber sobre um verdadeiro sexo em oposição a um sexo que não é verdadeiro, não é natural, refletido na frase dita por Malafaia “Não tem ordem cromossômica homossexual”.

Lembremos que, como já citado anteriormente na nossa analítica, para Foucault (2008), o ocidente inaura a biopolítica como uma nova forma de exercício do poder voltada para o controle da vida nos seus aspectos mais cotidianos e biológicos, tornando o corpo o alvo de suas investições e o maior produtor de suas construções teóricas, assim “o discurso de sexualidade não se aplicou inicialmente ao sexo, mas ao corpo, aos órgãos sexuais, aos prazeres [...]” (Foucault (1979, p. 149). Portanto, mesmo antes da forma como cada qual vivencia sua sexualidade, a organização anatômica do corpo e seus órgãos sexuais serão cruciais no estabelecimento das normas biopolíticas de gênero que se organizam na nossa sociedade, e estão presentes nos argumentos usados como “evidências naturais” e não construções históricas no fortalecimento de discursos normalizadores e o violentos como o da “cura gay”.

Porém, mesmo no interior de jogos de poder e estruturas teóricas de saber normalizadores sempre há a possibilidade de contruir resistência a partir de evidências presentes na realidade, é isso que acontece quando a própria ciência, que muitas vezes é usada nos jogos de poder normalizadores, e que outrora categorizou a homossexualidade e demais existências LGBTQIA+ como análogas e patológicas atualmente reconhece que não há caráter patológico na homossexualidade.

Nessa direção, no mesmo espaço virtual que encontramos com livre acesso um vídeo com o discurso emitido pelo sujeito Pastor Malafaia, encontramos outro que se apresenta com argumentos muito mais sólidos e embasados cientificamente, apresentando referenciais biológicos e científicos, diferentemente dos argumentos citados sem nenhuma evidência que comprove sua veracidade, como pesquisas, artigos, estudos e observação científica. O vídeo do qual falo é protagonizado por um sujeito médico, cientista, e escritor brasileiro, para assisti-lo basta pressionar a tecla Ctrl e clicar no título a seguir: **Aspectos genéticos da homossexualidade.**

Figura 9: Imagem inicial do vídeo: Aspectos genéticos da homossexualidade, no YouTube.



Nessa audiovisualidade, podemos perceber um formato de exposição de conhecimento demonstrativo, no qual o sujeito estudou dados científicos e possui toda uma trajetória acadêmica teórica-filosófica. Percebemos que durante a dinâmica do vídeo ao mesmo tempo que se expõe o conhecimento são mostrados dados dos artigos de onde esses conhecimentos se originam, possibilitando a quem assiste verificar depois a fonte das informações, ele mostra várias pesquisas envolvendo a questão da sexualidade homossexual e marcadores biológicos, após a exposição de toda uma trajetória de artigos publicados ele explana sobre como a questão do comportamento sexual, mesmo no interior de um visão voltada para biologia e fisiologia do corpo humano, está além de marcadores genéticos ou ordem cromossômica.

Drauzio Varella, o sujeito médico e pesquisador, faz uma retrospectiva de estudos científicos voltados para compreensão das diferenças ligadas ao comportamento sexual, por conter uma linha de pensamento científica é necessário que se acompanhe todo o vídeo atenciosamente para compreender as informações contidas nele, Drauzio dá visibilidade a

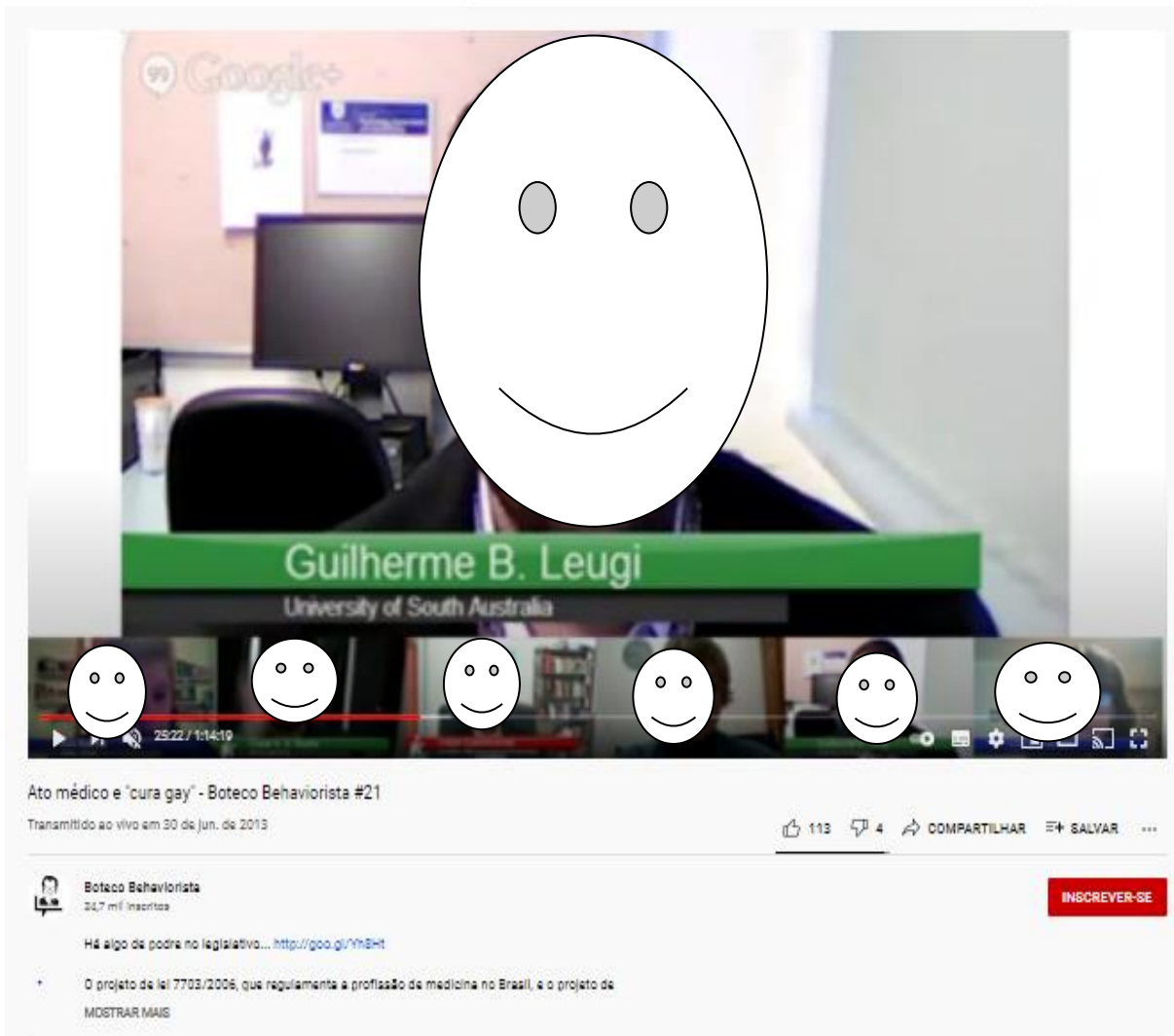
pesquisas que demonstram a tentativa malograda de encontrar marcadores genéticos que diferencie uma pessoa homossexual de uma heterossexual, porém ao longo que os estudos vão sendo mostrados dados que mostram que a medida que a ciência vai evoluindo ao longo dos anos surge os estudos da epigenética, atualmente uma área de conhecimento que tem se mostrado inovadora no estudo do comportamento humano e muito usada no que se refere a construção de conhecimento sobre saúde mental e a determinação biológica dos transtornos mentais.

A epigenética traz o conceito de epimarcas, que são alterações da cromatina das células que possuem influência nas transcrições dos genes, causando modificações na expressão gênica, e por consequência no fenótipo, sem alterar o DNA. Fenótipo é o termo usado na biologia para designar a expressão observável de um genótipo, ou seja, as características observáveis ou caracteres de um organismo como a morfologia corporal, o ritmo e qualidade do desenvolvimento biológico, propriedades bioquímicas ou fisiológicas e inclusive comportamento.

A homossexualidade, então, se enquadra no que chamamos de fenótipo, sendo assim a diferença entre uma pessoa homossexual e uma heterossexual, assim como entre uma pessoa que gosta de morango e outra não, ou uma pessoa alta e outra baixa, não precisa estar nos genes, mas pode ter haver com marcas epigenéticas que são responsáveis pela incrível diversidade na humanidade, sendo assim, o argumento do Pastor Malafaia sobre ordem cromossômica, tanto não faz sentido, como demonstra uma falta de domínio nos assuntos relacionados aos comportamentos humanos do ponto de vista da biologia.

A discussão sobre como essas epimarcas estão ligadas a maior ou menor sensibilidade a testosterona, e como elas são passadas hereditariamente não é tão importante na analítica que pretendemos, basta o conhecimento desse aspecto biológico para situar o discurso anterior proferido e defendido por Malafaia num equívoco teórico. Dando seguimento, uma outra audiovisualidade também se faz interessante, intitulada: **“Ato médico e "cura gay" - Boteco Behaviorista #21”**, essa materialidade é constituída de sujeitos do campo da psicologia, psicólogos clínicos, pesquisadores, mestres e doutores, e especialistas em comportamento humano, o que é muito interessante para a analítica já que o Pastor diz que homossexualidade é comportamento e por isso escolha.

Figura 10: imagem inicial do vídeo: Ato médico e "cura gay" - Boteco Behaviorista #21, no YouTube.



Complementando as informações coletadas para uma análise da composição de formas que movimentam os jogos de poder envolvidos do corpo do homossexual, os sujeitos que fazem parte do debate empreendido na materialidade manifestam opiniões, dados científicos e dialogam a respeito da proposta da “cura gay” e do posicionamento do Pastor malafaia sobre o tema no senado, eles também debatem o “Ato médico”, nome dado a um projeto de lei que busca regulamentar práticas exclusivas dos profissionais de medicina.

No entanto, apesar do tema do “Ato médico” ser importante, nós iremos dar enfoque para a parte da materialidade que se direciona ao discurso da “cura gay”. Logo no início um dos psicólogos diz achar que o debate deve iniciar com cada qual dizendo seu posicionamento, se concorda ou não com a proposta da “cura gay”, e então ele pronuncia no intervalo de tempo entre 04:10min e 05:18min as seguintes proposições:

[...] Eu por exemplo, eu sou contra porque basicamente o que esse projeto faz, eu li o projeto algumas vezes, é sustar algumas resoluções que são

estabelecidas pelo Conselho Federal de Psicologia que impedem o psicólogo de oferecer qualquer tipo de tratamento pra homossexualidade e alguns argumentos que ouvi, era assim: não, porque as pessoas, o adulto livre e esclarecido deveria poder escolher se ele quer mudar ou não, o estado não tem nada a ver com isso. Mas eu acho que o que essas críticas estão ignorando é o fato que não só acho que não há boas evidências de que esse tipo de terapia funcione. Mas, que há muitas evidências de que esse tipo de terapia pode causar ideação suicida, pode causar transtornos sexuais, pode causar depressão, ansiedade, uma série de coisas como mostrou estudo da APA, de 2009, se eu não me engano, que é um estudo bem grande e pior do que isso, porque até dezoito anos quem decidir por você são seus pais. Então, crianças poderiam simplesmente, poderiam ser enviadas para terapia, por decisão dos próprios pais, crianças que estão em perfeita sintonia com a própria sexualidade. Então eu sou contra principalmente por esses dois motivos [...]

Essa argumentação inicial já nos apresenta um fator crucial que aponta no discurso prol “cura gay” e que patologiza a sexualidade, como o do Pastor Malafaia e do projeto de lei que relatamos anteriormente, uma contradição teórica, pois não há indício científico nenhum que justifique o uso de terapias de reversão sexual, recaindo na violação de direitos humanos e na prática de algo semelhante ao que na medicina é conhecida como iatrogenia, ou seja, agravamento de mal-estar, efeitos adversos ou complicações causadas por/ou resultantes do tratamento médico, nesse caso, psicológico.

Como é dito no comentário, não há nenhuma evidência científica que valide esse tipo de ação, porém há muitos depoimentos de pessoas que passaram boa parte da sua vida procurando tratamentos para a homossexualidade por não se aceitarem devido a rejeição social e preconceito tanto intra ou extra familiar, mas que apesar dos esforços não só não conseguiram esconder sua verdadeira forma de vivenciar a sexualidade, como sofreram muito por não se aceitarem, como nos é dito pelo psicólogo e mestre em análise do comportamento “*esse tipo de terapia pode causar ideação suicida, pode causar transtornos sexuais, pode causar depressão, ansiedade*”.

Outro fator super importante está relacionado a sexualidade do público infanto-juvenil que ao longo da história teve seu corpo medicalizado, manipulado e violentado, como se fossem objetos de seus pais, e estes donos de suas vontades com a construção de uma pedagogia no sec. XIX (os anormais e a vontade de prazer) que tinha como objetivo disciplinar o corpo da crianças e do adolescente e controlar a produção do prazer da relação com seu próprio corpo através de um vigilância dos pais com seus filhos.

O corpo infanto-juvenil teve sua sexualidade controlada e manipulada como um objeto de expansão do poder biopolítico (FOUCAULT, 2001, 1997), como já foi delinado no

interior dessa analítica, e a tentativa de validar discursos e terapias que patologizam a sexualidade, colocando-a como alvo de procedimentos “curativos”, atualiza esse controle biopolítico do corpo infanto-juvenil, assim como foi feito no processo de medicalização da família relatado por Foucault em *Os Anormais* (2001), da colocação para os pais de preocupação com a manutenção do bem estar biológico e hereditário da família. Nessa direção corremos o risco, já bem colocado pelo psicólogo no comentário acima, de termos pais e mães inserindo seus filhos em tratamentos sem que eles ao menos se sitam desconfortáveis com a sua sexualidade.

Dando continuidade aos outros posicionamentos, todos eles argumentaram contra as terapias de reversão sexual e concomitantemente contra a “cura gay” e a discursos que colocam a sexualidade como um ato simplesmente de escolha, e por tal razão passível a modificação através de terapia, entre o intervalo de tempo referente a 15:10 min até 16:37 min um dos pesquisadores pontua a necessidade de citar o nome do Pastor Feliciano como um dos personagens importantes no que se refere a defensores do projeto de lei que visa sustar os efeitos da resolução do Conselho Federal de Psicologia. O pastor Feliciano, assim como o Pastor Malafaia, é um político fundamentalista cristão conhecido por protagonizar polêmicas decorrentes de suas falas a respeito das sexualidades. A seguir a transcrição da fala referente ao intervalo em questão:

[...] você falou Feliciano, é importante até citar o nome dele mesmo. Eu tô aqui com alguns pontos que acho que vale a pena discutir, o Feliciano ficou famoso quando ele pegou a comissão que ele colocou em votação foi esse negócio aí da cura gay lá, e aí ele até fez um vídeo no youtube se defendendo e tentando mostrar porque que ele é o bonzinho da história ... mas, tem algumas coisas que o feliciano fala naquele vídeo que eu acho que dá para a gente discutir aqui uma das coisas que ele fala lá é que no parágrafo único lá do CFP tá dizendo que os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades e aí o que o feliciano diz é que com esse projeto sendo aprovado o psicólogo aí sim poderia estudar a homossexualidade, e que ele está realmente ajudando, mas a gente já não estuda homossexualidade? [...]

Logo em seguida uma das pesquisadoras completa, no intervalo a partir dos 16:37 mim até 17:25 min:

[...] tem nada dizendo em nenhum lugar nem do nosso código de ética nem lei, nem de porra nenhuma, que a gente não pode estudar homossexualidade, a gente pode estudar inclusive terapias de cura da homossexualidade se a gente quiser mas, o lugar da pesquisa é na ciência, no laboratório, não é na clínica. Enquanto a ciência não disser que tem um método seguro com evidências e com um método testado clinicamente a gente não pode aplicar

isso na clínica. E não têm lugar nenhum dizer que ele não pode fazer isso, o caso é, a gente quer fazer? E mesmo que a gente queira, a gente pode, mas em outro ambiente, é dentro da ciência, a ciência tem métodos têm sistemas e tem é meio de regulação própria, não é na clínica [...]

Percebemos, com o aparecimento do Pastor Feliciano no debate, a presentificação novamente do sujeito político, cristão conservador que mobiliza jogos de poder a partir de argumentos não científicos e não consoantes com os estudos vindos da psicologia. Feliciano é um figura interessante, pois além de sujeito político e cristão conservador, ele chegou a assumir a presidência da comissão de direitos humanos no ano de 2013, o que aponta para uma grande influência política no interior da câmara dos deputados do Brasil, e conseqüentemente, um grande poder político de mobilização dos eleitores no Brasil, em especial, eleitores evangélicos, visto que a bancada evangélica no senado tem se tornado cada vez mais atuante e influente na produção e aprovação de projetos de lei.

Feliciano, assim como o Pastor Malafaia, faz uso de argumentos vazios de sentido no interior dos estudos psicológicos, ele argumenta que o projeto de lei que visa anular o artigo do CFP que proíbe psicólogos de colaborarem com eventos ou serviços que propoem o tratamento, ou cura da homossexualidade, de forma a patologizá-la, irá permitir que os psicólogos estudem sobre a homossexualidade, o que não faz nenhum sentido, pois como complementa uma das pesquisadoras, o artigo não versa sobre pesquisa, mas sobre o fato de que as pessoas que pagam por serviços psicológicos visando um cuidado com sua saúde mental, devem receber serviços de saúde mental, e não ser cobais de experimentos.

Realizar um empreendimento do tipo seria fazer do serviço psicológico um engodo e por tal razão um crime de charlatanismo, assim como um atentado aos direitos humanos, levando a conseqüências dolorosas à saúde física e mental das pessoas. Nessa direção, uma das pesquisadoras prontamente complementa a linha de raciocínio esclarecente que não existe nem no artigo em questão, nem em artigo nenhum do código de ética de psicologia, assim como de nenhuma lei, algo que proíba o profissional de psicologia de realizar pesquisas e estudos sobre a homossexualidade e até sobre as terapias de reversão.

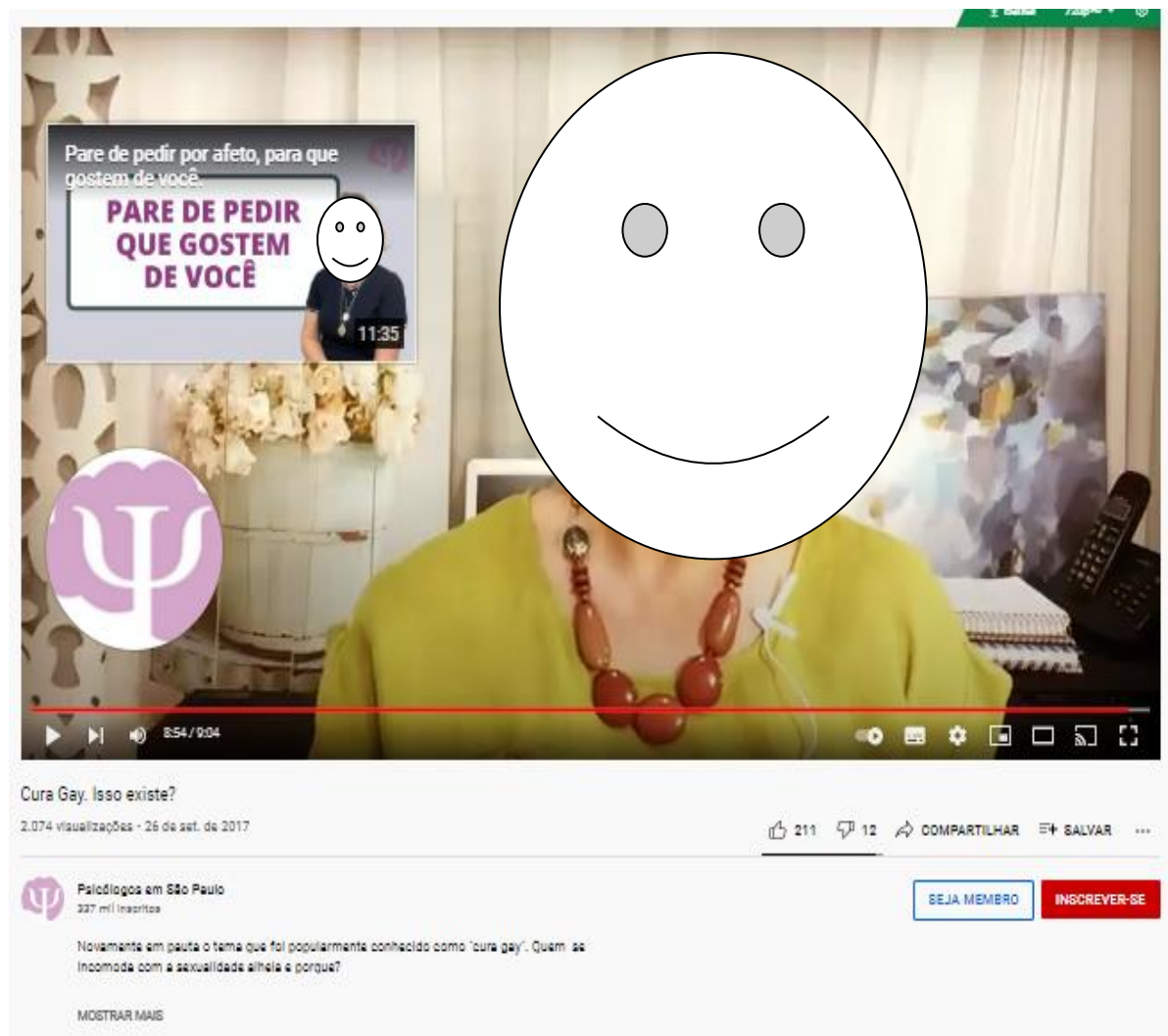
No entanto, o código de ética versa sobre a ética relacionada ao atuar do profissional e não sobre a produção de experimentos de profissionais de psicologia que desejam realizar experimentos, os que assim desejam devem realizar suas pesquisas em ambientes adequados, com variáveis passíveis de controle e observação temporal, para que realmente seja comprovado que tal método possui efeitos salutareos para a humanidade, mas como bem pontua a pesquisadora *“o lugar da pesquisa é na ciência, no laboratório, não é na clínica.*



*Enquanto a ciência não disser que tem um método seguro com evidências e com um método testado clinicamente a gente não pode aplicar isso na clínica”, do contrário, esses serviços estariam interessados em qualquer tipo de coisa, menos na saúde dos indivíduos e no respeito à dignidade humana.*

Na terceira audiovisualidade selecionada para nossa analítica, denominada “**Cura Gay. Isso existe?**”, uma psicóloga se propõe a falar sobre o assunto a partir da sua experiência clínica.

Figura 11- Imagem do vídeo "Cura gay. Isso existe?", no You Tube.



Nessa materialidade audiovisual em questão, a profissional afirma a importância de acolher as pessoas homossexuais na clínica psicológica, nas suas palavras no intervalo de tempo referente entre 2:22 até 2:57min:

[...] os homossexuais têm que ser acolhidos nos consultórios sim pra que eles trabalhem sua autocompreensão seu autoconhecimento para que eles desenvolvam mecanismos, para aí nesse colocando diante dessas pessoas

que são importantes pra ele e até de alguma forma ser também um agente de informação, né? Que seja a pessoa que coloque de uma forma clara que: olha não dá pra você reverter uma coisa que é da natureza da pessoa [...]

Podemos perceber aqui uma consonância com as falas dos psicólogos da audiovisualidade anterior, em ambos os posicionamento dos profissionais não é contrário o atendimento às pessoas homossexuais, pelo contrário, eles afirmam a importância da psicologia dar suporte a essa comunidade. Mas, esse suporte caminha na direção de ajudar a pessoas a desenvolver habilidades diante de uma sociedade que muitas vezes é preconceituosa, habilidades como a autocompreensão e o autoconhecimento.

No exatamo momento do vídeo no qual a psicóloga fala sobre a terapia ajudar a pessoa homossexual a desenvolver mecanismos para se colocar diante de pessoas importantes para ela, aparece uma ressalva na audiovisualidade alertando que “*quando necessário apenas*”, como podemos ver na imagem a seguir:

Figura 12- Imagem do Youtube do lembrete "quando necessário apenas".



Essa alerta aparece, para deixar a fala da psicóloga mais completa, pois cada pessoa tem seu direito de dizer ou não sobre sua sexualidade para outra pessoa, não é algo obrigatório, e do ponto de vista psicológico, em muitos momentos, tendo em vista

que muitas pessoas ofendem e depreciam a sexualidade fora da norma cis-heteronormativa, pode inclusive ser prejudicial à saúde mental.

Mais adiante, na mesma materialidade, a psicóloga levanta um questionamento muito pertinente sobre a alegação de que o projeto de lei garante o direito dos homossexuais receberem atendimento psicológico em busca de uma mudança de algo individual, visto que o problema não está na forma como sentem prazer e se relacionam com sua afetividade. Mas, quando colocamos o atendimento psicológico com foco no indivíduo criamos um movimento que tira o foco da necessidade de mudanças coletivas relativas ao preconceito e estigma social que pessoas com a sexualidade fora da norma cis-heteronormativa sofrem.

O questionamento pertinente do qual falo se dá no intervalo de tempo referente a 02:52 até 03:08 é o seguinte: “[...] eu acho que quando alguém que mudar a orientação sexual de uma pessoa ninguém pensa em mudar um hetero para homo, alguém pensa? [...]”. Ao realizar esse questionamento a psicóloga faz um movimento de questionar o lugar do hétero na nossa sociedade, apontando como esse lugar não é questionado, chamando a atenção não somente para o sujeito hétero que chega na clínica, mas para o sujeito hétero na nossa sociedade.

Ser hétero na nossa sociedade é ocupar o lugar de poder que segundo Foucault está de acordo com as normas sociais, o sujeito hétero tem um corpo considerado útil ao funcionamento do poder em conformidade com as estratégias de intensificação do processo de subjetivação e docilização dos corpos próprios da modernidade, como nos exemplifica o autor a partir de livros como *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (1987) e *A história da sexualidade I: a vontade de saber* (1988).

Sendo assim, se os argumentos usados a favor do projeto de lei que defende o tratamento a pessoas homossexuais não possuem embasamento científico nenhum, mas pelo contrário, vão na direção oposta ao método científico, se não possuem compromisso nenhum com o bem-estar das pessoas, pois defendem o oferecimento de serviços que não possuem indicação nenhuma de melhorar a saúde mental e ignora inúmeros relatos de situações sociais preconceituosas e vexatórias, e essas sim, quando evitadas melhoram o bem-estar, apontando para a necessidade de mudanças sociais se o objetivo é acabar com um mal-estar vindo da vivência de uma sexualidade fora do padrão cis-heteronormativos, se esses argumentos não parecem estar comprometidos com um fazer psicológico ético, qual o objetivo deles?

Quando olhamos o cenário político de crescimento da bancada evangélica no senado, de figuras políticas cristãs, conservadoras e fundamentalistas estarem a todo tempo palpitando

sobre como a psicologia deve oferecer seus serviços as pessoas homossexuais, todo esse cenário parece um dejavú já descortinado por Foucault ao longo de suas produções, nas obras já citadas anteriormente, como *Vigiar e Punir (1987)*, *A história da sexualidade (1988)*, *Os anormais (2001)*, através da composição de uma série de jogos de poder que possuem como intuito tanto intensificar o controle sobre os corpos através da construção de uma normalidade sexual.

A publicação mais recente de uma obra Foucaultiana, a saber, *História da sexualidade IV - As confissões da carne (2019)* nos apresenta desde o primeiro capítulo noções importadas da filosofia estoica, modificadas pela filosofia cristã e acopladas numa filosofia ocidental de uso do corpo para intensificação de um poder próprio do mundo moderno, um poder de normalização e subjetivação que se difunde a partir de discursos que não possuem nenhuma fundamentação científica dentro dos modelos atuais de se fazer ciência, onde está incluso a verificação dos resultados positivos e passividade a questionamento.

Esses discursos que disseminados na sociedade majoram os efeitos do poder de normalização e subjetivação são baseados num arquivo<sup>5</sup> vindo de movimentações históricas do cristianismo “em torno tanto das sensações corporais, sentimentos, atos cotidianos, processo de planejamento de ações futuras” (Lima, Nascimento & Pereira, 2021, p.116), que no interior da vida cristã está voltado a entrega de toda sensação, pensamento sentimento à condução da igreja enquanto seu fiel, e por isso, seu instrumento de agir entre os homens. Esse estado no qual o processo de subjetivação cristão coloca o fiel difere da proposta de uma conhecimento de si, mas volta-se para uma entrega total do seu corpo para uso do outro.

Dessa forma, uma sexualidade que objetive a vivência do prazer é condenada, e constrói-se na modernidade um modelo de sexualidade estritamente voltada para a reprodução e que se estente a atualidade, tendo em vista a necessidade de corpos dóceis para manipulação do poder conforme suas estratégias de difusão e intensificação no tecido social. Na próxima seção analisaremos o discurso cristão e seus efeitos nos corpos e no discurso sobre sensações, sentimentos, comportamentos empreendidos pelo sujeito cristão submetido a uma subjetivação e suposta reversão sexual.

---

<sup>5</sup> Arquivo em Foucault

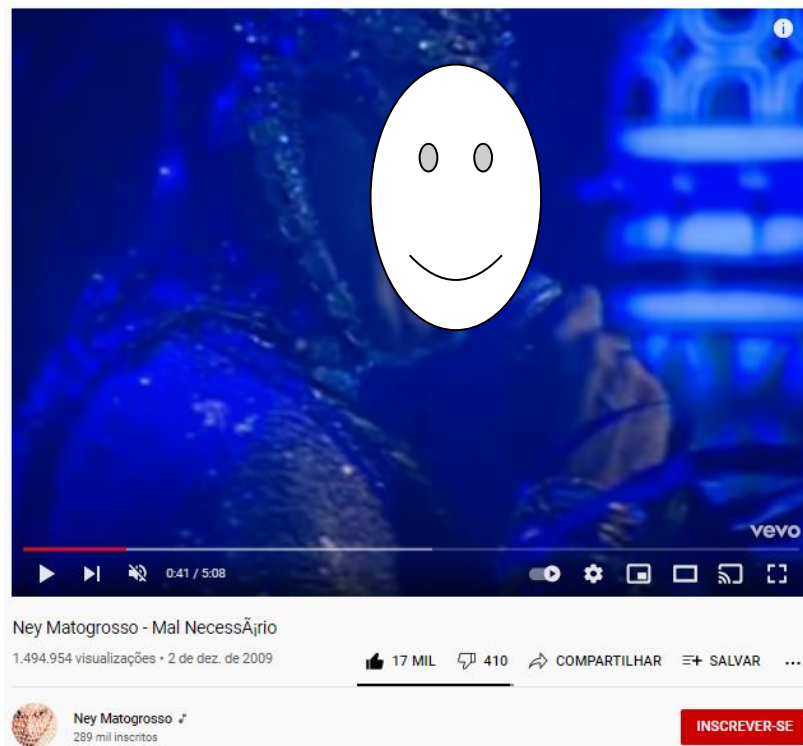
## 5 RELIGIÃO E CARNE: o discurso e o corpo gay

Sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher

Mal necessário, Ney Matogrosso (1978)

Os versos da canção *Mal Necessário*, composta por Mauro Kwitkom, interpretada pela voz de Ney Matogrosso em gravação do álbum *Feitiço* (1978), reverbera até hoje como um clássico da MPB e um mensagem de resistência, afirmativa, que marca o lugar de corpos que não se encaixam dentro de uma norma padrão. O corpo aparece nessa música como espaço de dualidade, ele não é um corpo resumido ao sexo biológico, não é o lugar da exclusão, do ou uma coisa ou outra, mas o lugar da afirmação, de uma coisa, e outra, e outra, não é homem ou mulher, a música diz: “Sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher”. Essa música afirma a existência de um corpo que não cabe na norma cishetero. Para escutar a música completa no *Youtube* basta pressionar a Tcl Ctrl e clicar no link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=XkwilDRbqbQ>.

Figura 13: fotocópia do vídeo no Youtube no qual Ney Matogrosso interpreta a canção Mal Necessário



Ney Matogrosso interpreta essa canção não apenas com sua voz, mas também com seu corpo, ele usa uma vestimenta e adereços, como podemos ver na fotocópia acima, seu corpo está cheio de brilho e fora de um padrão cisheteronativo. O intérprete faz do seu próprio corpo uma extensão da mensagem passada pela música, intensificando o sentido de constestação do “ou isso ou aquilo” que a tentativa de normalização da sexualidade faz.

Esse corpo enquanto lugar de dualidade, ou até multiplicidades é o corpo que vemos aparecer na análise das audiovisualidades dessa seção. O grupo de vídeos do *Youtube* selecionados e agrupados enquanto surgidos das condições de possibilidade nomeadas como campo religioso e/ou confessional, aponta para descrições minuciosas vindas de uma vigilância constante do corpo, dos sentidos, dos pensamentos, semelhantes as realizadas pelo cristianismo desde o início da sua popularização no ocidente.

Como já dito anteriormente, quando citado o primeiro volume da *História da Sexualidade*, Foucault empreende uma análise a respeito da sexualidade e nessa analítica acaba descortinando uma série de jogos de poder que apresentam a sexualidade enquanto um dispositivo social de controle dos corpo, nessa analítica o autor também descortina um movimento, das forças de subjetivação de controle presentes no dispositivo da sexualidade, voltado para a sexualidade nomeada como homossexual.

No segundo volume dessa série de escritos, chamado *A História da Sexualidade 2, O Uso dos Prazeres*, dando continuidade a análise sobre a sexualidade no ocidente, Foucault percebe como a sexualidade do homem é colocada como centro das atenções, como produto final e ideal para construção de uma hereditariedade sã. Aspectos de uma sexualidade considerada como da mulher eram subjulgados, e a sexualidade dos animais chega até a ser usada como exemplo, há animais que possuem uma sexualidade que exemplificam a sexualidade de um homem viril e animais que exemplificam a sexualidade profana.

Conhecedor ou não dos escritos de Foucault, o trecho da música cantada por Ney Matogrosso ressoa “Sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher...” como um fundo musical que sugere algo que não está escancarado numa cena de novela, mas que se insinua nos corpos, nos gestos, nas roupas, nas cores, na organização do espaço... Essas figuras, do homem, da mulher e do animal, assim colocadas no dispositivo da sexualidade, enquanto material para um controle da relação entre sexo, prazer e construção de uma pedagogia do controle de si através do exercício de um poder educacional.

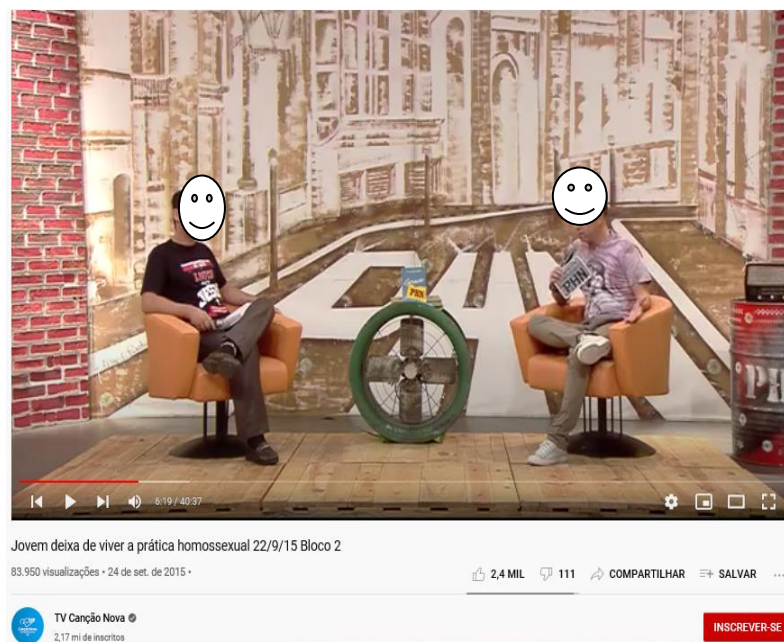
Essa forma de ação do poder voltado para um processo educacional de ensino da forma como se deve agir em relação a si mesmo, ao seu corpo e a seu sexo, e principalmente em relação ao seu sexo e as formas de sentir prazer, aparece na construção de uma Ciência

sobre a sexualidade no início do século XIX (FOUCAULT, 1988), mas possui um arquivo que arqueologicamente remonta a consolidação do cristianismo no ocidente e genealogicamente as estratégias de poder para determinada forma de funcionamento e modo de produção Ocidental.

O cristianismo exerce essa forma de poder educacional através do poder pastoral e do método confessional, assim “grande prática da confissão-exame de consciência e da direção de consciência como filtro discursivo perpétuo da existência” (FOUCAULT, 2001, p.223). Dessa fora, era através dos diretores da consciência, principais representantes do poder pastoral na Igreja Católica, essas figuras são os padres que escutam as confissões, investigam os pensamentos, os sentimentos e sensações e receitam petinências como remédios para tais coisas que a igreja considera impróprias para o cristão.

A confissão é feita não só no confessionário, mas também em público e repetida várias e várias vezes como testemunho do pecado e da sua redenção, esse mesmo modelo ainda hoje está presente e se materializa no discurso da “cura gay”, como podemos ver nas séries vidiáticas elencadas como do campo religioso e/ou confessionais. O vídeo chamado: *Jovem deixa de viver a prática homossexual 22/9/15 Bloco 2* (para assistir o vídeo basta pressionar a teclar Ctrl e clicar em cima do título anterior) ilustra como a confissão se torna materia para um tipo de controle sobre o corpo dentro de um padrão cisheteronormativo.

Figura 14- Imagem inicial do vídeo: Jovem deixa de viver a prática homossexual 22/9/15 Bloco 2.



Esse vídeo faz parte de um programa da TV Canção nova, uma emissora católica, foi inicialmente exposto na rede televisiva e depois publicado no canal do Youtube da emissora, nele uma pessoa confessa que já foi homossexual, e para isso ele apresenta detalhes relacionados ao corpo, as práticas que exercia, visando se tornar mais feminino, apresentara os pensamentos que diz ser referentes a época na qual era homossexual. Toda sua fala acontece em tom confessional, e esse será o aspecto destaque para nossa análise, como podemos notar no trecho a seguir. Anteriormente, a pessoa que está fazendo a entrevista com o sujeito que se apresenta como curado da homossexualidade inicia a entrevista, no intervalo de tempo entre 6:15 até 6:45, dizendo:

[...] Você está acompanhando aqui o testemunho do Rafael, infelizmente, uma tragédia, abusado aos sete anos, violentamente abusado aos sete anos, sofrendo a pressão psicológica nos anos seguintes que o impulsionaram, né? O impulsionou para uma vida na homossexualidade e depois para a condição de um travesti [...]

É importante chamar a atenção para como a violência sexual é colocada como razão determinante da homossexualidade, como se ser homossexual fosse o fruto desse violência, e ser travesti é alocado como um aspecto da homossexualidade, demonstrando como para alguns setores sociais qualquer prática de si que desvie da norma cisheterossexual não só de sentir prazer mas de se vestir, se relacionar, é considerado como um aspecto da homossexualidade. Dando seguimento, vejamos a fala confessional de Rafael posterior a essa afirmação, esse trecho acontece no intervalo de tempo referente à 6:53min até 40:37min, é um intervalo muito longo, mas muito importante para acompanharmos o tipo de narração que que é feita, cheia de detalhes, sobre acontecimentos, sensações, vontades e pensamentos:

Eu vivi como travesti 10 anos, então assim, uma coisa que eu ainda não falei no outro bloco e queria deixar claro, talvez você que esteja me ouvindo diz assim; vivo a homossexualidade mas não sofri abuso sexual, glória à Deus! Você não sofreu abuso sexual, mas outros fatores determinantes talvez na educação, que faltou na educação, talvez tenha levado à criar, não uma consciência direta, mas no seu sub consciente, pra que você chegasse hoje a ter uma prática ou a tendência, eu lembro que quando eu comecei a prostituição, meus pais não sabia, obviamente minha mãe não sabia, ainda como um homem, ainda uma criança, eu me lembro que com 11 anos para 12 anos eu estava com um rapaz e ele parou num bar que era de frente com o convento de Santana Clara de Taubaté, que foi um dos últimos lugares que eu fiquei antes de conhecer Jesus, e ele me levou pra dentro desse bar e foi quando eu tive a visão do mundo homossexual que hoje pintam como a perfeita cartilha para que você aprenda tudo, como se fosse a verdadeira liberdade.

E ali eu vi muitas coisas, eu vi pessoas dançando, eu vi pessoas bebendo, eu vi pessoas se divertindo, vi pessoas transando, porque isso que uma boate



sexual tem a oferecer pra nós nos dias de hoje [...] E quando eu entrei nesse local, nas ruas eu vi mulheres que depois eu fui descobri que eram travestis, e quando eu entrei eu dei de frente com uma travesti e eu olhei e disse: nossa que moça bonita! Porque pra mim, na minha visão, era uma moça e o rapaz que tava comiga falou assim: não, não é moça, é homem, e eu falei assim: nossa um homem! Como que um homem se veste de mulher, e eu falei assim: mas o que que eles estão fazendo ali? Eu estava de 11 pra 12 anos, e eu olhei assim, e eu falei: mas o que que eles estão fazendo ali? Aí a pessoa me disse, que estava comigo: eles fazem programa. Aí na hora eu parei e falei assim: mas se eles fazem o que eu faço e ganham, porque que eu vou continuar fazendo isso de graça, se eu estou me humilhando da forma que eu estou, se eu estou sofrendo, porque pra mim não era nenhum motivo de alegria estar naquela condição que eu estava [...] e a travesti veio ao meu encontro e ela olhou e disse nossa vc é muito bonito, vc daria uma mulher perfeita, se vc quiser amanhã vcs está nas ruas e foi a hora que eu parei, nossa mas eles ganham e eu não e eu topei, então é algo que precisa então ficar claro pra nós, você que está me ouvindo, está acompanhando o programa, a homossexualidade, ela não é definida ou pelo um abuso sexual ou só pela pressão psicológica, mas ela é definida pela decisão, [...] no abusos não decidi, fui levado, mas nas outras situações eu decido. Então houve consentimento mesmo que indireto da minha parte, então as pessoas elas dizem, elas querem tirara culpa de si, o tibia, dizia, sou um milagre, eu costume dizer por onde passo, eu não sou um milagre, eu sou fruto de um arrependimento, eu entendi que o que eu vivia era um pecado e eu precisava de arrependimento [...] voltando, então eu aceitar me tornar um travestir, então durante o dia eu era um menino, porque eu não podia então chegar na minha casa daquela forma, eu era uma criança, na minha cabeça eu comecei formular, a formular o que? Quando eu ficar mais velho eu vou poder assumir a minha vida, vou sair da minha casa, então eu vou contar pra todo mundo.

Só que eu sempre tive, talvez naquela época, a péssima mania de narrar as relações sexuais que eu tinha, e foi quando a minha mãe pegou e leu, e aquilo pra ela foi um susto, ela dizia: eu não acredito! Eu tive uma filha mulher! Acho que ela fazia questão de deixar isso muito claro pra mim, e ela: eu não aceito, pq eu tive uma filha mulher, e vc é homem, eu tive um filho homem! E aquilo já não confrontava com a realidade que eu tava vivendo, porque eu já não vivia como um homem, eu tinha um pênis, uma estrutura masculina, mas o meu pensamento não era, e quando então eu decidi me tornar um travesti, todas aquelas pessoas que estavam ali, aconteceu como um formação: Olha, você precisa aprender a sentar como mulher, falar como uma mulher, a agir como um mulher, a gesticular como uma mulher, olhar como mulher, a se pentear, tudo como uma mulher, então as minhas referências passaram a ser mais fortemente minha mãe e minha irmã que estava muito perto de mim, e as travestis que estavam perto as vezes, na rua, a noite, ou então quando eu precisava sair a tarde com alguém eu precisava ir buscar numa foto, ir buscar numa revista eu tinha que buscar alguma referência prara tentar então viver essa caricatura, né? Me caracterizar de uma mulher para poder entrar nessa situação, e comecei entrar mais fortemente [...]

Como podemos observar são dados detalhes sobre o comportamento considerado homossexual e como supostamente a pessoa foi levada a emití-lo, assim colocado o discurso insinua que houve razões, sempre colocadas como ruins, como erros, como variáveis que não

foram evitada, e até mesmo como escolhas, como podemos perceber no trecho no qual Rafael diz que a homossexualidade “*é definida pela decisão*”. Quando colocamos a homossexualidade dessa forma, essa é claramente uma tentativa que apresenta-lá não apenas como evitável, como como passível de cura pela religião, e não coincidentemente o criador do projeto que visa sustar os efeitos da resolução do conselho de psicologia que coloca como antiético psicólogos colaborarem com qualquer prática de apoio a preconceitos contra a comunidade LGBTQIA+, é um pastor, ou seja, um sujeito que apesar de falar enquanto político também fala enquanto religião, mesclando as duas coisas e nos mostrando como religião e estado usam as mesmas estratégia de controle dos corpos.

Percebemos também com o longo depoimento exposto que não basta apenas dizer o que a igreja considera pecado e confessar arrependimento, é preciso falar mais e mais sobre como o pecado acontecia, assim como nas confissões com os diretores da consciência, personagens cruciais que eram encarregados de executar uma verdadeira vigilância sobre a consciências dos fiéis só possível através de um tipo específico de atitude diante da confissão, um atitude de imiscuir, insistir e detalhar através de formas de perguntar. Ou seja, havia todo um tipo de saber produzido sobre a prática da confissão, Foucault chega a dedicar um capítulo inteiro no *Confissões da carne* (2019), denominado “A arte das artes”, particularmente na parte IV Exame-Confissão.

Parece-nos que essa prática é ainda muito atual, e se observarmos bem a clínica psicológica é também um espaço confessional, a tentativa do projeto popularmente chamado de “cura gay” tem o objetivo de inserir no espaço confessional da clínica psicológica a moral cristã, uma moral que como vemos no depoimento de Rafael, apresenta a homossexualidade como um problema ser resolvido, dentro ordem discursiva da religião, um mal do corpo que deve ser curado através do arrependimento. Dentro da ordem discursiva da ciência, da ordem psicológica, como já foi outrora e atualmente o discurso da “cura gay” atualiza essa perspectiva, um mal do corpo deve ser curado por meio do tratamento da ciência rostificada pela psicologia.

Nessa mesma direção, vemos outra materialidade discursiva que apresenta outro sujeito que se coloca enquanto ex-homossexual e conta a sua história nos mesmo moldes da confissão, titulado: **Testemunho - Felipe Valentino (ex travesti)** (para acessar o vídeo basta pressionar a teclar Ctrl e clicar no título anterior). Essa materialidade apresenta muitas similaridades com a anterior, ilustrando também o modelo confessional cristão.

Figura 15: Imagem inicial do vídeo: Testemunho - Felipe Valentino (ex travesti), no Youtube.



Podemos percebermos que assim como no depoimento anterior a importância do papel da confissão enquanto testemunho dentro da igreja, como prova do poder de cura presente nessa prática, e em ambos os vídeos, é como se quanto mais detalhes mais prova do arrependimento. Como ilustração do teor narrativo confessional que possui a característica de quanto mais informações mais intenso o movimento do sujeito consigo na busca por expressar a forma como sente, pensa, deseja. Vejamos então um trecho no qual o rapaz que se diz ex homossexual relata sua história:

[...] Eu quero contar pra vocês uma história verdadeira que acompanhei de perto, de uma mãe, de uma mulher que também tinha um sonho de ser mãe, só que ela tinha o sonho de ser mãe de um filho homem, ela tinha duas

moças, e ela tentava, tentava, não conseguia, até que um dia ela num relacionamento turbulento, onde ela era a amante de um homem casado, tendo já duas filhas, ela teve o terceiro filho com este homem e veio rapaz. Com várias ilegalidades dentro dessa família, esse rapaz com cinco anos de idade, os pais saindo para trabalhar, ele foi abusado sexualmente pelo seu próprio irmão com 17 anos de idade. E desde os cinco ele manteve esse relacionamento com o irmão mais velho, porque o irmão ameaçava essa criança para ele não contar para os pais nem pra ninguém, foram basicamente uns dois anos que essa criança foi molestada pelo seu próprio irmão. Logo após ele ser molestado os pais se separaram e aí, só lembrando que como esse pai era casado, por isso que ele tinha mais irmão que eram irmão mais velhos e aí essa criança foi crescendo totalmente com a mente turbulenta. A criança com cinco anos ela não tem ainda domínio próprio, ela não sabe o que é um relação sexual. E foi ativada naquela criança uma ativação errônea, onde essa criança cresceu pensando que os relacionamentos dela deveriam ser com homens.

Com oito anos de idade, os pais separados, a mãe tendo que trabalhara para cuidar dos filhos, essa criança também continuou sendo molestada, o qual vigiava ele quanto a mãe ia trabalhar. Duas pessoas fizeram essa criança de mulher, tiveram essa criança como objeto sexual deles e ninguém ficou sabendo dessa história.

Logo depois essa criança cresceu ainda mais, com doze anos de idade essa criança, existia uma companhia de teatro de homossexuais onde eles se vestiam de mulher, e essa criança, ela entrou já com doze anos de idade, já era uma adolescente. Ele entrou para essa companhia de teatro aonde ali ele aprendeu, ele estava fazendo aquilo que aos olhos dele ele gostava, aonde ele estava fazendo o que aos olhos dele era bom, ele se vestia como mulher e ganhava dinheiro, não contentando com o teatro esse adolescente se tornou jovem e aos 17 anos de idade ele começou a se tornar um travestir, a viver nas ruas a ser escravizado por cafetões, e onde aos 17 anos de idade esse jovem ele totalmente afeminado [...]

Nesse vídeo também percebemos a atribuição do abusos sexual como uma variável de destaque para a pessoa se tornar um homossexual, mesmo não sendo colocada como a única razão, é importante destacar como essa parece ser uma estratégia de associação entre algo muito violento e desaprovado pela sociedade com a homossexualidade, como se essa fosse o fruto de uma violência sexual. É interessante se questionar porque quando uma pessoa que está dentro da norma cisheteronormativa revela um abuso sexual na infância, não há discurso que associa a heterossexualidade como fruto do abuso, como vemos acontecer na homossexualidade.

Essa confissão é, dito de outro modo, uma confissão da carne, como bem nos lembra o título do último volume da história da sexualidade escrita por Foucault (1988) com o objetivo de saber tudo que se passa no corpo, todas as sensações, desejos e prazeres da carne para assim, apossados dessas informações, organizá-las dentro de um discurso pecaminoso no cristianismo e patológico na sociedade ocidental. Assim o método da confissão age como um

dispositivo de captura da relação de si consigo para uma subjetivação de acordo com normas religiosas e acima de tudo, normas sociais de manutenção de controle das populações.

A confissão deve então dizer sobre a carne, seus desejos e qualidade próprias que são diferentes dos desejos de Deus e das qualidades que o verdadeiro cristão deve ter, segundo a pedagogia confessional. Nessa direção, é interessante o seguinte trecho da audiovisualidade: **Testemunho - Felipe Valentino (ex travesti)** (para acessar o vídeo basta pressionar a teclar Ctrl e clicar no título anterior) no intervalo de tempo referente à 10:20min até 10:36min, no qual ele diz: *[...] eu aos 17 anos de idade eu estava um homem cheio de plástica, plástica no rosto, plástica no corpo inteiro, cabelo grande, aquela coisa toda achando que aquilo era minha satisfação [...]*.

Felipe conta que mudou o corpo para se tornar mais afeminado, e essa mudança se torna a materialização da homossexualidade pra além da conjunção carnal com outra pessoa do mesmo sexo, é a forma como ela se relacionava consigo mesmo que também merece destaque. No intervalo referente à 13:50min até 14:00min também é dito: *[...] Tudo o que eu eu via de homem eu queria tirar, pq na minha mente, sataná tá implantando que eu era um mulher [...]*. Podemos perceber nesse trecho como a confissão do pecado também abarca as formas como o sujeito pensa sua carne e não somente o que ele faz com ela, pois nesse momento da confissão apresenta-se não apenas uma atitude com o outro, mas uma atitude consigo mesmo, com seu próprio corpo, de acordo com desejos da carne.

A carne é tomada como objeto da confissão e tudo que se relaciona a ela, pois é na carne que tudo acontece, sendo assim, como na homossexualidade foi colocado através da confissão um movimento que tentava afeminar o corpo, no que se apresenta como uma possível “cura gay” vinda da confissão e arrependimento, vemos em ambos os vídeos o relato de um movimento oposto, no qual eles deixam as práticas de si que buscam o feminino para retornar o lugar de sujeito viril.

Esse lugar do sujeito viril é colocado como o lugar do retorno ao bom, ao correto, ao ideal, há inclusive a contraposição entre um antes e um depois, na qual é mostrado imagens desses dois rapazes com características femininas, como uma forma de provar o arrependimento confessado. Vejamos fotocópias tiradas da audiovisualidade no Youtube:

Figura 16: Fotocópia do momento no qual Felipe Valentino, da audiovisualidade “Testemunho – Felipe Valentino (ex travesti”, corta seu cabelo, retirada do Youtube.

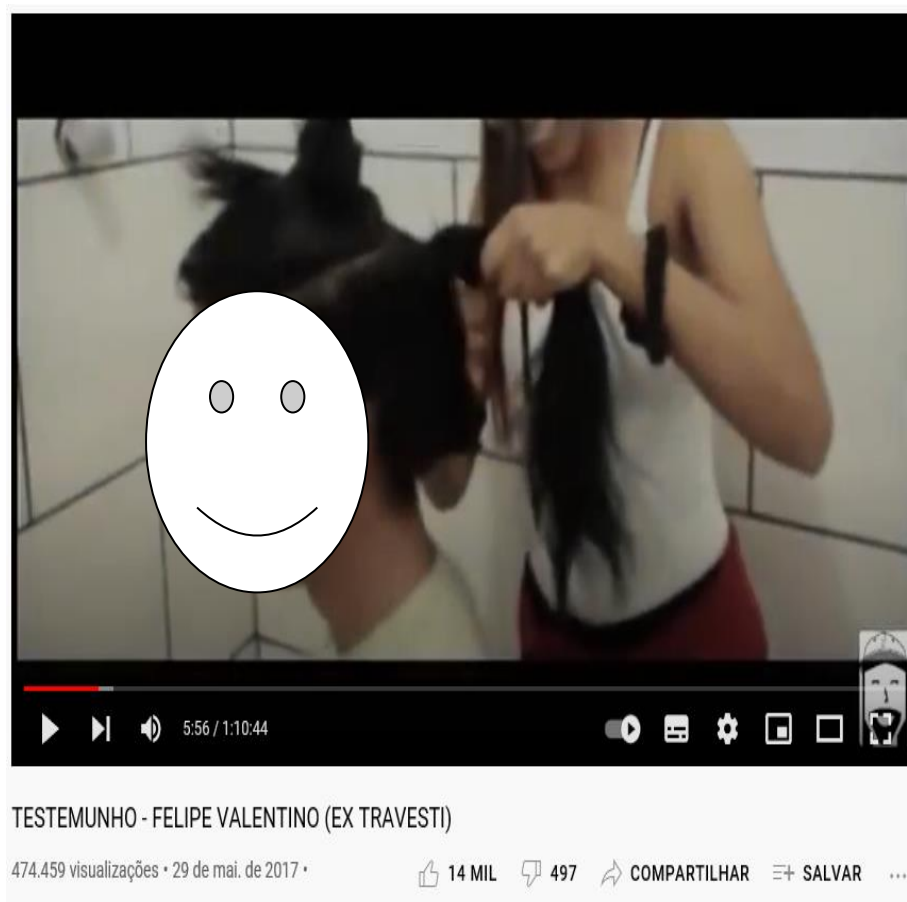
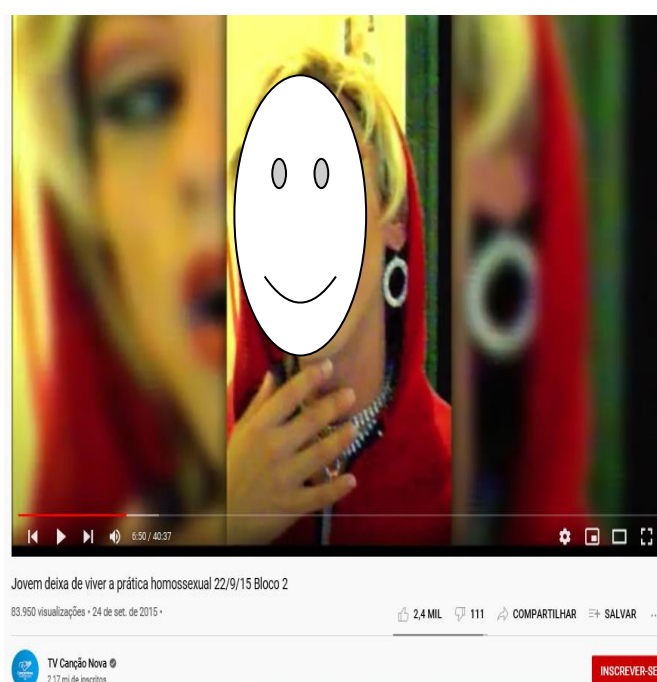


Figura 17: fotocópia do momento no qual é mostrado Rafael caracterizado como travesti, na audiovisualidade "Jovem deixa de viver a prática homossexual 22/09/15 bloco 2.



Essas fotocópias são exemplos de como o discurso da “cura gay” mostra o corpo como materialização da homossexualidade na carne, mostra também que esse discurso quando coloca a homossexualidade como algo que deve ser mudado, engloba não apenas a prática sexual com pessoas do mesmo sexo, mas qualquer comportamento, atitude, pensamento desejo, caracterização que esteja fora da norma cisheterohormativa, assim as práticas de si masculinas devem sempre buscar o lugar do sujeito viril e se distanciar de qualquer vestígio de feminilidade, pois características fora do padrão cisheterossexual denunciam a existência do pecado, dentro da norma cristã.

Por tais razões, a confissão dentro dos jogos de poder pastorais ganha cada vez mais espaço, o seu principal objetivo deixa de ser a punição que se segue, mas passa a se centrar no processo de confessar, há toda uma cartilha relacionada a como escutar, como perguntar e como falar, quanto mais detalhes e mais vergolha melhor, é necessário que o diretor da consciência saiba tudo que se passa na mente e no corpo do fiel.

A confissão se torna o principal material de controle dos fieis, pois assim é possível saber tudo sobre ele, envergonhá-lo e apresentar uma saída a partir da proposta de uma vida toda entregue as normas cristã como forma de redenção e prevenção, inclusive, no final do testemunho de Felipe Valentivo ele informa o seguinte, no intervalo de tempo referente a 1:04:27 min até 1:04:56:

[...] hoje pra honra e glória do senhor nos temos um projeto, uma casa para ex homossexuais, onde vem também, eles vem de fora, pessoas que querem mudar a sua postura, que querem mudar o seu espiritual, ele vem para essa casa, se tratam no período de 8 meses e volta para sociedade, nós não preparamos só eles como também preparamos, fazemos um acompanhamento com a família deles, nos temos esse preparo [...]

Esses trechos demonstram como a confissão está atrelada com um projeto coletivo de oferecimento de algo semelhante a um tratamento que coloca a homossexualidade como um problema a ser curado dentro da igreja. Vale a pena, nesse momento, destacar o fato já relatado no inicio dessa análise referente a um grupo de políticos cristãos, denominados bancada evangélica, que está cada vez mais ganhando espaço no senado brasileiro.

A bancada evangélica mobiliza jogos de forças que permitem políticos cristão criar projetos sem embasamento científico como o popularmente conhecido como “cura gay”, que visa sustar os efeitos de uma resolução do Conselho Federal de Psicologia referente a forma como os profissionais de psicologia devem proceder frente a diversidade sexual. A fala final de Felipe Valentino, juntamente com a mobilização política da bancada evangélica na atualidade, nos aponta para a constatação de efeitos nos corpos vindos do discurso da “cura

gay” não só no campo religioso, ou no campo jurídico, que buscam se imiscuir nos assuntos da psicologia, e das ciências que estudam o comportamento e a sexualidade humana.

A fala final de Felipe Valentino, juntamente com a mobilização política da bancada evangélica, descortina uma estratégia do poder de controlar os corpos a partir de uma normalização presente não só na igreja, mas que se expande para todas as instituições sociais, indicando como um discurso que por vezes julgamos próprio de um determinado campo de saber está relacionado com outros campos de saber e afirmam uma determinada ordem do discurso, que legitima determinados sujeitos para manutenção de lugares de privilégio social e majoração de uma forma específica do poder se exercer no Ocidente.

Dando continuidade a analítica, foi selecionado uma última audiovisualidade titulada: **Cura gay: terapia ou tortura? A verdade! - põe na roda** (para acessar o vídeo no *Youtube* basta pressionar a tecla Ctrl e clicar no título em questão). Essa materialidade, diferente das anteriores, apresenta sujeitos que passaram pelo processo semelhante aos relatados anteriormente. Porém, os sujeitos nessa audiovisualidade ocupam um lugar social diferente, narrando esse processo de outra maneira, não como uma tentativa de “cura” que deu certo, mas como um processo adoecedor, que os fazia estar em constante briga consigo mesmo, alimentando um sentimento de mal estar consigo que desencadeavam sintomas psicopatológicos depressivos. Nessa audiovisualidades temos o depoimento de duas pessoas sobre a experiência com o discurso da “cura gay”.

Figura 18: imagem inicial do vídeo “Cura gay: terapia ou tortura? A verdade!- Põe Na Roda”, no Youtube.





As pessoas entrevistadas se nomeiam Vinícios e Raiane, ela relatam ter passado dentro da Igreja por vários processos que tinham como objetivo “curar” a sua homossexualidade. O entrevistador faz várias perguntas ao longo do vídeo, inicialmente ele pergunta sobre como foi a infância, até que ele realiza o seguinte questionamento aos 02:51min de vídeo: *“Beleza, mas aí como vocês chegaram nessa tal de cura? E como funcionava? Funcionava?”* Então ambos os entrevistados respondem a essa pergunta, porém no vídeo não é mostrando um respondendo e depois o outro, o vídeo é editado de forma a alternar entre eles. Sendo assim, ao transcrever as respostas irei colocar o nome do entrevistados na frente para uma maior clareza textual. Segue o trecho referente ao intervalo entre 02:57 até 04:18:

**Raiane:** Quando eu fiz dezesseis anos eu fiquei com a minha primeira menina. Aí eu contei para o meu coordenador de grupo de oração. E ele ficou tipo assim, chocado! Tipo oi?!?

**Vinícios:** Quando eu tinha dezessete anos eu lembro que eu me mudei para uma outra cidade, fui morar na casa de uma tia. Lá tinha uma igreja, onde tinha uma pastora e ela me ofereceu um acompanhamento, uma ajuda para tentar me libertar, tipo da homossexualidade, porque na minha cabeça aquilo era realmente demoníaco, era coisa do diabo e eu ia pro inferno.

**Raiane:** Comecei a passar por atendimento psicológico também, só que sempre dentro da igreja.

**Vinícios:** Eu lembro que todas as conversas sempre terminavam em: tá, mas você orou essa semana? Você pediu isso para Deus?

**Raiane:** E eles buscavam motivos. Ai tipo: como era a relação com o meu pai, se meu pai era ausente, se eu fui abusada na infância. E buscavam razões para eu sentir aquilo [...] Era como se fosse uma terapia, como se fosse uma sessão de psicólogo mesmo.

Podemos perceber uma similaridade entre o que aconteceu com eles e o relatos anteriores, assim como, com o processo confessionais e de direção das almas cristão através de um diretor da consciência. A confissão serve para dar início a um processo de tentativa de controle dos desejos e ações da carne, de contenção das atitudes corporais julgadas homossexuais, há sempre alguém a quem se confessa os desejos da carne, há sempre alguém que de forma mais individual acompanham a pessoa que confessa a homossexualidade, assim como a figura dos diretores da consciência citados por Foucault em *Os anormais* (2001). Porém, esses “diretores da consciência atuais”, juntamente com os citados por Foucault, ocupam o lugar do sujeito que representa o canal entre quem peca e Deus, é a materialização da doutrina cristã, agindo como referência para consulta do que o cristão deve fazer/ser.

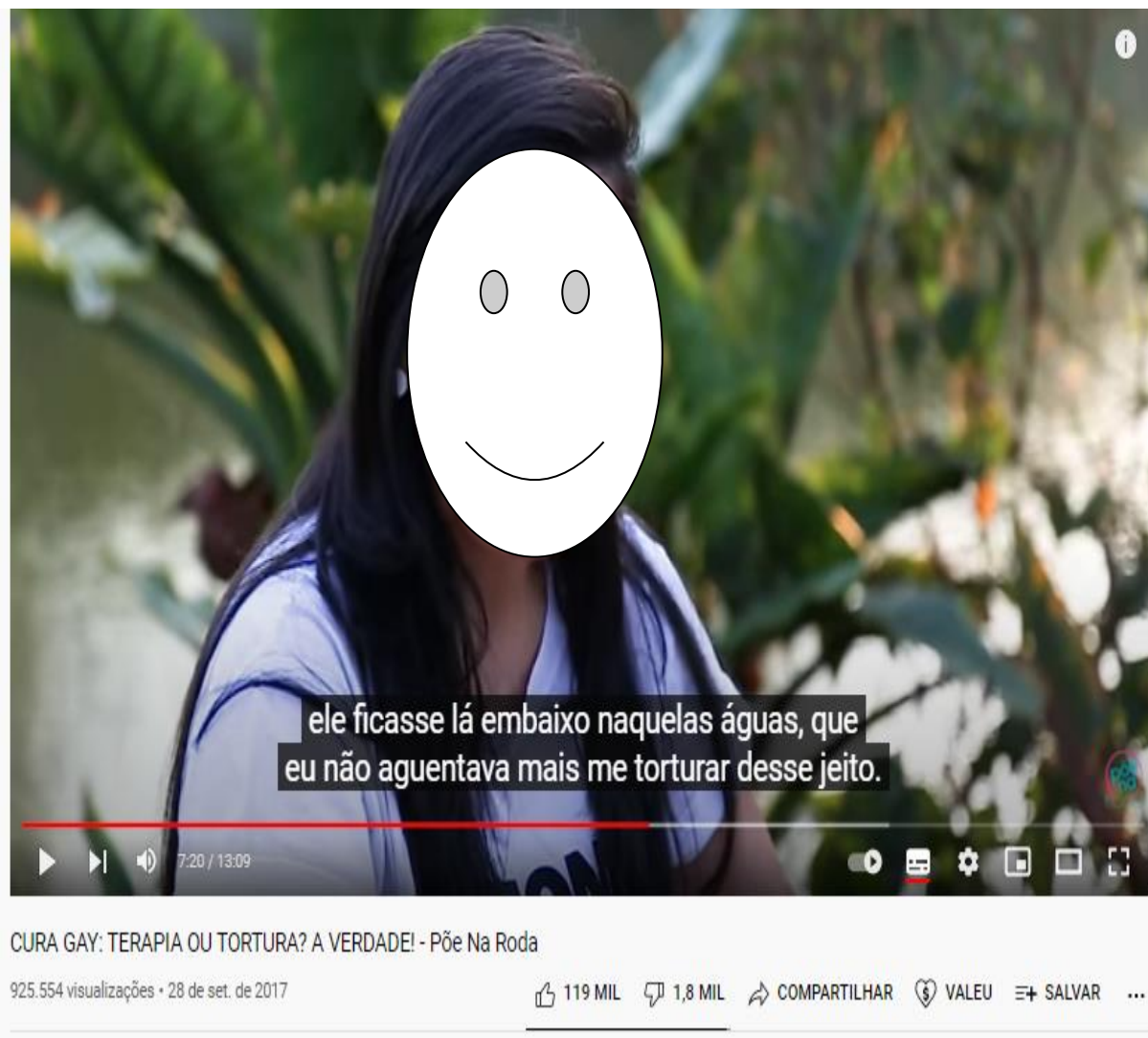
Outra aspecto que se relaciona com os outros vídeos é o momento no qual Raiane relata que estavam sempre procurando um motivo para ela ser homossexual: *“buscavam motivos. Ai tipo: como era a relação com o meu pai, se meu pai era ausente, se eu fui abusada na infância. E buscavam razões para eu sentir aquilo”*, novamente percebemos o movimento de querer associar a homossexualidade a coisas negativas.

No fim do trecho apresentando há uma frase que demonstra como as práticas cristã se misturam com as práticas psicológicas no discurso da “cura gay”, Raiane diz: *“Era como se fosse uma terapia, como se fosse uma sessão de psicólogo mesmo”*. Essa fala aponta para uma confluência entre o saber da psicologia e o saber cristão, como um tipo de apropriação do saber psicológico para objetivos cristão, essa mesma confluência acontece no projeto da “cura gay” que tramitou no senado, assim como nas falas do Pastor Malafaia, mostrando como o discurso da “cura gay” se materializa na sociedade através de práticas presentes nas diversas instituições sociais.

Mas, para além de analisar o discurso e seus efeitos na carne, no controle dos corpos através de uma série de normatizações a respeito de como se deve agir, falar, sentir, dentro de um padrão cisheterossexual colocado como ideal, é necessário falar o óbvio, as pessoas que se identificam com a forma de vivenciar sua sexualidade fora da norma cisheterossexual e que são submetidas ao discurso da “cura gay”, são antes de qualquer coisa, antes de um rótulo dado pela igreja, antes mesmo de uma letra na sigla LGBTQIA+, seres humanos que querem se sentir bem, que sofrem e amam como é próprio da raça humana.

Dessa maneira, quero destacar a fala de Raiane no momento em que ela desafaba chorando, lembrando do seu sofrimento devido aos inúmeras tentativas de não mais sentir atração pelo mesmo sexo, ela revê no intervalo de tempo entre 07:22min até 07:27min: *“Mais do que as pessoas, os meus pais, eu me torturava demais.”* Ela ainda nos fala sobre um quadro depressivo decorrente da submissão a esse discurso da “cura gay”, lembrando que quando avalisamos vídeos nos quais psicólogos falavam sobre a “cura gay” eles sinalizam sobre como ela pode agravar quadros depressivos.

Figura 19: Fotocópia do momento no qual Raiane desabafa e chora.



Para encerrar a entrevista é a realizada aos 08:20min, a seguinte pergunta: Em que momento vocês se aceitaram de fato? As respostas demonstram como o processo de se aceitar não foi fácil, mas também como ele foi libertador e fez bem para auto-estima e para saúde mental de ambos, Vinícios diz no intervalo de tempo entre 08:52min até 09:15min:

Eu consegui me entender como gay de fato e eu aceitar isso a partir do momento que eu comecei a buscar, tipo, até mesmo dentro dos estudos de vertentes teológicas, que entendiam homossexualidade de uma forma diferente. E a partir do momento que eu tive contato com isso, aquilo me deu um alívio muito grande, foi muito libertador para mim. Mas ainda assim, foi só o início de um processo que ainda demorou uns dois, três anos para realmente se assentar.

Esse trecho também mostra que nem toda forma de compreensão do cristianismo converge com o discurso da “cura gay”, mas juntamente com os estudos foucaultianos já

citados, apontam para o fato de que durante a história e também na atualidade, há uma captura do discurso cristão para majoração de um tipo de poder no controle dos corpos. Dando continuidade, vejamos um trecho da resposta dada por Raiane, no intervalo de tempo entre 09:44 até 09:25min, a pergunta: Em que momento vocês se aceitaram de fato?

Até que enfim, graças a Deus, um terapeuta que não tentou me curar. Ele fez um trabalho totalmente diferente. Em nenhum momento o meu terapeuta chegou assim e "meu, você é lésbica". Não, ele me ouviu. E aos poucos ele foi me fazendo entender, olha o tanto que a Bianca está te fazendo bem. Você acha que realmente é errado isso?

Aqui percebemos outro ponto muito interessante, como a psicologia pode contribuir para a pessoa se aceitar como ela é e voltar a se sentir bem consigo mesmo, ou seja, a psicologia não é impedida de atender nenhuma pessoa homossexual ou que faz parte da comunidade LGBTQIA+, ela só não pode oferecer um serviço de “cura” que não tem nenhuma comprovação científica e fere os direitos humanos, causando ainda mais dano à saúde mental e podendo causar até suicídio.

Na sessão “*A esfinge da abordagem biomédica de gênero*” na qual é analisado vídeos de áreas que estudam a subjetividade humana, há falas de psicólogos nas quais ele sinalizam como o discurso da “cura gay” e práticas derivadas dele pode causar danos à saúde mental e até suicídio, vemos como isso pode acontecer concretamente no trecho da fala sobre a experiência de ter passado pela “cura gay” relatada por Raiane no intervalo de tempo referente a 10:01 até 10:09min: “*Num dia eu estava assim muito bem e no outro, putz, eu não vou aguentar, eu vou desistir. E nesse dia, eu não fui trabalhar e tomei minha cartela inteirinha assim de remédio.*”

Assim sendo, mais uma vez o discurso da “cura gay” dentro da nossa analítica parece de fortalecer através do sofrimento e do controle da sexualidade que acontece na relação do sujeito com sua carne, ou seja, no corpo, e se enfraquecer quando se faz uma análise crítica e histórica desse tipo de discurso e controle.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já dito ao longo desse trabalho, o discurso da “cura gay” não é um tema novo na história, ele se atualiza ao longo dos anos. Com o intuito de compreender a forma como essa atualização acontece foi que se selecionou as séries vidiáticas e a distribuição dos capítulos. Sendo assim, ao longo da escrita e da distribuição dos capítulos foi realizada uma arqueologia sobre o tema através da contextualização histórica sobre a sexualidade no ocidente, no que se refere a sua emergência enquanto ciência e aos processos de patologização dos modos de vivenciar a sexualidade fora de uma norma colocada como ideal.

Esse processo de escavação sobre as condições que possibilitam a patologização da sexualidade através do discurso da ‘cura gay’ não aconteceu de forma linear, como uma descrição de fatos históricos sequenciados, mas ocorreu ao longo de todo o texto, por meio da inclusão na discussão de fatos históricos como o do surgimento da sexualidade enquanto ciência, ou dos manuais que categoricamente associavam a forma de se relacionar com o outro e consigo mesmo como sinais de uma doença mental.

Já a genealogia, enquanto uma análise ligada aos jogos de poder esteve presente simultaneamente ao processo de escavação da arqueologia, a todo momento foram realizadas análises que implicavam chamar a atenção para estratégias de controle, normalização e vigilância de um modo de exercício do poder próprio da nossa sociedade ocidental. Nesse sentido, o foco dado em cada sessão para uma determinada instituição social buscou aprofundar o olhar do leitor para as formas mais sutis de exercício do poder de normalização dos corpos e patologização da sexualidade LGBTQIA+.

Assim, a proposta inicial de analisar através da arqueologia e genealogia os efeitos nos corpos de sujeitos submetidos aos procedimentos do campo discursivo formado pela proposta da “cura gay”, e pela psicopatologia decorrente dela, em vídeos do *YouTube*, no período de 2011 a 2019, ocorreu tanto por meio da teorização, problematização e descrição de acontecimentos construtores de um arquivo sobre a temática, como por meio da análise de acontecimentos atuais presentes nos vídeos do *Youtube*, que atualizaram o discurso da “cura gay”.

Lembremos que entre os objetivos específicos estão: descrever fatos sociais que embasam emergência da homossexualidade como patologia e seu deslocamento à normalidade no campo científico e jurídico em contraposição com o discurso da “cura gay”; realizado de forma mais objetiva na terceira sessão, momento dedicado a análise do projeto de

Lei que visava sustar os efeitos de uma resolução que existe para impedir psicólogos de oferecerem serviços que contribuam para o preconceito e patologização da diversidade sexual.

Por se tratar da análise de um projeto de lei foi necessário citar órgãos de importância social, que outrora contribuíram para patologização da comunidade LGBTQIA+, mas que atualmente tomaram atitudes opostas, normalizando e descriminalizando as diversas formas de se relacionar sexualmente e afetivamente consigo e com o outro. Diferentes momentos do texto também cumpriram esse desígnio, como a análise de enunciados do Pastor Malafaia, entre outros.

O intuito de problematizar os depoimentos enunciados pela “cura gay”, nos vídeos selecionados, na construção dos discursos que agem na formação de um “mostro social” através categorização e exclusão social dos corpos na expressão das suas sexualidades, também foi alcançado, pois cada audiovisualidade teve seu conteúdo não apenas descrito. Houve problematizações através de transcrições de falas e articulação com a teoria proposta, apontando fissuras, na validade desse discurso diante de tantas pistas, que o desvende como uma tática de controle fortalecida por jogos de poder de instituições sociais, e não por uma genuína tentativa de compreender a subjetividade para ajudar as pessoas a se sentirem bem consigo mesmas.

Como a todo momento as séries vidiáticas serviram de mola propulsora de problematizações, identificar e analisar a atuação do discurso da anormalidade sobre os corpos, através do dispositivo da sexualidade no discurso da “cura gay” nas séries vidiáticas elencadas, foi condição sine qua non para execução de maior parte desse trabalho, algumas sessões apresentaram suas discussões tão ligadas ao conteúdo das audiovisualidades selecionadas, que o desenvolvimento da pesquisa aconteceu a partir do momento que a análise da forma como os sujeitos enunciavam nos vídeos se iniciaram.

Vale lembrar que essa pesquisa surgiu a partir do seguinte questionamento: por que mesmo depois da homossexualidade ter passado para o campo na normalidade jurídica, médica e psicológica, ainda há na nossa sociedade um discurso que a remete ao campo do patológico e do anormal como o da “cura gay”? A hipótese levantada foi de que um discurso como o da “cura gay” traz uma psicopatologia como base. Essa psicopatologia, que apesar de aparentemente do campo religioso, na verdade faz parte de toda a estrutura social no que se relaciona com controle dos corpos e manutenção de um poder sobre a vida por meio de uma anormalização de determinados corpos na expressão de sua sexualidade.

A hipótese levantada se confirmou diante da análise empreendida, pois as estratégias do poder evidenciadas nos discursos que propunham tratamentos a determinadas formas de

vivências a sexualidade estavam sempre ligados a formas de patologização da comunidade LGBTQIA+ na expressão da sua sexualidade, violentando, estigmatizando, adoecendo esses corpos, apontando sempre para tentativas de controle dos corpos e intensificação do poder das instituições na sociedade de normalizarem subjetividades.

No entanto, apesar de evidenciar inúmeras práticas violentas contra a comunidade LGBTQIA+, práticas essas que se desdobram a partir de uma estratégia do poder de dentro de uma mesma sociedade dividir a população, colocando alguns corpos como ideais em detrimento de outros como doentes e perigosos, percebemos que sempre há a possibilidade de resistir. As lutas por conquistas da comunidade LGBTQIA+ não aparecem diretamente nessa pesquisa, pois o foco se voltou para forma de funcionamento do discurso da “cura gay” na patologização da sexualidade, porém a luta dessa comunidade esteve presente em todo o texto, pois nenhum dos avanços apresentados seriam possível sem a ação combativa desses corpos ao longo da história.

Dessa maneira, a escrita desse trabalho age como uma forma de resistência ao discurso da “cura gay” e a qualquer forma de categorizar os corpos na expressão da sua sexualidade e afetividade enquanto doentes, menos importantes ou indignos. Escrever sobre essa temática na perspectiva Foucautiana não poderia ser diferente, visto que esse autor nos dá ferramentas para questionar a forma como as coisas são ditas e se relacionam com a forma como vivemos.

Como vimos, a sexualidade é uma área de conhecimento estrategicamente criada para melhor efetivar o controle do poder sobre os corpos, dessa forma os embates nesse campo de saber influenciam a forma como a sociedade funciona em relação os corpos ainda hoje estigmatizados por estarem fora de uma norma sexual. Assim, uma pesquisa que envolve a problematização desse movimento, que estigmatiza alguns corpos em detrimento de outros, contribui no combate relacionado ao preconceito contra a comunidade LGBTQIA+, marcando um lugar diferente do lugar do anormal na sociedade para esses corpos.

Dentro dos Estudos Discursos um trabalho como esse afirma o lugar da análise do discurso como problematizadora da atualidade, instigando os pares a realizarem pesquisas voltadas para as novas formas de se relacionar, e assim pensar intervenções sociais mais efetivas no que se relaciona ao combate não apenas aos corpos investido sexualmente de marcadores de anormalidade, mas de qualquer corpo categorizado como fora da norma, contribuindo para uma sociedade mais justa e para uma academia menos elitizada e mais implicada com as injustiças sociais.

Nessa direção, essa pesquisa futuramente pode se aprofundar na forma como as resistências contra o discurso da “cura gay” tem se apresentado na atualidade, como esses

corpos antes colocados como objetos de um saber, atualmente devido a toda uma movimentação dos jogos de poder da atualidade, conseguem ocupar também o lugar de sujeito que produz saber. Essa direção futuramente tomada por essa pesquisa apresentaria a internet como um importante palco de debate e possibilidade de resistência.



## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BARROS, João Roberto. O racismo de estado em Michel Foucault. **INTERthesis**, Florianópolis, v.15, n.1, p.01-16 Jan.-Abr. 2018.
- BRASIL. Ministério da saúde. As cartas da promoção da saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2002.
- Conselho Federal de Psicologia - CFP. Resolução nº. 01/1999, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf)
- COURTINE, J.J. **Decifrar o corpo**: Pensar com Foucault. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 5 ed. Tradução Luiz F.B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- FOUCAULT, Michael. **As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas**. Martins Fontes. 1990.
- FOUCAULT, M. **Doença mental e psicologia**. Traduzido por Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro. Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade IV**: As Confissões da Carne. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 21 ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia, a história. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia do poder”. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 21 ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. O que são as luzes? In: \_\_\_\_\_. **Ditos e escritos II – arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 335-351.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

LIMA, Suelane Gonçalves Santiago, NASCIMENTO, Rebeca Barbosa, PEREIRA, Jussara Santana. DESLOCAMENTOS PARA UMA CONDUTA DO CORPO: DA NATUREZA CRISTÃ À SUBJETIVAÇÃO CRISTÃ. In: **Domínios da Carne**: ensaios sobre a sexualidade com Foucault / org. Nilton Milanez, Marisa Martins Gama-Khalil, Vilmar Prata. 1. Ed. Salvador, BA: LABEDISCO, 2021.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARASCIULO, Marília. O que significam as letras da sigla lgbtqi+?. 2020. Acesso em 11/10/2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/03/o-que-significam-letras-da-sigla-lgbtqi.html>

MARINHO, Muriel. (Des)conhecer. In: MILANEZ, Nilton, AMARAL, Ricardo, MOURA, Ismarina. **Transexualidades**: o que pode o corpo? João Pessoa, PB: Marca de Fantasia, 2019.

MARTINS, L. A. M; PEIXOTO JUNIOR, C. A. Genealogia do biopoder. **Psicologia & Sociedade**; 21 (2): 157-165, 2009.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SARMENTO, Rayza; OLIVEIRA, Wesley Matheus de. Deliberação no YouTube? Debates em torno da questão LGBT. **Revista Compólitica**, n. 4, vol. 1, ed. jan-jul, 2014.

MILANEZ, Nilton. As divas da linguagem: a audiovisualidade dos corpos no videoclipe. in: O corpo e a imagem no discurso: gêneros híbridos. Organizadora: Simone Tiemi Hashiguti. Uberlândia: EDUFU, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-503-9>.

MILANEZ, Nilton. Materialidades da ansiedade corpo e retorno a si em filmes de fadas (2010-2015). In: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda. (Org.). **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. v. 1, p. 233-257.

MILANEZ, Nilton; NASCIMENTO, Rebeca Barbosa; SANTA BÁRBARA, Urania de Carmo Rodrigues. **Temas de pesquisas**: o corpo e suas extensões no discurso. org.Feira de Santana: Edições Labedisco, 2018.

MILANEZ, Nilton. Pistas e traços do corpo suspeito: Jailton, o estuprador de Itambé. In: Maria do Rosário Gregolin e João Marcos Kogawa. (Org.). **Coleção Trilhas Linguísticas**. 1ed. Araraquara: Cuilura Acadêmica, 2012, v., p. 81-97.

MIRANDA, Lucas Barbosa de. Jus.com.br. 2019. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/77774/criminalizacao-da-homofobia-pelo-stf>. Acesso em 10/05/2021.

NASCIMENTO, Francisco Arrais; JÚNIOR; Francisco Francinete Leite; PINHO, Fabio Assis. **Tipologias e classificações: um estudo sobre as temáticas de gênero e sexualidade no manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM)**. XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB) ISSN 2177-3688 GT 11 – Informação & Saúde Comunicação Oral. 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3097/1271>

Organização Mundial da Saúde. CID-10, Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**. N-1 edições, 2008.

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO N.º 539, 2016. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=ADAB4EDAA5A51733CD57572374A17561.proposicoesWeb2?codteor=1501093&filename=Avulso+-PDC+539/2016](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=ADAB4EDAA5A51733CD57572374A17561.proposicoesWeb2?codteor=1501093&filename=Avulso+-PDC+539/2016). Acesso em 20/01/2021.

SARTRI, Milena Maria. Transsexualidade e diagnóstico, “esse papo já tá qualquer coisa”. In: MILANEZ, Nilton, AMARAL, Ricardo, MOURA, Ismarina. **Transexualidades: o que pode o corpo?** João Pessoa, PB: Marca de Fantasia, 2019.

SOBRINHO, Wanderley Preite. Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas, aponta relatório. UOL, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 25/12/2020.

VELOSO, Caetano. Faixa nº 1. Totalmente demais. Universal Music, [1986], 2011.

Um estranho no Ninho. Título original: One Flew Over the Cuckoo's Nest. Direção: Milos Forman. Produção: Michael Douglas e Saul Zaentz. Interpretado: Michael Berryman, Jack Nicholson, Louise Fletcher. País: EUA. Ano 1975.

## YOTUBOLOGIA

Aspectos genéticos da homossexualidade. Publicado por Drauzio Varella. 2016 Vídeo (31:42min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N-gVgQcZ91Q&t=997s>. Acesso em 02 jun. 2020.

Ato médico e "cura gay" - Boteco Behaviorista #21. Publicado por Boteco Behaviorista. 2013. Vídeo (01:14:19min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HYQGkY13HtE>. Acesso em 02 jun. 2020.

Bolsonaro critica decisão do STF sobre Homofobia | SBT Brasil (14/06/19). Publicado por SBT Jornalismo. 2019. Vídeo (02:17min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NY8YH-nMlrQ>. Acesso em 02 jun. 2020.

'Cura gay': Defensoria intervém na ação que permite tratar a homossexualidade como doença. TV Senado. 2017 Vídeo (22:55min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cyeHAvZoG3o&t=442s>. Acesso em 02 jun. 2020.

Cura Gay. Isso existe?. Publicado por Psicólogos em São Paulo. 2017. Vídeo (09:04min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DEqGhTuiMfl>. Acesso em 02 jun. 2020.

Cura gay: terapia ou tortura? A verdade! - põe na roda. Publicado por Põe Na Roda. 2017. Vídeo (13:09min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nkEPIyvsM2A>. Acesso em 02 jun. 2020.

Jair Bolsonaro elogia economia e faz piada homofóbica: 'hétero virou qualidade'. Publicado pela UOL. 2020. Vídeo (02:01min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=prB3BS2wWCE>. Acesso em 02 jun. 2020.

Jovem deixa de viver a prática homossexual 22/9/15 Bloco 2. Publicado por TV Canção Nova. 2015. Vídeo (04:37min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zoL4cSqvj2k&t=50s>. Acesso em 02 jun. 2020.

Silas Malafaia audiência homossexualismo 29/11/11. Publicado por Michelnaweb. 2011. Vídeo (15:31min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2fbhpcQs6xl>. Acesso em 02 jun. 2020.

Testemunho - Felipe Valentino (ex travesti). Publicado por Christeen Movement. 2017. Vídeo (01:10:44min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3VyhJK7kOXY>. Acesso em 02 jun. 2020.

União homoafetiva e cura gay foram pontos questionados em sabatina de PGR. Publicado pela TV Senado. 2019. Vídeo (10:39min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kpeQtD7yktk>. Acesso em 02 jun. 2020.

"Você tem uma cara de homossexual terrível", diz Bolsonaro para repórter | uol trends. Publicado pela UOL. 2019. Vídeo (04:41min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lgDuGBe19lg>. Acesso em 02 jun. 2020.

